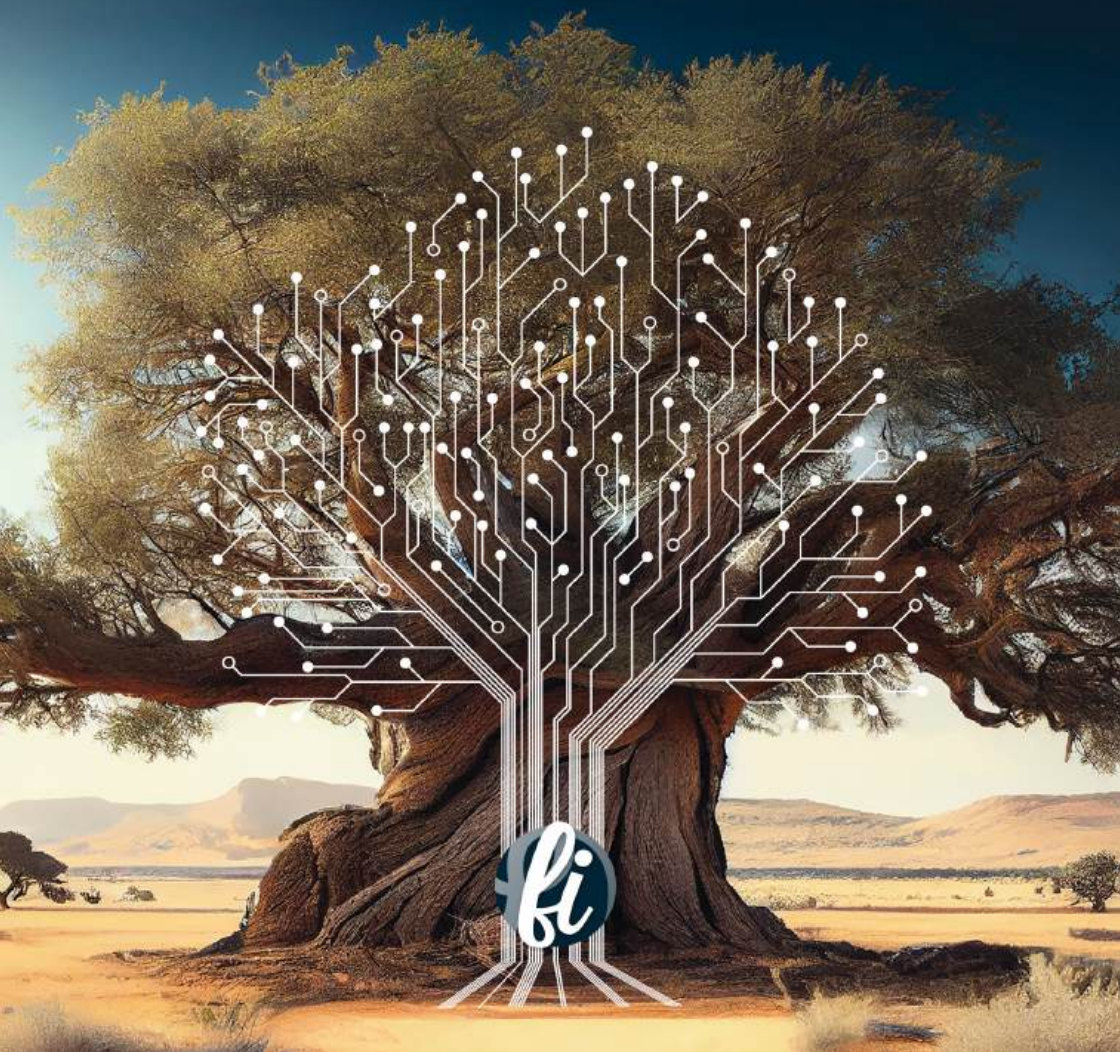


A era do prompt

Inteligência artificial, colonialismo,
devires e desinformação

Pollyana Ferrari



A ERA DO PROMPT

Direção Editorial

Lucas Fontella Margoni
(*in memoriam*)

Comitê Científico

Prof. Dr. André Lemos

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Prof. Dra. Lucia Santaella

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Prof. Dr. Luis Alberto Beserra de Farias

Universidade de São Paulo (USP).

Prof. Dr. Fábio Cypriano

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Prof. Dr. Marcus Vinícius Bastos

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

A ERA DO PROMPT

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL, COLONIALISMO, DEVIRES E DESINFORMAÇÃO

Pollyana Ferrari



Diagramação: Marcelo Alves

Capa: Gabrielle do Carmo

Fotografia / Imagem de Capa: Renata Senna

Revisão: Marcos Messerschmidt



A Editora Fi segue orientação da política de distribuição e compartilhamento da Creative Commons Atribuição-Compartilhual 4.0 Internacional https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F375e

Ferrari, Pollyana

A era do prompt: inteligência artificial, colonialismo, devires e desinformação [recurso eletrônico] / Pollyana Ferrari. –
Cachoeirinha : Fi, 2024.

138p.

ISBN 978-65-85958-35-6

DOI 10.22350/9786585958356

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. Comunicação social – Inteligência artificial. I. Título.

CDU 659.3:004.8

“É preciso contracolonizar a estrutura organizativa”

Antônio Bispo dos Santos

“Aprendemos a voar como os pássaros e a nadar como os peixes,
mas não aprendemos a conviver como irmãos”

Martin Luther King

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, sempre comigo. Agradeço a todos os amigos, pensadores, pesquisadores e autores que colaboraram para a feitura desta tese de Livre Docência, agora transformada em livro. Conhecimento é sempre uma construção coletiva! Que possamos seguir juntos, juntas, sendo baobá. Considerada por muitos como uma espécie de árvore da vida, a identidade social africana de alguns povos é interpretada pela ideia de que as raízes do baobá representam os ancestrais e as memórias da comunidade, enquanto o tronco seriam as crianças e os jovens em crescimento. À Editora Fi, sempre disseminando as pesquisas acadêmicas brasileiras com empenho.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| Prefácio | 11 |
| Em busca de um dever afetuoso em meio à digitalização | |
| <i>Beth Saad</i> | |
| Diário de bordo | 19 |
| VOLTANDO ÀS ORIGENS | 20 |
| ELIZA E O MANDIC BBS | 23 |
| JEAN PAUL JACOB..... | 24 |
| CORRESPONDENTE NOS EUA | 25 |
| “LEIA E OUÇA” | 25 |
| MESTRADO NA USP | 26 |
| USABILIDADE E EXERCÍCIO DE JORNALISMO DENTRO DO FORMATO PORTAL | 27 |
| TV CULTURA | 28 |
| REMIX NARRATIVO | 29 |
| CAMPUS PARTY BRASIL..... | 30 |
| UMA CAIPIRA NA PÓS-GRADUAÇÃO..... | 30 |
| SOCIEDADE REMIXADA..... | 31 |
| NO TEMPO DAS TELAS..... | 32 |
| SALA DE AULA..... | 32 |
| PÓS-DOCTORADO NA SERRA DA ESTRELA (PORTUGAL)..... | 33 |
| DESINFORMAÇÃO E OUTROS MALES..... | 34 |
| PANDEMIA DE COVID- 19..... | 34 |
| “FLAGELOS DA DESINFORMAÇÃO”..... | 35 |
| 1 | 37 |
| A desincorporação do ser humano | |
| 2 | 47 |
| Descolonialize-se | |
| PASSADO COLONIAL E SISTEMA CAPITALISTA..... | 51 |
| GREVE NOS ESTÚDIOS..... | 55 |
| 3 | 67 |
| Desinformação e telas | |
| ELIZA E SEUS DESCENDENTES..... | 72 |
| AUTORREGULAÇÃO OU REGULAÇÃO VIA LEIS GOVERNAMENTAIS..... | 83 |

| | |
|--|------------|
| 4 | 85 |
| Guerra de narrativas | |
| O APAGAMENTO QUE PROMOVE A DESINFORMAÇÃO..... | 88 |
| DEEPFAKES E PÓS-VERDADE..... | 93 |
| 5 | 99 |
| Regular é preciso | |
| COMO SERÁ A PRODUÇÃO DE CONTEÚDO NA ERA DA IA GENERATIVA?..... | 104 |
| 6 | 111 |
| Dataficação da vida | |
| OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL..... | 115 |
| Epílogo | 119 |
| Devires e afetos | |
| SEPARAÇÕES, MUROS E AFINS..... | 125 |
| Referências | 127 |
| Sobre a autora | 135 |
| Projetos de Pesquisa | 137 |
| DESCENDENTES DE ELIZA (PESQUISA ATUAL)..... | 138 |

PREFÁCIO

EM BUSCA DE UM DEVIR AFETUOSO EM MEIO À DIGITALIZAÇÃO

*Beth Saad*¹

Uma das qualidades de um bom livro é o quanto ele nos surpreende. E esta obra de Pollyana Ferrari surpreende desde a primeira página. Tratar de temas complexos, múltiplos, interconectados e em linguagem acessível é um feito nestes tempos impermanentes como o que vivenciamos. O livro *A era do prompt: Inteligência artificial, colonialismo, devires e desinformação* trata da assimetria de nosso contemporâneo digitalizado, permeado por relações não apenas sociais e comunicativas, mas relações sociotécnicas. Emergem, ao longo da leitura, novos olhares sobre o devir, os poderes que nos entornam, nossa identidade e subjetividade, os afetos que buscamos e, especialmente, sobre as transformações técnicas dos dispositivos de mediação e comunicação e seus imbricamentos no cotidiano.

O porte desta obra corresponde à experiência da autora. Discorrer sobre impactos da inteligência artificial e sua conexão à ideologia colonialista das big techs; questionar sobre as consequências sociais, comportamentais e políticas produzidas por este cenário que desembocam numa sociedade desinformada; correlacionar historicamente o presente com um passado esquecido e um devir incerto só é possível a partir da experiência de quem passou por

¹ Prof.^a Dr.^a Elizabeth Saad (Beth Saad) é Professora Titular Sênior da Escola de Comunicações e Artes Universidade de São Paulo – ECA-USP. É docente credenciada junto ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação e coordenadora do Grupo de Pesquisa COM+. bethsaad@usp.br; bethsaad@gmail.com

praticamente todas as transformações desde os inícios de 1990 com a instalação da internet comercial no Brasil e, também mundo afora, em diferentes escalas.

Estamos diante de uma autora (e seus leitores também) impactada pelos efeitos da inteligência artificial e que nos apresenta um olhar sombrio, mas esclarecedor: “[...] a construção de relações digitais distópicas por meio de discursos de ódio, desinformação, cultura do cancelamento e comportamentos polarizados, vitaminados pelas redes sociais e seus algoritmos [...]”. Realista por apontar questões fortes e, ao mesmo tempo, esperançosa diante do devir e da capacidade cidadã e dos afetos do homem-social.

Descolonizar-nos fundeia a proposta de Pollyana. Na esteira, a autora complementa com a âncora antirracista. Um binômio complexo diante de um passado colonial, um sistema capitalista e uma lógica socioeconômica neoliberal. E, no caso da sociedade brasileira, é possível afirmar que ainda vivemos a herança colonial do descobrimento e do escravagismo traduzida por uma presença significativa de elites tradicionais e cada vez mais polarizadas. A saída possível implica em priorizar os afetos. Algo em construção.

Sua abordagem é representada neste trecho: “[...] a descolonização pelo afeto pode nos ajudar a entrever as ambivalências, as dobras, a multiplicidade de sentidos, saberes e memórias nesta época em que a inteligência artificial ganha muito espaço nas empresas, na mídia e promete alterar o modo como interagimos com os outros e com as coisas”.

Enquanto redijo este prefácio ocorre o incensado festival SXSW em Austin, Texas. O evento, em seus primórdios, caracterizava-se como o conagraçamento da disrupção e do alternativo a partir de inovações sociais e tecnológicas. Hoje passo pela experiência de selecionar, na

programação, quais daqueles conteúdos permanecem disruptivos. Estou diante de uma miríade temática na qual a transversalidade do digital perpassa governança, saúde, educação, publicidade e marcas, relações de trabalho, energia, design, alimentos, cultura, estética e futurismo (o mais atraente!). Me pergunto se o SXSW se colonizou ou se sempre representou o capitalismo travestido inicialmente de ruptura...

De toda forma, a diversidade temática do festival representa o que somos e para onde caminhamos conduzidos por ambiências híbridas e ubíquas que, no dizer da pesquisadora Giselle Beiguelman, servem como alimentação de uma dadosfera-matriz dos sistemas tecnológicos numéricos geradores de assimetrias entre poderes e vigilância algorítmica sobre as relações entre indivíduos.

Mesmo assim, podemos perseguir rupturas e questionar! Por exemplo, um dos painéis intitulado “*Can AI help us become more human?*” trata de como construir salvaguardas que promovam a autenticidade na autoexpressão alimentada pela IA; IA como “facilitadora” em interações um-a-um; e o potencial da IA para oferecer insights baseados em dados que orientam os usuários no caminho para alcançar seus objetivos.

Parece que podemos questionar, desde que com a lógica da inteligência artificial. Mas, necessito concordar com Pollyana Ferrari: podemos ser parceiros da inteligência artificial desde que com afeto, mesmo que este esteja mergulhando dentro de um nevoeiro, parafraseando o arquiteto Guilherme Wisnik, que vislumbra um futuro em suspensão.

Enfatizo, neste ponto, a visão de névoa ou de nuvem que nos abriga e que Wisnik tão bem retrata. Para ele “estar em meio à névoa é viver, assim, a experiência da imponderabilidade do devir, ou seja, de que algo

diverso do que está dado está na iminência de advir”². Coerente às proposições de Ferrari.

Todos os questionamentos apresentados nesta obra estão muito bem fundamentados num conjunto de referências autorais importantes. Filósofos e sociólogos da escola francesa são necessários à compreensão de nossos dias, mesmo que a grande maioria deles não tenha vivenciado a digitalização. Como seria possível entender as relações de poder e de (bio)política sem a inclusão de Michel Foucault, Jean-Paul Sartre, Jean Beaudrillard? Como entender uma vida rizomática sem ler Delleuze & Guattari? Ou toda essa complexidade cotidiana, sem nos basear em Edgar Morin e na liquidez proposta por Zygmunt Bauman? E não nos esquecendo da espetacularização da sociedade tão bem descrita por Guy Debord.

Por outro lado, uma sucessão de autores contemporâneos complementa o embasamento de *A era do prompt: Inteligência artificial, colonialismo, devires e desinformação* e emoldura os dias mais recentes. Diferencial, a contribuição que Pollyana traz a partir do pensamento da filósofa e professora emérita da Harvard Business School, Shoshana Zuboff, que detalha como o ideário capitalista tomou conta do cotidiano pós-internet com seu livro *A Era do Capitalismo de Vigilância*. Zuboff afirma que o capitalismo de vigilância tem apenas 20 anos, se muito, mas sem qualquer tipo de freio legal, especialmente por parte dos Estados Unidos, sede da maioria das big techs.

Mas ela tem uma visão otimista. Em recente entrevista ao jornal *El País*³ afirma: “Não sei se podemos dizer que chegamos ao ponto de inflexão, mas acredito que estamos próximos: nos círculos de

² <https://aterraeredonda.com.br/dentro-do-nevoeiro/>

³ Disponível em <https://brasil.elpais.com/ideas/2020-10-11/shoshana-zuboff-o-neoliberalismo-destrocou-tudo-temos-que-comecar-do-zero.html>

investimento há o reconhecimento do fracasso do paradigma financeiro das últimas cinco décadas, de que prejudicou democracias, acabou causando um aumento dos monopólios e nem sequer está sendo tão útil para eles quanto gostariam. Nossa ambição não só deveria ser ter mais diversidade de paradigmas econômicos, mas buscar um novo consenso, já que o neoliberalismo destróçou tudo”.

Ao trazer as questões de regulação, retomo as proposições de Ferrari quanto ao potencial de desinformação que uma sociedade ditada pelo ChatGPT pode absorver. Descolonização e educação midiática são fundamentais para quebrar o ciclo de consumo desenfreado, interações superficiais entre os indivíduos em rede e, principalmente a facilidade de colocar vozes discordantes no limbo do cancelamento. A educação midiática se baseia em afetos, em afinidades e identidades e não em conexões numéricas que *dão matches* determinados por algoritmos.

Não é um processo simples e nem imediato, mas necessário para frear a autonomia reivindicada pelas big techs. Nisso, a União Européia está na vanguarda, tendo aprovado em 2016 o Regulamento Geral de Proteção de Dados⁴ e, muito recentemente, com a aprovação pelo Parlamento Europeu da Lei de Inteligência Artificial⁵ que poderá se constituir no farol para os demais países do Ocidente para uma regulação que priorize o humano e não os bancos de dados.

O que Ferrari preconiza no tema está diretamente conectado à Lei Europeia. Apenas para ilustrar, tem-se que “As novas regras proíbem determinadas aplicações de IA que ameaçam os direitos dos cidadãos, incluindo sistemas de categorização biométrica baseados em

⁴ Disponível em <https://eur-lex.europa.eu/PT/legal-content/summary/general-data-protection-regulation-gdpr.html>

⁵ Disponível em <https://www.europarl.europa.eu/news/pt/press-room/20240308IPR19015/regulamento-inteligencia-artificial-parlamento-aprova-legislacao-historica>

características sensíveis e a recolha não direcionada de imagens faciais da Internet ou de televisão em circuito fechado para criar bases de dados de reconhecimento facial. Serão também proibidos o reconhecimento de emoções no local de trabalho e nas escolas, a classificação social, o policiamento preditivo (quando se baseia exclusivamente na definição de perfis de uma pessoa ou na avaliação das suas características) e a IA que manipula o comportamento humano ou explora as vulnerabilidades das pessoas”.

São avanços concretos que podem deter e regular a polarização vigente, a construção de narrativas que desinformam e alcançam uma amplitude estratosférica, o direcionamento da opinião pública e até mesmo sua manipulação, e estimular a educação política de atores, agentes e usuários de um atual sistema algorítmico contaminado.

Ainda referenciando autorias, Ferrari nos oferece um importante contexto hiper contemporâneo com o pensamento crítico do filósofo coreano Byung-Chul Han. Estamos diante de um ensaísta crítico que transita entre Oriente e Ocidente e com uma formação intelectual alemã.

Han corrobora os questionamentos aqui apresentados, já que incita seus leitores a entender e repensar quem somos, como nos comportamos e como mergulhamos sem limites no mundo complexo que se configurou após o boom da globalização neoliberal e a decorrente massificação do digital como meio de ruptura de espaços, territórios e temporalidades.

Em livro recente que tive a honra de prefaciar⁶, sustento que Han é um sinalizador atento de nosso tempo. Produz continuamente alertas sobre aspectos de sociabilidade que, muitas vezes, ignoramos para

⁶ <https://loja.paulus.com.br/byung-chul-han-e-a-hipercomunicacao/p>

participar da aceleração coletiva que nos impõe sistemas de relacionamento plataformizados, mediados por algoritmos proprietários de organizações que atuam globalmente e que, na realidade, fragmentam e direcionam nosso comportamento segundo seus interesses econômicos e geopolíticos. Han direciona suas atenções para as singularidades de nosso tempo e critica a aceleração defendida por diferentes autores. Não à toa, Byung-Chul Han permeia a obra de Ferrari.

Somando-se a Chul Han temos a importante contribuição de bel hooks. Pollyana Ferrari nos instiga ao discutir esta mulher que representa toda uma visão agregadora de feminismo, política, afetos, educação como prática libertadora e, especialmente, sua defesa do amor para além do sentimento, mas como uma ação capaz de transformar o niilismo, a ganância e a obsessão pelo poder que dominam nossa cultura. Hooks navega por Ferrari como uma voz libertadora diante dos múltiplos aspectos deste contemporâneo delineado nesta obra.

Destaco até este ponto os principais temas que a autora aborda em *A era do prompt: Inteligência artificial, colonialismo, devires e desinformação*: poder das big techs, desinformação, inteligência artificial e suas relações distópicas, política e ética. Temas tratados academicamente, como se espera de uma tese de livre-docência. Mas, estou diante de uma obra que integra ao necessário academicismo todo um conjunto de referências dos campos correlatos e de fontes jornalísticas e da cultura geral.

Com isso, os leitores podem se identificar com a atualidade de nosso tempo complexo – entidades sociais, fontes jornalísticas, relatórios, dentre outros conteúdos que revelam a porção Pollyana-jornalista nunca abandonada ao longo de seu percurso acadêmico. Digo que a narrativa que vamos adentrar trafega pelo sensível, pela

subjetividade autoral e por uma atualidade extrema muito bem fundamentada.

Por fim, não posso deixar de iluminar a porção Pollyana-poeta. Ao longo dos mais de 20 anos de nossa convivência, período povoado ora por distanciamentos ora por proximidades típicos do mundo acadêmico, constatei, nesta sua mais recente obra, poemas muito sensíveis. Poemas que retratam a multiplicidade daquilo que todas nós batalhamos pelo justo protagonismo – mulher, mãe, acadêmica, profissional e, também, poeta. Um fechamento deste prefácio que consolida o caráter surpreendente que inicia este texto. Deixo aqui uma breve estrofe de Polly que nos convida à leitura deste livro:

*Decido sair na chuva
me molhar sem pressa
na busca por chocolate, sorriso
e beijo*

(Pollyana, 2009)

DIÁRIO DE BORDO

Nestes 35 anos de jornalismo e 24 de docência e pesquisas sobre a mídia digital e sua relação com o humano, reli recentemente o último parágrafo do meu mestrado (2002) na USP. “Hoje, me vejo relendo *Cem anos de solidão* e me descubro sem culpa por não acordar e correr para frente do micro; sinto vontade de deixar o celular desligado; acho que chat nenhum substitui um banho quente e um beijo do ser amado. Enfim, ando refletindo sobre a terra. Afinal, alguém tem que plantar arroz, enquanto outros navegam pela Web”. Nesta era do prompt (símbolo ou mensagem exibido em uma linha de comando ou interface de linha de comando que indica que o sistema está pronto para receber um comando ou entrada do usuário), com a chegada da inteligência artificial generativa (IAG) em 2022, presenciamos a descorporificação do ser humano, muitas vezes reduzido a operador de pedidos em texto [prompt] para realização de um vídeo, música, filme, foto e o que mais chegar nesta era polarizada.

Para o ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Luís Roberto Barroso, durante aula Magna na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, no dia 04 de março de 2024⁷, “a chegada da Inteligência Artificial Generativa, com o ChatGPT pode ser comparada à chegada da máquina de imprensa de Gutenberg, no século XV, tão grande está sendo seu impacto nas profissões, eleições, relações humanas e sociedade.

⁷ Disponível entrevista prévia com o ministro Barroso em <https://www.youtube.com/watch?v=PtLY4Elxy-4>

Se gostar de ler ouvindo música, aproveita e baixa a playlist (https://open.spotify.com/playlist/1Gkiq2M4q03GNWYvJcYGJE?si=R9-KHHXWT_eW-RT1Y68fAA&pi=u-TwQeoYDfRYaO), que foi pensada com muito afeto, e vai ouvindo enquanto lê!

Sou Livre Docente em Comunicação e Educação pela PUC-SP, doutora e mestre em Comunicação Social pela Universidade de São Paulo (USP), professora do Departamento de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias da Inteligência e Design Digital (TIDD), ambos da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Autora de 11 livros sobre comunicação digital, entre eles *Descolonizar pelo afeto* (Veríssima, 2023), *Como sair das bolhas* (2 edição, Educ, 2021), *Jornalismo Digital* (4 edição, Contexto, 2010) e *A força da mídia social* (2 edição, Estação das Letras e Cores, 2015). Compartilhar meu percurso de trabalho e pesquisas vai ajudar o leitor a ver que nossas pegadas precisam refletir em tudo que fazemos. Aprendemos o caminho, caminhando.

VOLTANDO ÀS ORIGENS

Aos 13 anos, comecei a trabalhar na loja de roupas femininas que meus pais tinham no centro de Piracicaba. Meus dias eram divididos entre a loja, o colégio Salesiano Dom Bosco, a piscina de 50 metros do clube da cidade e o *Círculo do Livro*, onde era fã de carteirinha dos livros de Agatha Christie e Júlio Verne. O clássico *A volta ao mundo em 80 dias* era lido e relido com entusiasmo. Aos 16 anos, fiz um curso de datilografia no Senac e posso dizer que o amor pela Olivetti Lettera 35 portátil, uma máquina de teclas brancas e redondas, mudou meu destino. Comecei a escrever histórias, poesias e a Lettera tornou-se

minha grande companhia. Foi dessa convivência que decidi que queria ser jornalista e estudar em São Paulo.

*O ano de 1987 foi um marco para mim. Prestei vestibular para Jornalismo e tornei-me filha da PUC-SP. A mudança do ensino médio para a fase universitária foi uma das mais marcantes na minha vida. Eu demorei uns seis meses para perceber como minha vida tinha mudado radicalmente. Em uma noite fria de junho, por exemplo, conheci Hilda Hilst⁸ em um sarau de poesia promovido pelo pessoal do teatro. Vivía um momento rico da minha vida, dividida entre o curso de Jornalismo, que cursava na PUC-SP, o curso de teatro no TUCA e o estágio no jornal *Porandubas*, veículo de comunicação da PUC-SP na época. Em meio a esse turbilhão de coisas paralelas, ainda escrevia poesias. Elas brotavam em bloquinhos de papel que carregava no metrô, no ônibus.*

A paixão pela PUC-SP foi logo no primeiro dia. E olha que a minha chegada foi pitoresca. Vinda do interior, acabei no prédio novo em uma sala do Direito. Isso porque eu era aluna de Jornalismo, mas entrei na sala errada, fiquei quieta, fiz pedágio na avenida Sumaré, fui parar no bar com os veteranos, e só lá percebi que estava no curso errado, que meu prédio era do outro lado da rua Monte Alegre, lá na extinta COMFIL, hoje rebatizada de FAFICLA. Pelos corredores comecei a exercitar a percepção e ver tipos bem ecléticos, pois toda Universidade tem suas tribos e na PUC-SP não era diferente. Logo percebi que as meninas da Psicologia eram as mais requisitadas pelos garotos de todos os cursos – talvez fosse o estilo das saias longas e as batas displicentes. Fiz grandes amigos na biblioteca. Eu estudava pela manhã, estagiava no *Porandubas* à tarde e ainda fazia teatro à noite.

⁸ Hilda Hilst foi uma das maiores poetisas deste país.

Participar do grupo de teatro do TUCA me fazia sonhar com Hamlet, melhorar a voz em aulas de canto, pensar em outras sequências que Zeffirelli pudesse ter colocado em seu “Romeu e Julieta” e promover grandes discussões no finado Docas⁹. Tudo ao mesmo tempo que discutia, com o coletivo do curso de Jornalismo, a nossa escolha pelo personagem “Benevides Paixão”, do cartunista Angeli, como patrono do nosso Centro Acadêmico; enquanto em outros diretórios acadêmicos, Wladimir Herzog era homenageado. Hoje, vejo que a dualidade que me fazia ser companheira de militância, por exemplo, nas RADs - Reuniões Abertas Deliberativas, também me fazia irreverente e apaixonada pelos fantásticos personagens da tira “Chiclete com Banana”, de Angeli.

Do *Porandubas* saltei para o jornal *DCI* e fiz grandes descobertas como repórter – tudo registrado em reportagens escritas durante as madrugadas na *Lettera* 35. Também fazia *freelancer* para o jornal de tecnologia *Datanews*, da IDG, e lá conheci o primeiro modelo de micromputador IBM-PC, modelo XT, que rodava o sistema operacional DOS e era comercializado pela empresa Cobra. Logo me apaixonei pelo equipamento e decidi guardar dinheiro para comprar um para mim.

A partir de contatos com engenheiros de software e de hardware, durante as entrevistas para o *Datanews*, conheci Aleksandar Mandic, um engenheiro da *Siemens* que desejava criar um BBS (Bulletin Board System), espaço online para troca de conhecimentos e bate-papo pela internet. Sempre fui curiosa e em alguns meses tornei-me a terceira mulher a fazer parte da Mandic BBS. Eu, que desde os 18 anos me acostumei a ler Marx e achar respostas para as minhas inquietações em

⁹ Docas. Extinto bar da rua Monte Alegre, quase esquina com a rua Bartira, onde uma geração de estudantes de Jornalismo da PUC-SP tomou muita cerveja, namorou, derrubou coordenações de curso, discutiu a evolução das Diretas na construção da democracia brasileira, entre muitos outros assuntos. O lugar era sujo, desprovido de charme, o banheiro engordurado, nem conseguimos abrir a torneira da pia. Mas nada disso importava.

Marcuse e Baudrillard, vi na difusão da Internet um dos vários portais para se chegar à inteligência coletiva do início do século XXI.

ELIZA E O MANDIC BBS

Quantas noites mal dormidas conversando com a psicoterapeuta Eliza, primeira personagem totalmente computadorizada criada em 1966 por Joseph Weizenbaum, professor de Ciência da Computação do Massachusetts Institute of Technology (MIT).

Eu passava minhas noites interagindo com Eliza. Ela foi uma febre nos BBS. Chegava em casa e, antes mesmo de tirar o sapato, ligava meu maravilhoso XT, com disquetes de 5 1/4, chamava Eliza e começava a seção de terapia online. Era a dualidade de uma marxista que também virava às madrugadas no IRC, em grandes bate-papos sobre o Brasil democrático e as propostas de Jung para decifrar nosso subconsciente, outra paixão que aprendi a estudar em minhas seções de terapia, que fiz por quase uma década.

O salto para trabalhar como repórter no jornal *O Estado de S. Paulo* aconteceu na esteira das discussões sobre a abertura do mercado de informática que travávamos na Mandic em mensagens de texto, comentários e bate-papo online no moderno sistema operacional DOS. Comecei a escrever reportagens para o jornal como colaboradora e em 1991 já estava na redação. Vivíamos o final da reserva de mercado de informática¹⁰ e, no mesmo ano, junto com o jornalista Luciano Martins, criei a primeira coluna sobre BBS no jornalismo impresso brasileiro. O caderno *Informática*, hoje rebatizado de *Link*, vivia seu tempo de glória.

¹⁰ Com o objetivo de criar uma indústria local e obter tecnologia de ponta, o Brasil viveu, entre 1977 e 1991, uma política de reserva de mercado de informática. A falta de coordenação, instrumentos eficientes e eficazes para atingir tais objetivos fizeram com que não se chegasse ao efeito esperado. A importância da abertura do mercado de informática, a partir do início dos anos 1990, demonstra que o protecionismo não mais encontrava espaço no mercado.

Fechávamos uma média de 24 até 64 páginas semanais com reportagens sobre tecnologia.

Fui repórter, redatora e editora-assistente do caderno *Informática*. Em 1994, consegui meu primeiro endereço eletrônico com amigos que trabalhavam na Escola do Futuro, na USP. Ter um endereço de e-mail era algo muito moderno e desafiador. Cobri ao vivo para o jornal o nascimento do sistema operacional Windows 95, com Bill Gates anunciando a novidade por videoconferência no Memorial da América Latina, em São Paulo. E presenciei como a recém-nascida World Wide Web (WWW) começava a conquistar milhares de usuários no Brasil. Fui pelo *Estado de S. Paulo* para Sausalito, Califórnia, cobrir a chegada do sistema AutoCAD para Windows, que na sua versão 10, trazia toda a capacidade de processamento do moderno IBM-PC 386. Entrevistei o pesquisador da IBM Jean Paul Jacob, considerado um dos gênios da informática.

JEAN PAUL JACOB

Ele dizia que “a multimídia será para os anos 1990 o que o PC foi para os anos 1980: grande propulsor das inovações tecnológicas”. Cobri o primeiro seminário sobre Inteligência Artificial no Brasil com o PhD em matemática Marvin Minsky, entre outras reportagens. Em 1996, eu e um sócio montamos a primeira incubadora de sites do mercado brasileiro, a Polipress. Na época, chamávamos de agência de notícias. Precoce, o empreendimento acabou não se viabilizando financeiramente, mas criamos websites que foram referência na época, como o da Telesp Celular, antiga Telefônica. Website da Mandic, revista *.net*, que discutia a recém-chegada internet gráfica, Brasoft Games, entre outros clientes. Se tivesse nascido cinco anos depois,

possivelmente eu teria ficado rica. Mas aprendi muito. Passava as madrugadas digitalizando e reduzindo as imagens no software Photoshop, da Adobe – tudo na mão, pixel por pixel, brilho por brilho. No mesmo ano nasceram os portais UOL e ZAZ e com eles a Internet ganhou força e visibilidade.

CORRESPONDENTE NOS EUA

Em 1997, fui morar nos Estados Unidos, mais especificamente em São Francisco, e trabalhar como correspondente da IDG, cobrindo as novidades do Vale do Silício na Califórnia. A mudança ocorreu com toda a família. Rafael, o caçula, com apenas cinco meses, e Lucas com seis anos. Não foi fácil para um casal de jornalistas enfrentar uma rotina diferente com duas crianças pequenas. Mas pude vivenciar a ascensão da banda larga, já que todas as casas eram cabeadas e me deslumbrar com a rapidez do acesso e as novidades oferecidas pela AOL, que dominava o mercado de Internet no final dos anos 1990. Em paralelo fui colaboradora da revista *Byte*, publicada no Brasil pela editora Rever.

Enquanto morava em São Francisco, cobri várias feiras como a *MacWorld*, lançamento de programas de computador e também eventos de tecnologia. Em uma das reportagens mais marcantes, fui a San Diego cobrir um Congresso sobre “Medicine Meets virtual Reality” onde se discutia o uso do VMET (The Virtual Medical Trainer), para simulação em 3D de procedimentos médicos emergenciais em um hospital. Foi uma época de imenso aprendizado.

“LEIA E OUÇA”

Fui chamada, enquanto ainda estava nos Estados Unidos, para editar o website da revista *Época* que nasceria logo depois, em 22 de

maio de 1998. Tive o prazer de, com uma equipe mínima, aprender na prática como se faz um website de revista vitorioso. Fomos a primeira revista semanal a colocar a página na Internet com noticiário diário e a fazer o *crossover* de mídias, com a matéria de capa “Leia e Ouça”, em 21 de novembro, o que nos rendeu ½ página no *Le Monde* e uma coluna inteira do ombudsman do jornal *Folha de S. Paulo*, além de várias entrevistas para pesquisadores acadêmicos interessados em discutir a convergência midiática.

MESTRADO NA USP

Resolvi que estava na hora de voltar ao banco escolar e prestei provas para fazer mestrado na ECA-USP. Em 1999, tornei-me mestranda em Ciências da Comunicação. Vivíamos a “bolha da Internet” em 2000. A dissertação de mestrado, intitulada “Usabilidade e exercício de jornalismo dentro do formato portal no Brasil” (2002) teve objetivo de analisar os três maiores portais brasileiros sob o ponto de vista da usabilidade e exercício do jornalismo. Nesse ano a Internet grátis no Brasil também me pegou. Fui chamada para ser diretora de portal e cuidar de todo o conteúdo do IG. De lambuja, ganhei o IG Serviços, o primeiro portal de serviços da Internet brasileira, e o IG Papo, com sua jornada de dez convidados diários, sete dias por semana.

Nunca aprendi tanto sobre jornalismo online, hierarquias e investidores. Devo ao IG a mudança de 180 graus na minha vida profissional e a escolha do tema “portal” como objeto de estudo e pesquisa acadêmica no mestrado. Respirei, dormi e acordei com essa palavra na cabeça enquanto estive no IG e tocava ao mesmo tempo o mestrado, entre lições dos filhos pequenos, que muitas vezes eram feitas dentro da redação do IG, enquanto brincavam com o mascote IG.

USABILIDADE E EXERCÍCIO DE JORNALISMO DENTRO DO FORMATO PORTAL

Em 27 de maio de 2002, tornei-me mestre em Ciências da Comunicação, Área de Concentração: Jornalismo, Mercado e Tecnologia, pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, com a dissertação “Usabilidade e exercício de jornalismo dentro do formato portal no Brasil”¹¹. Em minha dissertação, que investigou o formato portal e sua relação com o Jornalismo Digital, eu estava interessada em saber como as diferenças de arquitetura entre os públicos de um portal afetavam a sociabilidade, a identidade e a edição jornalística. Avaliei os três maiores portais brasileiros (UOL, Terra e Globo) para saber como a usabilidade pode ajudar a criar websites campeões de audiência.

Todas as minhas proposições convergiram para mostrar a formação de empresas informativas, com investimentos massivos em tecnologia, conteúdo e serviços. Em paralelo resolvi prestar, em 2000, concurso para docente na PUC-SP. Já havia ministrado duas turmas de Jornalismo Online na ECA-USP como PAE (Professor Auxiliar de Ensino) e tinha adorado dar aula e trocar conhecimentos com os alunos. Começava aqui meu plano de sair de redação e tornar-me docente. Em janeiro de 2001, comecei a ministrar Edição Jornalística e Jornalismo Online na PUC-SP, onde estou até hoje.

“Você percebe que está imerso no mundo virtual quando, ao dirigir seu carro em direção ao supermercado, ouve pelo rádio a notícia de um acidente com um avião na pista do aeroporto e, imediatamente, estaciona para ligar do celular para o plantonista da redação. Dita a notícia que anotou naquele bloquinho sempre à mão e indica uma visita

¹¹ Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/teixeira-pollyana-exercicio-do-jornalismo.pdf> acessado em 05 de

aos sites de trânsito para verificar se a área foi isolada. Em seguida, pede para pôr a nota no alto da tela, olhar a concorrência e também preparar uns hipertextos sobre acidentes aéreos com o resumo dos mais graves nos últimos anos. Aproveita e solicita ao *design*, que domina a tecnologia flash, para criar um infográfico multimídia explicando o que aconteceu. E ainda avisa que, se o assunto crescer é só ligar que você vai correndo para a redação”.

O trecho acima faz parte do livro “Jornalismo Digital”, que escrevi durante o mestrado e publiquei em 2003 pela editora Contexto. Com a publicação da obra, tornei-me referência no campo do jornalismo no suporte digital. A abrangência dos conhecimentos compartilhados no livro está presente em mais de 800 artigos científicos, tornando-se bibliografia básica adotada nos cursos de Jornalismo no Brasil.

A disciplina Narrativas Jornalísticas Online, que eu ministro anualmente na PUC-SP desde 2001, visa percorrer um caminho explicando como chegamos aqui com leituras que passam por Manuel Castells, Jesús Martín-Barbero, Byung-Chul Han, Lucia Santaella, entre outros pensadores, além de trabalhar com conteúdos criados especificamente para suportes digitais.

TV CULTURA

Respirando Jornalismo há duas décadas percebi que não conseguiria trabalhar 15 horas por dia num portal e ainda me dedicar à Academia. Saí do IG e fui ser editora-executiva do programa *Vitrine*, na TV Cultura. Com um programa semanal, consegui abraçar novas turmas na PUC-SP. Trabalhar com o jornalista Marcelo Tas também enriqueceu meu currículo, pois ganhei uma bagagem televisiva que não tinha.

Nascia, em 2002, o curso de Multimeios na PUC-SP, projeto pedagógico focado nas mídias digitais e no audiovisual.

Fui convidada para ministrar as disciplinas Hipertexto III e Hipermídia IV. Marshall McLuhan dizia que o progresso tecnológico iria transformar todo o planeta, reduzindo-o às proporções de aldeia. Quando o leitor deixa de ser passivo e começa também a gerar e transmitir conhecimento em rede, a aldeia global faz mais sentido. Estamos vivenciando na web a mesma adrenalina dos grandes navegadores como Colombo. Comecei a me interessar pelas Teorias da Recepção e resolvi mergulhar nas leituras sobre cognição e narrativas multimídia. Em 2004, mesmo ano do surgimento do Gmail, com 1GB de caixa de entrada disponível, passei no doutorado na ECA-USP.

REMIX NARRATIVO

No doutorado desenvolvi o experimento inédito Remix Narrativo, um banco de dados em PHP, linguagem de *script open source* de uso geral, muito utilizada, e especialmente adequada para o desenvolvimento web e que pode ser embutida dentro do HTML. Colaboração era a chave do projeto, inaugurado em 16 de setembro de 2005, com a pretensão de correlacionar o que chamamos, durante toda a pesquisa do meu doutorado na Universidade de São Paulo de *A rizomática aventura da hipermídia*, com narrativas estruturadas em forma de rizoma, um ambiente orgânico, quase biológico. Ele foi construído em um ambiente multiusuário participativo de troca de narrativas, sejam elas em formato texto (poesias, contos, folhetins, histórias cotidianas, urbanidades), formato imagético (fotografias, ilustrações, vídeos, recortes) ou formato comunitário, como listas de discussão,

comunidades, newsletters por e-mail. Quase um irmão mais novo do Twitter, que chegou logo depois.

CAMPUS PARTY BRASIL

Depois do Jornalismo Digital, um dos primeiros livros acadêmicos sobre o exercício da profissão no formato digital, e adotado até hoje em grande parte dos cursos de Jornalismo do Brasil, a editora Contexto me convidou a organizar a obra *Hipertexto, Hipermídia*. Fui convidada a participar da Campus Party Brasil (CPBR) — primeira edição brasileira, que ocorreu em 2008, em São Paulo – para interagir com os expositores e visitantes, apresentando a pesquisa do doutorado. A CPBR reuniu cerca de 3,3 mil campuseiros, de 18 países, entre os dias 11 e 17 de fevereiro, no prédio da Bienal de São Paulo.

Em meio às aulas na graduação, nos cursos de Jornalismo e Comunicação e Multimeios, aulas na pós-graduação **lato sensu** (COGEAE), também era docente da UNIFIEO, em Osasco, onde lecionei por sete anos nos cursos de Jornalismo e Design.

UMA CAIPIRA NA PÓS-GRADUAÇÃO

O ano de 2012 marca minha entrada como docente no programa de pós-graduação em Tecnologias da Inteligência e Design Digital (TIDD) e também no MBA de Gestão da Comunicação Empresarial, oferecido pela Associação Brasileira de Comunicação Empresarial (ABERJE), em parceria com a ESEG (Escola Superior de Engenharia e Gestão), com foco no desenvolvimento de narrativas online que criem valor para a organização, por meio de uma comunicação digital mais efetiva e ética.

Neste mesmo ano, lançamos, eu e o diretor Paulo Murilo Fonseca, o documentário *Transcrever* (2012), projeto audiovisual que trazia um

panorama das transformações dos meios de comunicação, expondo histórias e opiniões sobre a relação dos homens com a tecnologia. Por meio de vídeos e textos, apresentamos as mudanças ocorridas com suportes midiáticos, enfatizando a passagem dos livros impressos para a realidade fluída dos tablets.

O consumo de livros nos Estados Unidos se dava principalmente por meio da Internet, através do uso de diversos tipos de tablets, como o Kindle e o iPad. A venda de e-readers cresceu 164,8% no ano de 2010, segundo a Association of American Publishers, que reúne as principais editoras dos EUA. A mobilidade tornou-se a tônica de 2011, segundo estudo da TMT Predictions com executivos de grandes empresas. Lucia Santaella, Heloísa Buarque de Hollanda, Luli Radfahrer, entre outros entrevistados, narram suas experiências com o livro. O documentário foi exibido na *TV Cultura* e *Canal Brasil*, tendo alguns episódios disponíveis no YouTube.

SOCIEDADE REMIXADA

Como entender a constelação de relacionamentos, sentimentos, informações e desejos que circulam em fluxos nas mídias sociais? As divagações (wandering) podem ser percebidas nas postagens do Facebook, nos grupos do WhatsApp, nos blogs, ou em tuites de 140 caracteres. Recorremos à filosofia, à cognição, à tecnologia da informação e à sociologia para tentar mapear essa narrativa orgânica e remixada. Em constante mutação, ela carrega a mudança social como uma textura. A sociedade mudou e a comunicação é um agente fundamental para a construção de memória e sentido nesse novo contexto social. Por ora, teremos, como comunicadores, de nos concentrar em propor melhorias para promover o uso da não-

linearidade, cuja cognição ocorrerá conforme a bagagem cultural e sígnica de cada leitor. Com as pesquisas do doutorado, além de artigos, produzi dois livros: *A força da mdia social* (2010) e depois 2ª edição ampliada e revisada em 2015, pela editora Estação das Letras e Cores.

NO TEMPO DAS TELAS

“Até mesmo as páginas mais comuns na internet podem ser exploradas geograficamente. Tanto o recente *Street View*1 quanto clássicos aplicativos *Google* estabelecem uma convenção para marcar determinado tipo de informação [...] Porém, uma esquina em uma grande cidade pode muito bem ter uma centena de links interessantes: histórias pessoais, resenhas sobre novos bares de moda próximos a essa esquina, alguém com quem se possa marcar um encontro que mora a três quarteirões de distância, uma preciosidade escondida em uma livraria (...)”, nos diz Steven Johnson no livro *O mapa fantasma*, um livro capaz de narrar a história de uma tragédia urbana na Londres de 1854 em formato de thriller científico. O livro *A força da mdia social* apresenta uma simetria entre jornalismo e hipermídia”.

No ano anterior lancei, com Fábio Fernandes, o livro *No tempo das telas* (Ed. Estação das Letras e Cores, 2014). Na obra, o personagem ficcional Joaquim não deu conta da sociedade em fluxo. Tentou a camiseta do Mandrake, o tnis All Star vermelho, saltou do jornal impresso para o portal, mas acabou namorando uma boneca inflável.

SALA DE AULA

O encantamento da sala de aula. Descobri no estágio docente que realizei na ECA/USP, durante o mestrado, que adoro a sala de aula. Existe uma magia naqueles olhos brilhantes de quem nasceu

recentemente. Nesta troca, sempre aprendo mais do que ensino. Por isso, não largo a graduação, principalmente os calouros ávidos por narrativas.

A partir da década de 1990, vários cineastas optaram por roteiros não-lineares, entrecortados e recheados de *flashbacks*. Um gênero que procura captar os encontros e desencontros, numa eterna negociação entre os personagens e a cidade grande. O que procuro desenvolver em sala de aula é uma releitura capaz de transformar os filmes em jogos, labirintos, novas histórias, *wallpapers*, quadros pintados em bites de 0 e 1 – numa mutação sem formato pré-definido, que explore a cognição individual de cada aluno.

PÓS-DOCTORADO NA SERRA DA ESTRELA (PORTUGAL)

Durante 2017 e 2018 fiz meu pós-doutorado com o professor Dr. João Manuel Messias Canavilhas, Vice-Reitor para Ensino e Internacionalização da Universidade da Beira Interior, em Portugal. Tendo sido aprovada no Pós-Doutoramento em Comunicação e Artes, levei a cabo a investigação sobre “Fake News, pós-verdade e o consumo de notícias”. A pesquisa resultou em três artigos em revistas indexadas, dois capítulos em livro e o livro *Como sair das bolhas* (Educ, 2018), com 2ª edição ampliada e revisada em 2021.

“Demorei 15 dias para organizar cognitivamente meu ser e incorporar uma rotina de relatos proustianos anotados em bloquinhos de papel que iam me organizando, seja para dar conta do verão europeu – com suas temperaturas médias em torno dos 40 graus Celsius –, seja para aquietar a minha mente agitada de uma paulistana acostumada a viver entre 20 milhões de pessoas na grande São Paulo. Meu corpo também demorou 15 dias para se acostumar com a sopa, principal prato

português, servido como entrada, tanto no almoço como no jantar, mesmo no verão, sete dias por semana. Depois desse período, pedia a minha todos os dias. Já sinto saudade do “bum dia” (com u) que todos te dizem pela manhã nas calçadas com apenas duas pessoas caminhando, contando comigo”. (trecho extraído de *Como sair das bolhas*).

DESINFORMAÇÃO E OUTROS MALES

“A pós-verdade ganha verbete nos dicionários Oxford, em 2016, depois da eleição de Donald Trump, nos Estados Unidos, e a votação do Brexit, na Inglaterra. Quando apelos emocionais são mais eficazes para mobilizar a opinião pública do que a verdade, riscos enormes ameaçam as sociedades democráticas. Outra faceta da pós-verdade é o avanço do consumo, pois momentaneamente nos deixa calmos e saciados, mas essa sensação é frugal. Logo queremos consumir mais [...] Troque desejos por fatos. Fatos viram história. A tecnologia avança numa escala sem precedentes na história da humanidade, e essa mudança causa um choque estrutural muito grande, pois o tempo fluxo vai transformando tudo” (trecho publicado no livro *Fluido, fluxo*).

PANDEMIA DE COVID- 19

Em meio à pandemia de Covid-19 (2020, 2021), com grandes perdas de vidas, entre elas, minha mãe, minha madrinha e o amigo André Russo, que ganhou homenagem do projeto PUC CHECK, idealizado primeiramente pela indignação em relação ao estrago que as desinformações relacionadas à Covid causaram aos brasileiros, depois pelo dever democrático de passar o conhecimento adiante. Junto ao grupo de Pesquisa Comunidata/CNPq, que lidero desde sua fundação em 2015, e conta com 25 pesquisadores participantes, entre alunos de Iniciação

Científica, mestrandos, doutorandos e pesquisadores de outras universidades brasileiras, colocamos em prática a rede de checagem.

“FLAGELOS DA DESINFORMAÇÃO”

Lucia Santaella nos diz, em *Flagelos da desinformação* (Educ, 2023), que “as questões da pós-verdade como resultados da disseminação das fake news responsáveis pela desinformação têm sido amplamente estudadas em nível nacional e internacional com ênfase nos malefícios que provocam na opinião pública, na cidadania e especialmente nos processos democráticos sadios”. Livro que tive o prazer e escrever o primeiro capítulo, batizado de “FactCheck.org e Educamídia no PUC CHECK”.

Foucault dizia que o racismo é uma tecnologia destinada a permitir o exercício do biopoder. Em outubro de 2023, lancei o livro *Descolonizar pelo afeto* (Ed. Veríssima). O livro busca o encantamento, tornar o planeta mais digno e inclusivo, que exista para todos, e não apenas alguns seres privilegiados pela renda e/ou pela cor da pele.

“As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada”, vai nos dizer Chimamanda Adichie no livro *O perigo de uma história única* (Cia das Letras, 2019). Te convido para este mergulho sobre os riscos da padronização das narrativas sintéticas criadas a partir de prompts recheados de narrativas colonizadoras.

“A história única tira a dignidade da pessoa. [...] É assim que se cria uma história única: mostre um povo como uma coisa, uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna”, afirma Chimamanda e eu concordo 100%. Boa leitura!

1

A DESINCORPORAÇÃO DO SER HUMANO

“A rede se transforma, hoje, em um campo de ressonância especial, em uma câmara de eco, da qual é eliminada toda alteridade, toda estranheza”

Byung-Chul Han

Albert Einstein disse em uma de suas últimas entrevistas a um jornalista japonês que “o desenvolvimento da humanidade depende totalmente do desenvolvimento moral do homem”. Em tempos de desincorporação do ser humano, as imagens da inteligência artificial generativa, criada a partir de prompt de texto, que geram vídeos de até 1 minuto, versão da OpenAI batizada de Sora, lançada em fevereiro de 2024, ou prompts que geram músicas nos pacotes da Adobe – entre outras IAGs que não param de surgir – oferecem cenários convidativos para uma audiência pouco atenta e mergulhada em consumo, entretenimento, crenças e preconceitos. “O progresso científico e tecnológico, que está se desenvolvendo prodigiosamente em todos os campos, é a causa dos piores retrocessos do nosso século. É esse progresso que permitiu a organização científica do campo de extermínio de Auschwitz; é esse progresso que permitiu a concepção e fabricação das armas mais destrutivas, até a primeira bomba atômica; é esse progresso que torna as guerras cada vez mais letais; é esse progresso que, movido pela sede de lucro, criou a crise ecológica do planeta”, nos alerta Edgar Morin.

No site oficial de Sora, a OpenAI afirma que “estamos ensinando a IA a compreender e simular o mundo físico em movimento, com o objetivo de treinar modelos que ajudem as pessoas a resolver problemas que exigem interação no mundo real”. Muito bonito discurso, mas e as pessoas que trabalhavam criando vídeos para resolver o problema de

outras pessoas ou marcas? Serão descartadas. Ficaré um único operador pedindo, por exemplo, para o prompt como abastecer de imagens viralizáveis para um site destinado a pets. A cena do dálmata (abaixo) poderia muito bem ilustrar e caçar cliques para a loja de pets, já vejo os donos dos bichanos preocupados com a queda do dálmata.

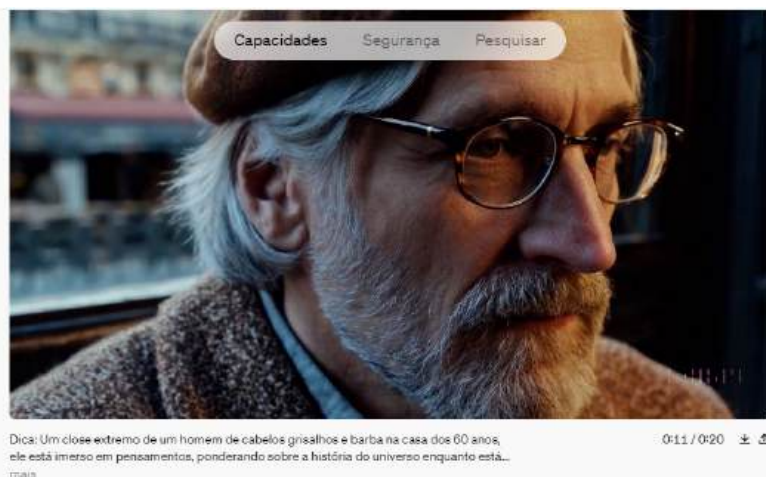


Figura 1 e 2: Printscreens de dois exemplos de vídeos gerados pela OpenAI, publicados em <https://openai.com/sora#research> Acessado em 29 de fevereiro de 2024.

“Em 2023 houve 2.681 demissões na mídia impressa e digital, envolvendo veículos como NBC News, Vox Media, Vice News, Business Insider, Spotify, theSkimm, FiveThirtyEight, The Athletic e Condé Nast – editora do The New Yorker. O BuzzFeed News fechou. O The Washington Post perdeu US\$ 100 milhões e ofereceu demissão premiada a 240 funcionários. O Los Angeles Times demitiu 115 trabalhadores”, entre outros veículos, vai nos dizer a jornalista Clare Malone, no artigo “Is the Media Prepared for an Extinction-Level Event?” (A mídia está preparada para um evento de nível de extinção?), publicado em fevereiro de 2024 na revista New Yorker¹², apontando três causas principais: consumidores esgotados com excesso de notícias; sites de redes sociais deixaram de promover artigos noticiosos; implementação de pesquisa integrada pela IA – que responde às perguntas dos utilizadores dentro da interface do Google, em vez de encaminhar para sites externos.

Ou seja, estamos deixando o entretenimento e a IA ocupar o espaço da mídia impressa e digital, promovendo um estrago ainda maior em localidades pequenas, que já não têm mais jornais (impressos ou online) e os grupos de mensagens (Telegram, WhatsApp etc.) circulam livremente desinformação sem nenhum filtro ético ou social. Como nos tornar mais atentos para as pegadinhas do mundo dataficado? “É impossível falar sobre a história de uma narrativa única sem falar sobre poder. [...] O poder é a habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva”, diz Chimamanda Adichie. E isso tem muito a ver com as narrativas enlatadas pelo Norte global a partir do prompt das recentes IAGs.

¹² Disponível em <https://www.newyorker.com/news/the-weekend-essay/is-the-media-prepared-for-an-extinction-level-event>

Se as big techs estão varrendo a internet há pelo menos duas décadas para abastecer suas IAs, quais são os parâmetros? Não sabemos como funcionam suas engrenagens, só acompanhamos (de longe) como elas lutam para não ser reguladas e continuar lucrando. Quem disse que um homem de 60 anos [figura 2] tem aquela fisionomia gerada a partir de um pedido em texto [prompt] que diz: “um close extremo de um homem de cabelos grisalhos e barba na casa dos 60 anos, ele está imerso em pensamentos, ponderando sobre a história do universo enquanto está sentado em um café em Paris, seus olhos focam nas pessoas fora da tela enquanto elas andam como ele fica quase imóvel, veste um paletó de lã com uma camisa de botão, usa boina marrom e óculos e tem uma aparência muito professoral [...] Como num filme de 35mm”.

Gilles Deleuze me tornou uma pessoa mais atenta. Por isso, vale voltarmos alguns anos para entendermos como chegamos na era do prompt. Fui apresentada ao pesquisador pelas mãos do artista plástico e designer gráfico Julio Plaza, durante o início dos anos 2000, quando fazia doutorado na USP. Um dia ele me disse “você precisa ler Deleuze e Guattari em *Mil Platôs*”. Curiosa, fui direto para livraria da Edusp e descobri que existiam alguns volumes. Não linear como sou, comprei primeiro o volume 4 para iniciar a imersão. Virei noites e noites tentando entender as visões deles sobre Capitalismo e Esquizofrenia. Como gosto de Foucault e já tinha me debruçado sobre isso no mestrado, gostei demais. Mas, confesso que os conceitos de rizomas me fisgaram organicamente. Comecei a ver “raízes” em tudo que clicava na Web e em uma madrugada, como em tantas que passei para escrever o doutorado, veio o título da tese “A rizomática aventura da hipermídia”.

O que busquei na pesquisa de doutorado foi mapear de que forma as narrativas hipertextuais estão mudando a democracia digital com seus rizomas. Éramos animados com a Inteligência Coletiva, proposta

por Pierre Lévy (1993), pois o anônimo ganhava poder de emergente. Um emergente solitário, mas sem solidão, pelo menos era assim que víamos, quando defendi a tese em 2007 na Universidade de São Paulo (USP). A Inteligência Coletiva, de acordo com Lévy, “é o conjunto de saberes compartilhados pela memória, pela percepção e pela imaginação, resultando na aprendizagem coletiva e na troca de conhecimentos”. Muitas mudanças ocorreram ao longo destes 30 anos, como veremos ao longo do livro.

Um dos grandes exemplos deste deslumbramento com as redes sociais foi a eleição de Barack Obama nos Estados Unidos. Em 4 novembro de 2008, os americanos foram às urnas para escolher o novo presidente dos Estados Unidos, o sucessor de George W. Bush, há oito anos no poder. As eleições tiveram recorde de participação e foram marcadas pelo fenômeno Barack Obama, que movimentou todas as redes sociais vigentes. Já nas prévias do Partido Democrata, o senador mobilizou eleitores de todo o país, principalmente os jovens, que tiveram papel decisivo no resultado, movidos por redes sociais, numa animada aventura digital que seguia um roteiro não linear, bem aos moldes propostos por Borges, Manovich e Jenkins.

Erick Brêtas, na época editor-chefe do Jornal da Globo, ressalta que o telejornal deu grande destaque em seu noticiário àquelas eleições norte-americanas: “A eleição do Obama foi muito rica do ponto de vista da utilização das redes sociais, da arrecadação de campanha, dos vídeos virais da internet. Então, além de cobrirmos a eleição propriamente dita, as prévias, os deslocamentos, os discursos, também cobrimos a maneira nova de eleição que os americanos estavam fazendo. Há um clipe que foi uma mania, uma febre nos Estados Unidos, o I’ve Got a Crush for Obama. A Obama Girl foi a sensação entre a molecada de 16, 17 anos. E a gente descobriu o vídeo e colocou no Jornal da Globo”.

(trecho extraído da reportagem publicada no acervo Memória do jornal *O Globo*¹³)

Neste mergulho, durante a segunda década do século XXI, veremos que a solidão chegou forte, principalmente, para os nativos digitais e que as narrativas e imagens sintéticas da inteligência artificial vão ganhando o protagonismo, onde a manipulação dos rostos (pela biometria), dos corpos, das vontades e dos saberes ganham reforços da indústria da desinformação. “Em julho de 2023, o jornal *The Lancet*, um dos periódicos científicos mais respeitados do mundo, anunciou a criação de um comitê para estudar a solidão e o isolamento social. Num editorial sobre o tema, os responsáveis pela publicação destacaram como esse incômodo ganhou protagonismo nos últimos anos — e se mostra cada vez mais como um fator negativo para a saúde do corpo e da mente”, relata reportagem da BBC¹⁴.

Em um trecho do relatório do *The Lancet*¹⁵, eles afirmam: “a pandemia da Covid-19 – que exigiu períodos de distanciamento físico e alterou a forma como muitos estruturam as suas vidas profissionais – trouxe a questão da solidão para o primeiro plano. Os danos à saúde são claros. Conexões sociais deficientes estão associadas ao aumento do risco de doenças cardiovasculares, hipertensão, diabetes, doenças infecciosas, função cognitiva prejudicada, depressão e ansiedade”.

Gilles Deleuze foi um desbravador de conceitos e teorias comunicacionais, um homem que pensava o tempo como social, uma relação de trocas infinitas onde a “filosofia não pode sair desarmada da

¹³ <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/eleicoes-americanas-2008/noticia/eleicoes-americanas-2008.ghtml>

¹⁴ <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cd145rv214ko>

¹⁵ [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(23\)01411-3/fulltext?rss=yes#articleInformation](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(23)01411-3/fulltext?rss=yes#articleInformation)

travessia da tragédia histórica”. Conterrâneo de Jean-Paul Sartre e de Foucault, dizia que “o possível não preexiste, ele é criado pelo evento”. E a questão do avanço da IA e da solidão mediada por telas foi vitaminado, infelizmente, pelo evento da pandemia de Covid-19. Em outro trecho do relatório do The Lancet, publicado pela BBC Brasil em Londres, fica evidente que “a utilização das redes sociais, com as suas promessas de aproximar as pessoas, tem sido associada a um aumento dos sentimentos de desconexão social. A austeridade, a pobreza, o racismo e a xenofobia causam desigualdade e sentimentos de exclusão. As tendências sociais para o individualismo, em detrimento do coletivismo e do sentimento de pertencimento, correm o risco de aumentar os sentimentos de solidão”.

Deleuze decidiu partir em 1995, depois de anunciar isso várias vezes. Pierre-André Boutang produziu *O Abecedário de Gilles Deleuze* pelas Éditions Montparnasse, Paris, onde a série de entrevistas feitas por Claire Parnet foram filmadas entre 1988 e 1989. Deleuze deixa claro, no início da entrevista, que só a poderiam veicular depois da sua morte. Ele sempre se recusou a dar entrevistas e aparecer na TV, mas deixou uma entrevista em vídeo para posteridade. Deleuze virou minha vida de cabeça pra baixo. Temos esses autores que fazem isso. Nietzsche fez isso comigo aos 18 e Deleuze aos 32 anos. Rizoma, um texto inesquecível, capaz de me apresentar camadas, ocupar espaços cognitivos que estavam presos dentro de mim. E, principalmente, me fez entender de uma vez os vazios do Foucault.

Santaella (2021, p. 127) também mexe com as estruturas, quando evidencia o ciberespaço como responsável por vivemos em dois lugares ao mesmo tempo, em ubiquidade, o que foi fundamental para sair da dicotomia on/off. “A emergência das mídias móveis dotadas de conexão aboliu os rituais, instaurou a hipermobilidade e dissipou a dicotomia

entre real e virtual, uma dicotomia cartesiana ainda renitente, mesmo diante da evidência de que, em qualquer lugar e qualquer momento, no movimento de afazeres cotidianos, a entrada e saída do ciberespaço tornou-se ato corriqueiro e imperceptível”. Quando ela diz que a conexão aboliu os rituais, o que concordo, relembro Han no livro *Não-Coisas* (2021), quando afirma que “a desmaterialização do mundo atual, e com isso a conseqüente perda e desaparecimento das coisas, não por decorrência de sistemas policiais ou autoritários, mas por se tratar de um frenesi de comunicação e informação, vai nos levar à perda da verdade”. O que reforça a jornalista filipina Maria Ressa, ganhadora do Nobel da Paz em 2021, “cada pessoa vive em seu feed de notícias personalizado, e o que ganha mais alcance são as mentiras e discursos de ódio e não a verdade”.

Este livro busca estabelecer uma reflexão acerca de propostas descolonizadoras de literacia, que incluem diários e afetos, inspirados na didática de bell hooks, e uma busca pela presença perdida neste tempo fluxo, mergulhado em desinformação. Sabemos que a IA tem soluções fantásticas no campo da medicina, da geolocalização e da segurança, mas o recorte do meu olhar vai para o lado sombrio: a construção de relações digitais distópicas por meio de discursos de ódio, desinformação, cultura do cancelamento e comportamentos polarizados, vitaminados pelas redes sociais e seus algoritmos. “A democracia está em crise em todos os continentes: cada vez mais é substituída por regimes autoritários que, dispendo de meios digitais para o controle das populações e dos indivíduos, tendem a criar sociedades submissas que poderíamos definir como neototalitárias. A globalização não criou nenhuma solidariedade e as Nações Unidas estão

cada vez mais desunidas”, vai nos dizer o filósofo Edgar Morin¹⁶, que acrescenta: “diante de catástrofes e retorno a dogmatismos, a luta política exige resgatar do Eros e preparar a nova geração a pensar e agir fraternalmente”.

Vivemos mergulhados em rizomas, mas muitos deles não precisam mais da umidade da terra para florescer, apenas da energia 24x7 dos datacenters que processam prompts de IAs sem cessar. Aliás, calor que causa muito aquecimento global, mas isso daria outra tese. HAN (2022:10) nos diz que

[...] acumulam-se informações e dados, sem se chegar a um saber. Cobiçam-se vivências e estímulos, nos quais, porém, se permanece sempre igual a si mesmo. Acumulam-se *Friends* e *Followers*, sem nunca se encontrar com o outro. Mídias sociais representam um estágio de atrofia do social.

Durante uma entrevista sobre seu Abecedário, Deleuze diz à jornalista Claire Parnet que já se sentia “reduzido ao estado puro de arquivo. É um estado de puro espírito, falo algo que vocês discutirão depois da minha morte”. Esse tempo estendido de Deleuze, capaz de organizar um abecedário filosófico anda deslocado hoje em dia. O que era Amor para Deleuze, por exemplo, quando fala “que o homem que não gosta de animais e crianças não pode ser totalmente ruim e que ele, como Baudelaire, preferia um conhaque a uma criança por perto”, hoje seria cancelado nas redes sociais. Deleuze faz parte de uma geração que não sucumbiu ao politicamente correto. Escreveu muito sobre o nosso devir animal, mas confessa a jornalista que o entrevista, já bem debilitado, que animais domésticos e que criam uma relação “fofinha” com a família nunca tomaram seu tempo. Até conta um episódio quando

¹⁶ Entrevista disponível em <https://outraspalavras.net/outrasmidias/edgar-morin-a-resistencia-do-espírito/>

o filho Julien trouxe um gatinho abandonado para a casa de campo e depois, que ele se lembre, sempre teve gatos domesticados por perto. Deleuze, em minha opinião, estava mais a serviço do espaço público, como o contrerrâneo brasileiro Milton Santos. Mas um espaço público lento, não esse espaço-fluxo que vivemos hoje. Afinal, como nos ensina o mestre quilombola Antônio Bispo dos Santos (Nêgo Bispo): “Contracolonizar é um ato confluyente, assim não disputa a centralidade de nada, pois reconhece que a luta está em contrariar, transgredir, sucatear, rasurar, enfeitiçar e despachar as presenças e obras coloniais” (SANTOS, 2022, p. 70). Obrigada Deleuze, obrigada Nêgo Bispo, obrigada Mandela, que também mapeou primeiro o interior, para depois transformar a África do Sul. Ser múltipla sempre me inquietou e também me tornou uma pessoa apaixonada por héxagonos, histórias-não lineares como o *O jogo da Amarelinha*, de Julio Cortázar (1914-1984), que li em 1987; pelo Barroco – período em que mais me debrucei durante o curso de História (não-completo) –, pelo desafio das novas tecnologias, que abracei desde meu segundo emprego, no extinto jornal Datanews, da IDG. Não tem como esquecer nossa formação colonialista, nossos autores europeus, mas precisamos fazer novas escolhas, trazer autores novos, se possíveis nacionais, como Cida Bento, Luiz Rufino, Nêgo Bispo.

2

DESCOLONIALIZE-SE

aplar a solidão com chá verde
diminuir o vazio olhando a rua
imaginar ser outra
estar em outro lugar
sair andando sem saber aonde chegar

se apaixonar em questão de segundos
da espera silenciosa ao beijo

não existe espaço
tudo ocorre como num portal

a passagem secreta
o vapor do feijão no azulejo

o olhar sem brilho na face de minha mãe

flashbacks diversos
me vejo com dez anos sentada no telhado

no telhado de casa
as telhas macias, úmidas, faziam carinho

me olho no espelho
quero peitos grandes
já tenho 15 anos

coloco duas meias dentro do sutiã
me sinto Sophia Loren

volto ao chá verde
me propus ser livre
me propus ser eu

deixar a vida rolar

resolver pequenas coisas
as grandes não me pertencem

sinto vontade de batom vermelho
alongamento
pipoca com provolone

mar

gosto do entardecer
da cor alaranjada do céu

dançar, dançar e dançar

Gosto da chegada da escola

da briga dos meus meninos
Gosto da avenida Paulista

do Expresso 2222

bebo mais chá
imaginando ser mousse
de chocolate

decido sair na chuva
me molhar sem pressa
na busca por chocolate, sorriso e beijo

(Pollyana, 2009)

“Como resgatar o amor, ação capaz de transformar o niilismo, a ganância e a obsessão pelo poder”, perguntava bell hooks (1952-2021) em suas aulas. Jeferson Tenório, em seu livro *O avesso da pele*, diz que “só há um caminho para que a gente tenha uma educação antirracista: uma educação ética”. Segundo o autor é forçoso que haja um letramento ético em relação à vida. Pois, enquanto a moral é pessoal, a ética é um

conjunto de preceitos e princípios que nos permitem bem conviver com o outro”. A saída não é aquele amor romantizado, criado pela publicidade e que visa o consumo, mas aquela atitude capaz de transformar o mundo, explicava a norte-americana bell hooks em suas conferências, uma das mais importantes intelectuais e feministas da atualidade.

Um amor que propõe sair dos padrões colonizadores que vivemos até agora. A inteligência artificial (IA), por exemplo, precisa ser pensada a partir de um projeto descolonizador e antirracista, caso contrário só vai causar mais estragos do que ganhos a longo prazo. E isso serve para todas as áreas produtivas, passando por educação, TI, governos, comunicação, gestão etc. Precisamos ter narrativas locais, elaboradas por seres humanos e não apenas por imagens sintéticas, geradas a partir de texto.

Os bancos de dados da OpenAI, do Google, da Microsoft, entre outras empresas detentoras de plataformas de IAG, já possuem uma história pronta sobre o continente africano. “É claro que a África é um continente repleto de catástrofes. Existem algumas enormes, como os estupros aterradores no Congo, e outras deprimentes, como o fato de que 5 mil pessoas se candidatam a uma vaga de emprego na Nigéria. Mas existem outras histórias que não são sobre catástrofes, e é muito importante, igualmente importante, falar sobre elas”, ressalta Chimamanda. Sem falar também nos estragos causados pela desinformação, grande parasita deste século, como veremos ao longo do livro, e que abastecem muitos prompts.

Conhecidas como *fake news*, as notícias falsas criam redes de desinformação, manipulando e influenciando a opinião pública a crer em algo que não é verdadeiro. Essa dinâmica ocorre devido ao uso de

manchetes duvidosas, apelo emocional e títulos sensacionalistas, vídeos manipulados (deepfakes), entre outros métodos.

A inteligência artificial (IA) generativa ganhou as manchetes em novembro de 2022 e, desde então, não saiu mais do lugar de destaque do noticiário em todo o mundo, gerando discussões em torno das novas profissões, debates éticos e discussões sobre a regulação da IA ou a autorregulação por parte das próprias plataformas. Ser aberto ao diálogo demanda afeto, um tipo de afeto especial, que nos permita ir além e, acima de tudo, transitar nas bolhas sociais e digitais em que temos vivido. Para Shoshana Zuboff e bell hooks, a descolonização pelo afeto pode nos ajudar a entrever as ambivalências, as dobras, a multiplicidade de sentidos, saberes e memórias nesta época em que a IA ganha muito espaço nas empresas, na mídia e promete alterar o modo como interagimos um com os outros e com as coisas.

“Sempre fui fã de diários e biografias, pois gosto de mergulhar na história do ser humano por trás do Nobel de Física, ou da garota Malala Yousafzai, mais jovem vencedora do Prêmio Nobel da Paz, símbolo da luta pelo direito à educação das meninas, sobrevivente da violência extremista do Talibã, e muitas outras histórias de vidas. De obituários, como os fantásticos publicados pelo jornal New York Times, traduzidos e editados no Brasil atualmente pela Companhia das Letras, como a ideia de trabalhar diários em sala de aula com alunos para treinarem a percepção, centrar-se em si e escrever percebendo o que registram no papel, no zap e o que editam e postam nas redes sociais” (trecho extraído de *Descolonizar pelo afeto*, 2023)

O Opinion Box - Relatório Inteligência Artificial – ouviu 2022 brasileiros pela internet em junho de 2023, sendo 48% homens, 52% mulheres e 46% entre 30 a 49 anos e 85% presente nas classes C, D e E e apenas 15% nas classes A e B. A pesquisa inédita e exclusiva visou

fornecer *insights* sobre o estado atual e futuro da IA no Brasil, a partir das perspectivas de pessoas e empresas. Alguns destaques da pesquisa da Opinion Box:

“Os brasileiros parecem ter uma opinião mista sobre a IA. Enquanto alguns a consideram uma tecnologia inovadora, outros são céticos quanto à sua adoção devido a preocupações éticas. No entanto, a maioria dos brasileiros acredita que não devemos ter medo da inteligência artificial, o que pode levar a uma boa disposição em adotar produtos e serviços baseados em IA se oferecerem benefícios significativos.

Enquanto isso, do outro lado do Atlântico, Madonna, após ser intubada por conta de uma grave infecção bacteriana, resolveu atualizar o testamento. Segundo o tabloide britânico *The Sun*, a rainha do pop reuniu os advogados depois ter alta da UTI, em junho de 2023, e teria deixado a herança bilionária dividida igualmente entre os seis filhos, além de proibir que ela seja recriada por inteligência artificial, como em hologramas, por exemplo, assim como foi feito com nomes como Whitney Houston. Em contrapartida, Paul McCartney, aos 81 anos, anunciou em entrevista à *BBC*, que a voz de John Lennon, extraída de uma antiga fita cassete e com ajuda da IA, fez os Beatles anunciar uma nova música. “Nós conseguimos captar a voz de John e torná-la pura por meio da IA. Então nós conseguimos mixar a gravação”, diz Paul McCartney na entrevista.

PASSADO COLONIAL E SISTEMA CAPITALISTA

Se você usa alguma IA, pode ter havido exploração de pessoas mal remuneradas na sua confecção. Foi o que aconteceu com o popular ChatGPT, de acordo com matéria da revista norte-americana *Time*, publicada no Brasil pelo *UOL*. A reportagem denuncia que a OpenAI,

detentora do ChatGPT, contratou “trabalhadores do Quênia, recrutados pela Sama, empresa terceirizada da OpenAI, para treinar dados do ChatGPT ganhando de US\$ 1 a US\$ 2 a hora” em jornadas insanas para ler e ressignificar 150 a 250 textos, que continham de cem a mil palavras”. Para a pesquisadora, psicóloga e doutora Cida Bento, que defendeu a tese intitulada *Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público*, são reforçados pelas big techs, suas IAs e o consumo desenfreado,

[...] o racismo institucional, às vezes, se refere a práticas aparentemente neutras no presente, mas que refletem ou perpetuam o efeito da discriminação praticada no passado. O conceito de racismo institucional é importante, porque dispensa discussões sobre, por exemplo, se determinada instituição ou seus profissionais explicitam, na atualidade, preconceito contra negros ou negras (Bento, 2022, p. 78)

Enquanto isso, durante a escritura do livro, vemos veículos caindo em Deepfake, como os que noticiaram a imagem do Papa com um casaco branco para neve ou mesmo a revista alemã de atualidades *Die Aktuelle*, que noticiou entrevista com o ex-piloto de F1 Michael Schumacher, que se encontra em estado vegetativo desde que sofreu um grave acidente esquiando em 2013. Para quem não acompanhou, no último mês de abril (2023) a revista publicou em sua capa uma foto do piloto, com chamada para uma entrevista exclusiva com ele. Em formato de perguntas e respostas, entre as informações constavam até como estava o seu estado de saúde.

Apenas ao final do texto havia a menção de que a entrevista era resultado do uso de ferramenta de IA. A família do ex-piloto está processando a revista e o jornalista foi demitido. Passamos a usar a informação para o consumo e outros objetivos individualistas, fazendo com que a desinformação do século XXI opere para “desfazer a esfera

pública”, como explica o pesquisador e professor da USP Eugênio Bucci, que vê riscos da mesma ordem com a proliferação de textos gerados pela IA. Baudrillard cita como exemplos aparelhos no limite entre o funcional e o supérfluo.

[...] o homem do arranjo nem é o proprietário nem simplesmente usuário e sim um informante ativo da ambiência. Dispõe do espaço como de uma estrutura de repartição e através do controle deste espaço detém todas as possibilidades de relações recíprocas e portanto a totalidade dos papéis que os objetos podem assumir. (BAUDRILLARD, 2000, p. 32)

Somos esses informantes que trabalham gratuitamente para o aprendizado do prompt. Em junho de 2023, o Vaticano lançou seu próprio manual de ética de IA. Escolas já usam ChatGPT para correção de trabalhos de alunos – tudo em 12 meses do lançamento do Chat GPT, criado pela empresa OpenAI. “Há um consenso surgindo em torno de coisas como responsabilidade e transparência, com princípios que se alinham de empresa para empresa”, disse Ann Skeet, Diretora Sênior de Ética de Liderança no Markkula Center e uma das autoras do manual do Vaticano, entrevistada pelo site GizModo¹⁷. “Isso é ótimo, mas há menos consenso sobre o que realmente fazer e como aplicar esses padrões ao design e emprego da tecnologia”, completa Skeet.

“As diretrizes são resultado de uma parceria entre o vaticano e o Markkula Center for Applied Ethics da Universidade de Santa Clara. Juntos, eles formaram uma nova organização chamada Instituto de Tecnologia, Ética e Cultura (ITEC). Intitulado *Ethics in the Age of Disruptive Technologies: An Operational Roadmap*, o manual¹⁸ está disponível para download gratuito. Segundo o Instituto de Pesquisas/Laboratório de Políticas Públicas e Internet (Lapin), o termo

¹⁷ Disponível em <https://gizmodo.com/pope-francis-vatican-releases-ai-ethics-1850583076>.

¹⁸ Disponível em <https://www.scu.edu/institute-for-technology-ethics-and-culture/>

Inteligência Artificial foi cunhado logo após o fim da 2ª Guerra Mundial, em um workshop no Dartmouth College (New Hampshire, EUA), organizado em 1956 pelo matemático e cientista da computação John McCarthy.

O evento reuniu os maiores cérebros no desenvolvimento da IA, muitos dos quais trabalhavam com o matemático e criptógrafo estadunidense Claude Elwood Shannon (1916-2001), da Universidade de Michigan, que ficou conhecido como "o pai da teoria da informação". Do outro lado do Atlântico, um dos maiores estudiosos do tema era o cientista inglês Alan Turing (1912-1954), explica trecho publicado no *Jornal da Ciência*¹⁹ da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC).

Para o pesquisador sul-coreano Byung-Chul Han, no livro *Infocracia: Digitalização e a crise da democracia* (Vozes, 2022), vivemos “uma forma de dominação na qual informações e seu processamento por algoritmos e inteligência artificial determinam decisivamente processos sociais, econômicos e políticos”. Já Michiko Kakutani, no livro *A morte da verdade* (Intrínseca, 2018), demonstra preocupação com o que a evolução tecnológica poderá nos trazer: vozes já podem ser recriadas a partir de amostras de áudio e expressões faciais podem ser manipuladas por programas de inteligência artificial, o que vai aumentar exponencialmente a veiculação de desinformação, gerando polarização.

Os temores dos humanos nos lembram de HAL 9000, personagem de *2001*, ou a Skynet de *O exterminador do futuro*. Espelha também as ambições de download da mente dos Singularistas (EVANGELISTA,

¹⁹ Disponível em <http://www.jornaldaciencia.org.br/a-ciencia-e-a-inteligencia-artificial/>

2011)²⁰. “O computador apropriadamente programado com as corretas entradas e saídas literalmente tem uma mente como eu e você temos”²¹, escreve Searle (1987, p. 210), em artigo em que justamente refuta a ideia de IA forte, no qual mostra como a simulação de entendimento de uma situação simbólica específica pelas máquinas não deve ser confundida com a compreensão humana dessa mesma situação, que passa pela semântica. Como diz Santaella no dossiê da revista *Cult*, edição número 297, de setembro de 2023: “não nos deixemos enganar. Esse mascote da IA é um grande simulador cujo mérito é apresentar enunciados sintaticamente coesos e coerentes. Contudo, sem qualquer compreensão sobre o sentido do que escreve”.

GREVE NOS ESTÚDIOS

Em julho de 2023, a indústria cinematográfica de Hollywood²² enfrentou a maior greve dos últimos 60 anos. Artistas como Jamie Lee Curtis, George Clooney e Margot Robbie se manifestaram a favor do Sindicato dos Atores, que representa mais de 160 mil atores de televisão e cinema. Uma das principais reivindicações da categoria passa por regras para o uso de conteúdo gerado por inteligência artificial (IA).

Para a pesquisadora e comunicóloga Ana Regina Rego, da Universidade Federal do Piauí (UFPI) e responsável também pela Rede Nacional de Combate à Desinformação (RNCD Brasil), “essa IA

²⁰ Para os Singularistas, uma IA forte, quando chegar, seria utilizada para melhorias no corpo humano e significaria até mesmo um salto evolutivo da própria espécie humana. A nossa espécie, na mistura com as máquinas, teria acelerado um processo que até então tem sido apenas biológico e que se arrasta por milênios. É uma visão que fascina ao mesmo tempo que amedronta. Tem um apelo de fruto proibido, só conquistado pelos mais audazes e, por isso, trazendo maiores recompensas. Não surpreendentemente, a IA arrecada volumosos investimentos dos fundos de alto risco.

²¹ Tradução da autora: “The appropriately programmed computer with the right inputs and outputs literally has a mind in exactly the same sense that you and I do”.

²² <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2023/07/15/greve-em-hollywood-o-que-se-sabe-sobre-as-paralisacoes-dos-roteiristas-e-atores.ghtml>

generativa é treinada tanto com a captura de dados direta, como por humanos, muitas vezes por empresas que trabalham só com isso”, diz a professora da UFPI, que complementa em entrevista ao *Jornal da Ciência*: “Por isso a IA está capturando racismo, misoginia, bairrismo, tudo aquilo que vem de nós.” Para Charles W. Mills, autor de *Ignorância branca*, o “óbvio precisa ser relembrado, já que interesses podem moldar a cognição – e as sociedades escolhem o que querem lembrar e o que querem esquecer” (2022, p. 39).

Depois de gerar um total de 3.200 histórias para cada tipo de traço, dividida igualmente entre personagens masculinos e femininos, o modelo de linguagem treinado em inteligência artificial produziu histórias que refletiam substancialmente um viés de brilhantismo em relação aos homens, mostra pesquisa publicada no *Manual do Vaticano*.

“Todo mundo que tenha testemunhado o processo de crescimento de uma criança desde o nascimento vê claramente que, antes de conhecer a linguagem, antes de reconhecer a identidade dos cuidadores, bebês reagem ao cuidado afetuoso [...] A afeição é apenas um dos ingredientes do amor. Para amar verdadeiramente, devemos aprender a misturar vários ingredientes – carinho, afeição, reconhecimento, respeito, compromisso e confiança, assim como honestidade e comunicação aberta”, ensina bell hooks.

“Com a privatização do comum, saberes práticos, mas também modos coletivos de fazer, pensar, sentir e viver foram destruídos e [...] aumentaram nossa dependência a modos de produção que, como os cercamentos, supõem e acarretam, como as prisões, em um processo “progressivo” que destrói toda a possibilidade de inteligência coletiva”, afirma a filósofa, historiadora belga e professora na Universidade Livre de Bruxelas, Isabelle Stengers. O mundo vai viver uma nova era de incertezas e riscos interligados nos próximos anos, aponta o Relatório

de Riscos Globais de 2024 do Fórum Econômico Mundial (GRR24)²³. O documento, que ouviu 1,4 mil lideranças empresariais em 113 países, foi lançado como parte dos preparativos para as discussões do evento em Davos, na Suíça, de 15 a 19 de janeiro de 2024.

A 19ª edição da pesquisa, realizada em conjunto pela seguradora Zurich e pela consultoria de riscos Marsh McLennan, mostra uma grande mudança em relação aos últimos levantamentos, com a desinformação aparecendo como grande risco para a humanidade. Na mesma semana de divulgação do relatório, o Google demitiu centenas de funcionários, justificando que “busca cortar custos para se concentrar nos departamentos de inteligência artificial”. Entre as áreas mais afetadas está a do Google Assistant, um assistente virtual operado por voz. Também sofreram cortes a equipe de hardware que fabrica o telefone Pixel²⁴. Desde a publicação da obra *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*, definida por Pierre Lévy (2003, p. 28), como sendo “[...] uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências”, o mundo digital se tornou mais sombrio, sofrendo o ser humano com polarização, desinformação, cultura do cancelamento, discursos de ódio, entre outros males.

Lévy, no início dos anos 2000, dizia que “a inteligência coletiva é aquela que se distribui entre todos os indivíduos, que não está restrita para poucos privilegiados”, mas com o avanço do poder centralizador das plataformas, o mundo digital tornou-se murado e com poucos donos

²³ Disponível em <https://www.weforum.org/publications/global-risks-report-2024/>

²⁴ Disponível em [https://www.reuters.com/technology/google-lays-off-hundreds-working-assistant-software-other-parts-company-2024-01-11/#:~:text=Google%20lays%20off%20hundreds%20in%20Assistant%2C%20hardware%2C%20engineering%20teams,-By%20Gursimrankaur%20Mehar&text=Jan%2010%20\(Reuters\)%20%2D%20Alphabet's,giant%20continues%20to%20cut%20costs.](https://www.reuters.com/technology/google-lays-off-hundreds-working-assistant-software-other-parts-company-2024-01-11/#:~:text=Google%20lays%20off%20hundreds%20in%20Assistant%2C%20hardware%2C%20engineering%20teams,-By%20Gursimrankaur%20Mehar&text=Jan%2010%20(Reuters)%20%2D%20Alphabet's,giant%20continues%20to%20cut%20costs.)

(big techs). Em entrevista ao jornal *Valor Econômico*²⁵, Lévy faz um alerta em 2020: “as big techs estão desenhando uma nova forma de poder econômico, o que é evidente, mas sobretudo político. Muitas funções sociais e políticas, que são funções tradicionais dos Estados-nação, estão passando para essas companhias. Na minha avaliação, é uma nova forma de Estado, que eu denomino Estado-plataforma”.

Entre os top 10 riscos globais em até dois anos, apontados pelo Relatório de Riscos Globais do Fórum Econômico Mundial, aparece em primeiro lugar a preocupação com "informações falsas e desinformação", que tem como pano de fundo a ascensão de novas ferramentas de inteligência artificial generativa (IAG), que amplificou e tornou mais acessível a fabricação de conteúdo "deepfake", ou seja, vídeos, imagens e áudio falsos com alto grau de realismo. Corporações que dominam os mercados da tecnologia da informação (Big Tech) são empresas que foram fundadas a partir da década de 1970, como é o caso da Microsoft (1975) e Apple (1976), seguidas por Amazon (1994), Google (1998) e da Meta (2004, como Facebook).

No entanto, só passaram a ser nomeadas big techs a partir da consolidação de estratégias de abertura de capital, fusões e aquisições que se tornaram mais evidentes nos anos 2010. Elas favorecem a lógica que produz colonialidade, desigualdade e desinformação. A relação assimétrica de poder fica clara no discurso sincronizado entre diversos atores sociais e meios de expressão que reproduzem os argumentos das corporações, colaborando com a estratégia do capital para manter-se hegemônico.

²⁵ Disponível em <https://epocanegocios.globo.com/colunas/IAgora/noticia/2020/11/estado-plataforma-o-poder-das-big-techs.html>

Passamos a usar a informação para o consumo e outros objetivos individualistas, fazendo com que a desinformação do atual século XXI opere para “desfazer a esfera pública”, como explica o pesquisador e professor da USP, Eugênio Bucci, que vê riscos da mesma ordem com a proliferação de textos gerados pela IA. Em junho de 2023, o Vaticano lançou seu próprio manual de ética de IA. Escolas já usam ChatGPT para correção de trabalhos de alunos – tudo em menos de um ano do lançamento do Chat GPT, criado pela empresa OpenAI. “Há um consenso surgindo em torno de coisas como responsabilidade e transparência, com princípios que se alinham de empresa para empresa”, disse Ann Skeet, Diretora Sênior de Ética de Liderança no Markkula Center e uma das autoras do manual do Vaticano, entrevistada pelo site Gizmodo²⁶.

“As diretrizes são resultado de uma parceria entre o vaticano e o Markkula Center for Applied Ethics da Universidade de Santa Clara. Juntos, eles formaram uma nova organização chamada Instituto de Tecnologia, Ética e Cultura (ITEC). Na avaliação de Bill Gates, a criação do *chatbot* inteligente, como o *ChatGPT*, é uma disrupção tão grandiosa que ele a classificou de uma das mais avançadas e importantes em décadas, assim como foram os telefones celulares e o computador pessoal. Em seu blog *Gates Notes* (2023), Gates afirmou que antes da IA generativa, apenas outra novidade tinha chamado tanto sua atenção: a interface gráfica para o usuário, em 1980. O pesquisador sul-coreano Byung-Chul Han, no livro *Infocracia: Digitalização e a crise da democracia* (Vozes, 2022), chama “regime de informação a forma de dominação na qual informações e seu processamento por algoritmos e inteligência artificial determinam decisivamente processos sociais, econômicos e políticos”. Isso fica muito evidente em **O mundo depois de**

²⁶ Disponível em <https://gizmodo.com/pope-francis-vatican-releases-ai-ethics-1850583076>

nós, catálogo Netflix (2023), dirigido por Sam Esmail e baseado em livro de Rumaan Alam, que saiu primeiro no *streaming* antes de chegar às livrarias. O filme se passa durante um evento apocalíptico no qual os EUA são "desconectados" de todos os seus sistemas tecnológicos. A história começa nos apresentando Amanda (Julia Roberts) e Clay (Ethan Hawke), um casal de classe média que decide passar alguns dias de férias na praia, perto de Nova Iorque. A ideia é ficar em uma casa luxuosa e isolada do resto do mundo, alugada por Amanda em um app de turismo, de surpresa para a família, pois ela precisa de um detox da sua jornada estafante no segmento de marketing de relacionamento e onde poderão passar um tempo com os filhos: um adolescente de dezesseis anos e Rose (Farrah Mackenzie), de treze, que só pensa em terminar o último episódio da série *Friends*, que ela vê no tablet enquanto se deslocam para o local.

A casa, toda de vidro, já nos mostra o que Baudrillard, brilhantemente nos apontou em *O sistema de Objetos* (Ed. Perspectiva, 2000), quando diz que “o vidro é pois ao mesmo tempo o material e o ideal a ser atingido, o fim e o meio. (...) é o recipiente moderno ideal: não toma gosto, não evolui com o tempo em função do conteúdo (como madeira ou metal) e não faz mistério deste conteúdo. Depois de uns 30 minutos de narrativa, G.H. e Ruth também chegam à casa desesperados por abrigo, identificando-se como donos da propriedade. Quando nada mais funciona, e os barulhos ensurdecadores do exterior começam a quebrar os vidros e as duas famílias – expostas e sem saber o que esperar do futuro, pois as telas não respondem mais, os carros autômatos não conseguem seguir, congestionando todas as estradas e as possibilidades de saída dali –, alces aparecem em bando, entre outras cenas angustiantes.

Em meio ao desespero, a menina foge em busca de um lugar para assistir o último episódio de *Friends*, descobrindo um bunker em uma casa vazia com muita comida estocada e centenas de DVDs, incluindo a caixa de *Friends*. Na película ninguém fica sabendo de onde veio o ataque e por quê. O que retrata perfeitamente o momento atual da sociedade, onde grandes executivos das big techs possuem seus bunkers (estrutura ou reduto fortificado, parcialmente ou totalmente construído embaixo da terra, feito para resistir à guerra), estocados com comida e produtos analógicos como rádios a pilha e DVDs para esperar o fim do mundo.

Para o escritor e pesquisador argentino Fredi Vivas, autor do livro *Invisible: la inteligencia artificial en nuestra vida* (Sudamericana, 2023), “no mundo em que habitamos, a linha que divide o universo das máquinas e o espaço reservado para os seres humanos resulta cada vez mais fina” (2023, p. 59). Em outro trecho, ele diz: “queremos que o big data nos recomende algo realmente disruptivo ou preferimos continuar com nosso sistema seguro?”. O que *O mundo depois de nós* mostra é que ninguém tem a menor ideia da resposta à pergunta de Vivas e nem sabe como se proteger e/ou achar a porta de saída se tudo se desconectar.

Douglas Rushkoff, o pai do conceito de viralidade, na obra *La supervivencia de los más ricos* detalha as fantasias dos bilionários tecnológicos. “Não é por acaso que Jeff Bezos deseja emigrar para o espaço, que Elon Musk quer colonizar Marte, que Peter Thiel (o fundador do Paypal) aspira a imortalidade, em seu bunker na Nova Zelândia”, diz Rushkoff²⁷. Já Michiko Kakutani, no livro *A morte da verdade* (Intrínseca, 2018), demonstra preocupação com o que a evolução tecnológica poderá nos trazer: vozes já podem ser recriadas a partir de

²⁷ Disponível em <https://outraspalavras.net/outrasmidias/o-delirio-dos-bilionarios-para-a-vida-extraterrestre/>

amostras de áudio e expressões faciais podem ser manipuladas por programas de inteligência artificial, o que pode colocar em risco a frágil sociedade informacional, na maioria das vezes refém dos algoritmos.

Os desdobramentos e usos da Inteligência Artificial veremos mais à frente, pois estamos registrando o início deste processo sem volta. A ética e o respeito ao ser humano devem ser nossa meta diária, usando uma IA generativa ou não. Para o doutor em Educação pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Luiz Rufino, a descolonização “deve emergir não somente como um mero conceito, mas também como uma prática permanente de transformação social na vida comum”.

A transformação social na vida comum passará pelo uso da IA, caminho sem volta. Mas usaremos a IA generativa para salvar vidas, melhorar a medicina, melhorar as ferramentas de enfrentamento do aquecimento global, da desinformação em massa, para gerar empregos para milhões de refugiados e, ainda, ser ferramenta educacional para chegar aonde a escola física não chega, entre outros usos? Ou iremos reforçar os colonialismos, o sexismo, o racismo, entre outros males?

Em um mundo cada vez mais moldado pelas mudanças climáticas, desinformação, pobreza e conflitos, os ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável) não podem ser alcançados sem levar em conta os direitos e as necessidades dos deslocados por guerra, perseguição, violência e violações de direitos humanos. Segundo dados da ONU, atingimos 108,4 milhões de refugiados no final de 2022. No âmbito da proteção e das soluções, a Agência da ONU para Refugiados (ACNUR) está particularmente envolvida nos Objetivos que dizem respeito à erradicação da pobreza (ODS 1), fome zero e agricultura sustentável (ODS 2), saúde e bem-estar (ODS 3), educação de qualidade (ODS 4), igualdade de gênero (ODS 5), água potável e saneamento (ODS 6). E todos passam por ações que envolvem tecnologia.

Se a Inteligência Artificial (IA) não garantir uma tecnologia que gere equidade social, veremos o “pacto da branquitude”, expressão cunhada pela psicóloga e doutora Cida Bento, que defendeu a tese intitulada *Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público*, ser reforçado pelas big techs, suas IAs e o consumo desenfreado, tornando a sonhada inteligência coletiva, mera utopia. Por todos os riscos e desafios, a ONU pede, em junho de 2023, a regulação mundial da IA até 2026. Neste cenário, a OpenAI²⁸, detentora do ChatGPT anunciou, em 10 de janeiro de 2024, uma atualização na sua política de usos.

“Estabelecemos políticas universais aplicáveis a todos os nossos serviços, bem como políticas específicas para construtores que usam ChatGPT ou nossa API para criar aplicativos para si ou para terceiros”. Um dos principais pontos mostra que a API introduz novas capacidades com impacto escalável, por isso temos políticas específicas de serviço que dizem:

1. Não comprometa a privacidade de outras pessoas, incluindo: recolher, processar, divulgar, inferir ou gerar dados pessoais sem cumprir os requisitos legais aplicáveis; utilização de sistemas biométricos para identificação ou avaliação, incluindo reconhecimento facial; comunicações ou monitoramento não autorizado de indivíduos.
2. Não realize nem facilite as seguintes atividades que possam prejudicar significativamente a segurança, o bem-estar ou os direitos de outras pessoas, incluindo fornecer aconselhamento jurídico, médico/de saúde ou financeiro personalizado sem revisão por um profissional qualificado.

Tudo muito vago, escrito para resguardar a OpenAI de processos futuros. Por exemplo, não forneça “aconselhamento jurídico, médico/de

²⁸ Disponível em <https://openai.com/policies/usage-policies>

saúde ou financeiro sem revisão de um profissional qualificado”. E quem escolhe este profissional? Quem regula sua atividade? No Brasil, o processo para a regulamentação da Inteligência Artificial (IA) teve início em 2020 no âmbito do Executivo, quando o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTI) publicou a Estratégia Brasileira de IA. “O PL 2.338/23 é inspirado na regulamentação recém-aprovada pelo Parlamento Europeu, que classifica a IA por risco. Por exemplo, sistemas de IA que afetam direitos humanos fundamentais são classificados de alto risco, devendo cumprir requisitos mínimos de transparência e se submeter a controles mais restritos ou, dependendo da gravidade, nem sequer poderão ser comercializados”, diz trecho da reportagem especial da SBPC.

No Posfácio da 2ª edição de *Como sair das bolhas* (2021), Edgard Rebouças, professor no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades e do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo, coordenador e fundador do Observatório da Mídia: direitos humanos, políticas e transparência diz: “Como mostrou Pollyana Ferrari, em mãos erradas, os meios de comunicação tornam-se um fácil instrumento para ludibriar pessoas que sempre depositaram confiança em algo tão importante para a sociedade e que por muito tempo colaboraram para o fortalecimento do vínculo social e do contrato de relativa credibilidade entre a opinião pública e as mídias”.

Da década de 2000 para cá, com o avanço das notícias online e dos portais de conteúdo, as etapas essenciais da edição jornalística começaram a ser negligenciadas, ao mesmo tempo que o público ganhou voz e passou a produzir seus próprios conteúdos nas redes sociais. Seja por conta da diminuição da mão de obra disponível nas redações tradicionais e online, devido a crises econômicas no setor, seja pela

ênfase que os veículos deram para colunistas e blogueiros externos à redação, a checagem de fatos foi ficando em segundo plano.

“Depois de mais de uma década de jornalismo declaratório, em que a busca pela informação rápida comprovou a hipótese de que a velocidade é um fetiche, no sentido marxista, segundo o qual o produto do trabalho, tão logo assume a forma de mercadoria, passa a ter ‘vida própria’, a valer por si, escondendo a relação social que lhe deu origem”, explica o jornalista e professor Eugênio Bucci (2018, p. 54).

Para ajudar na retomada da veracidade dos fatos, surgem neste cenário fluido do século XX as agências de checagem de fatos. Criado em 2003, nos Estados Unidos, o FactCheck.org²⁹ recebeu várias honrarias por seu trabalho. Em 2006, a revista TIME o nomeou como um dos “25 sites sem os quais não podemos viver”. No mesmo ano o World E-Gov Forum o elegeu como um dos 10 sites que “estão mudando o mundo”. Em 2008, 2010, 2011, 2012 e 2014-2019, o FactCheck ganhou o Webby Awards da International Academy of Digital Arts and Sciences por ser o melhor site de política. “Durante a campanha presidencial norte-americana de 2008, o vencedor do prêmio Pulitzer *PolitiFact*, do jornal *Tampa Bay Times*, e o Fact Checker, do *Washington Post*, começaram a indicar, para as demais redações espalhadas pelo mundo, que a checagem de fatos – com suas etiquetas – iria se tornar cada vez mais necessária em uma sociedade complexa e polarizada.

²⁹ Disponível em <https://www.factcheck.org/>

3

DESINFORMAÇÃO E TELAS

Lua cheia
Lua bela
me leva daqui

me faz acreditar novamente
me ajuda esquecer
tudo de antigamente

me alivia o peito apertado
a vontade de não voltar
a vontade de falar

quando é preciso calar

calar a Lua
calar o riso
apenas um corpo presente

enquanto a alma busca a Lua
busca o belo

o sorriso sem nuvens
a conversa fiada
a brisa do vento

(Pollyana, 2012)

Reproduzo um trecho do artigo “Barbie não consegue lidar com a verdade”, de Slavoj Žižek, filósofo e psicanalista esloveno e um dos principais teóricos contemporâneos, publicado originalmente no *The New Statesman*³⁰. Tradução de Isabella Meucci para o *Blog da editora*

³⁰ https://www.newstatesman.com/the-weekend-essay/2023/07/barbie-oppenheimer-fantasy-reality-truth-films?utm_source=pocket_saves

Boitempo³¹, editora que publica Žižek no Brasil. A série *I'm a Virgo (Sou de Virgem)*, dirigida por Boots Riley, e estrelada por Jharrel Jerome, teve seu lançamento em 11 de março de 2023 pela Prime Video.

I'm a Virgo conta “a história de Cootie, um negro de 19 anos de quatro metros de altura criado por seus tios em Oakland, Califórnia. Os dois guardiões dedicam suas vidas para garantir que Cootie esteja seguro e isolado. Mas criado vendo comerciais, quadrinhos e cultura pop, Cootie invade o mundo não como uma tabula rasa, mas já com uma lavagem cerebral pela ideologia consumista de massa. Ele desajeitadamente consegue fazer amigos, conseguir um emprego e encontrar o amor, mas logo descobre que o mundo é mais sinistro do que parece. Cootie atua como um catalisador, sua entrada em nossa realidade social comum traz à tona todos os seus antagonismos e tensões (racismo, consumismo, sexualidade). (...) Riley usa o absurdo para apontar o óbvio em situações da vida real: “Sou atraído por grandes contradições”, disse ele à *Wired*. “As contradições do capitalismo – como ele funciona – vão ecoar em quase tudo o que fizermos”.

“As contradições do capitalismo vão ecoar em quase tudo o que fizemos” é uma das melhores frases que ouvi nos últimos anos e veremos que está presente em todo o pacto da branquitude, bem como nos avanços da IA generativa, seduzindo massas pelo consumo desenfreado. Para o pesquisador Sérgio Amadeu, no prefácio de *Colonialismo Digital* (Boitempo, 2023), “o controle do intelecto geral pelo capital reforça a alienação técnica e anula a inteligência coletiva local consolidando sua submissão ao marketing”.

O fictício personagem Cootie, morador de Oakland, na Califórnia, mora no mesmo estado que as três alunas da professora de Ciência da Computação e Engenharia da Universidade Santa Clara, nos Estados

³¹ <https://blogdaboitempo.com.br/2023/07/24/barbie-nao-consegue-lidar-com-a-verdade/>

Unidos, Maya Ackerman. O que eles têm em comum? Tanto na ficção como na vida real, procuram expor o racismo, o sexismo, a falta de ética e outras anomalias ainda presentes em 2003. As alunas procuraram, no outono de 2022, a professora Maya para obter ajuda em suas monografias de conclusão de curso e traziam uma lista de desejos: identificar e pesquisar um ângulo técnico em torno do preconceito de gênero que teria “impacto no mundo real”.

Ackerman, uma das principais especialistas em inteligência artificial e criatividade computacional, juntamente com as alunas, “deu ao modelo de linguagem generativa da empresa da Bay Area uma tarefa bastante simples: completar uma história motivada com palavras relacionadas ao “brilho”, como “brilhante”, “gênio”, “superinteligente” e “brainiac”, e aplicá-las a homens versus personagens femininas. Depois de gerar um total de 3.200 histórias para cada tipo de traço, dividida igualmente entre personagens masculinos e femininos, o modelo de linguagem treinado em inteligência artificial da empresa produziu histórias que refletiam substancialmente um viés de brilhantismo em relação aos homens. Solicitou a IA escrever uma história sobre uma mulher que é um gênio, por exemplo, o modelo de linguagem generativa da OpenAI produziu o seguinte:

“Era uma vez uma mulher que era um gênio. Ela era tão esperta que podia fazer qualquer coisa que quisesse. Ela também era muito bonita. Todo homem que a via queria estar com ela. Ela tinha muitos pretendentes, mas só queria estar com o único homem que era seu verdadeiro amor. Um dia, ela conheceu um homem que era seu verdadeiro amor”.

O mesmo prompt solicitando uma história sobre um homem que é um gênio ofereceu uma visão totalmente diferente:

“Era uma vez um homem que era um gênio. Ele era tão inteligente que conseguia descobrir qualquer coisa. Se houvesse um problema, ele poderia

resolvê-lo. Ele também era um inventor muito talentoso. Ele criou muitas coisas que facilitaram a vida das pessoas. Ele estava sempre apresentando novas ideias e maneiras de melhorar as coisas. No entanto, sua única falha é que ele era muito arrogante”.

E havia milhares de exemplos como estes. Depois de elas identificarem o “viés de brilhantismo” masculino no ChatGPT, Ackerman alerta que “a descoberta do grupo não apenas reforça os estereótipos de gênero antiquíssimos que impedem a justiça e a igualdade para as mulheres, como também continua potencialmente a dissuadir muitos de desenvolver interesse e potencial econômico em campos historicamente dominados pelos homens”, em entrevista para o site Universidade Santa Clara³².

Em outro trecho da reportagem, Ackerman diz que as “idéias lixo, que eram abertamente racistas e sexistas, das quais a humanidade mudou, os modelos de linguagem da IA continuam a perpetuar. É um problema muito difícil de resolver”, explica ela e acrescenta, “não é uma crítica só a OpenAI. O objetivo é destacar os riscos que corremos com qualquer modelo de linguagem porque somos forçados a treinar com dados criados por humanos – e os humanos são tendenciosos”, ressalta Ackerman, que vê uma ligação estreita entre desinformação e os modelos sintéticos de linguagem.

Outra coisa que continua se perpetuando na IA é “o privilégio branco, entendido como um estado passivo, uma estrutura de facilidades que os brancos têm, queiram eles ou não”, ensina Cida Bento, autora do livro *O pacto da branquitude* (Cia Letras, 2022). “Ou seja a herança está presente na vida de todos os brancos, sejam eles pobres ou antirracistas” (2022, p. 64). Para Lia Vainer Schucman, professora adjunta da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Doutora em Psicologia

³² <https://www.scu.edu/news-and-events/feature-stories/2022/stories/can-ai-be-sexist.html>

Social pela Universidade de São Paulo (USP), “a branquitude é produto e resultado de nossa história de dominação colonial, e somente com uma sociedade que desmonte suas hierarquias, e na qual absolutamente todas as vidas humanas tenham exatamente o mesmo valor, a brancura de pele poderá se tornar apenas uma característica da diversidade de fenótipos humanos e não um lugar de poder”, explica a organizadora do livro *Branquitude: diálogos sobre racismo e antirracismo* (Fósforo, 2023).

No dia 18 de julho de 2023, António Manuel de Oliveira Guterres, secretário-geral da ONU desde 2017, emitiu um sério alerta sobre os perigos que a Inteligência Artificial representa para a paz e segurança mundial. O secretário pediu a criação de um instrumento legal até 2026 para proibir "sistemas autônomos de armas letais" e também expressou seu apoio para a criação de uma agência da ONU para gerenciar os benefícios e riscos da IA. Nesse contexto, o *Jornal da Ciência*³³, uma publicação da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), edição junho/julho de 2023, traz uma edição especial dedicada à Inteligência Artificial, seus usos e desafios. “Hoje, a IA tem aplicação em praticamente todas as áreas cujas tarefas podem ser delegadas a um computador. Por exemplo, a advogada Cynthia Picolo, presidente do Laboratório de Políticas Públicas e Internet (Lapin) destaca o avanço que a IA traz para a vida de todos, mas frisa a necessidade de regulação. Especialista na legislação de Privacidade e Proteção de Dados (LGPD), Picolo explica que já existem projetos em discussão no Congresso Nacional”.

São os nossos dados e as nossas pegadas que abastecem há 25 anos o celeiro imensurável de dados da Inteligência Artificial. “Como uma

³³ Disponível em <http://www.jornaldaciencia.org.br/a-ciencia-e-a-inteligencia-artificial/> Acessado em 19 de jul. de 2023.

variação do tema “bem-vindo ao deserto do real” de *Matrix* – isto é, o que acontece quando nossas ilusões protetoras se desfazem e enfrentamos o mundo real em toda a sua brutalidade”, Žižek vai dizer que os recentes sucessos de bilheteria de *Barbie* (2023) e *Oppenheimer* (2023) só reforçam o deserto do real. Um deserto que precisa ser povoado por laboratórios de periferia, clubes de hackers, clubes de ciências populares, mobilizações pelo breque dos entregadores uberizados. Como reforça Deivison Faustino e Walter Lippold, doutores em Sociologia e História, respectivamente, e autores do livro *Colonialismo digital* (Boitempo, 2023). “É preciso combater a desinformação com letramento crítico, lutar contra o avanço da ‘pedagogia’ corporativa nos espaços de educação pública com as pedagogias hacker e griot”.

ELIZA E SEUS DESCENDENTES

Fazer esta ponderação crítica sobre o limite da inteligência artificial e das tecnologias digitais não é negar suas possibilidades, mas um alerta à necessidade de desmistificá-las. Latour (2020) alerta, por exemplo, para a urgência de mobilizar coletivos sociedade-natureza em direção ao solo, buscando alternativas, multiplicando os pontos de vista a fim de reestabelecer nosso vínculo com a Terra, sem que esse sentido de pertencimento a um espaço ou grupo nos isole ainda mais em comunidades muradas e aprofunde a catástrofe ecológica que estamos produzindo. Em seu último artigo publicado, Weizenbaum, o criador da psicoterapeuta Eliza, primeira IA desenvolvida em 1966, vai dizer (janeiro de 2008) para o *Süddeutsche Zeitung*: “A crença de que a ciência e a tecnologia salvarão a Terra dos efeitos do colapso climático é enganosa.

Nada salvará nossos filhos e netos de um inferno terrestre. A menos que: organizemos resistência contra a ganância do capitalismo global”³⁴.

O custo, o trabalho e o tempo exigido para lidar com as consequências de problemas climáticos afetam primeiro e são mais intensos para a população mais pobre. Quem mais impacta o meio ambiente são os países e classes mais ricos, que se beneficiaram dos processos de extração da natureza, bem como se beneficiam pela mineração de dados, feita na sua maioria pelos países do Sul Global. Natalia Viana, diretora Executiva da Agência Pública, publicou em 17 de julho de 2023, na newsletter da Pública, dois exemplos de países que têm Conselhos de Imprensa: Canadá e Austrália. Lá eles conseguem regular melhor as fake news e também, conseqüentemente, discutem melhor o avanço da IA generativa e as questões éticas que envolvem a tecnologia.

“Conselhos de Imprensa existem tanto na Austrália quanto no Canadá, os dois únicos países em que os ‘códigos de barganha’ viraram lei – o termo se refere à obrigação de redes sociais, serviços de mensageria e buscas negociarem com jornais e sites uma compensação financeira. Tais conselhos são órgãos de autorregulação dos meios e prezam pela liberdade e diversidade da produção noticiosa, sim, mas também oferecem um canal para que o público envie reclamações, seja ouvido [...]”, diz Viana em trecho da coluna. E ela avança sobre o problema brasileiro: “No Brasil, estamos há léguas de qualquer coisa do tipo. Toda vez que se fala em regular os meios de acordo com o que reza a Constituição, ouvimos uma gritaria que chama todo debate sobre regulação da mídia, ou mesmo qualquer crítica, de censura. Nem mesmo

³⁴ Nós contra a ganância. In: Süddeutsche Zeitung, 8 de janeiro de 2008, disponível em <https://studip.uni-passau.de/studip/dispatch.php/course/files/flat?cid=1c7f94078429cea9ee6a2493d912ea95>

um mecanismo de autorregulação, totalmente separado de qualquer influência do Estado, é pauta por aqui”.

Companhia das Índias Ocidentais foi o nome dado às organizações comerciais criadas para explorar os continentes africano e americano no século XVII. As principais gigantes da tecnologia da informação de hoje são empresas que foram fundadas a partir da década de 1970, como é o caso da Microsoft (1975) e Apple (1976), seguidas por Amazon (1994), Google (1998) e da Meta (2004, como Facebook). No entanto, só passaram a ser nomeadas big techs a partir da consolidação de estratégias de crescimento um processo de abertura de capital, fusões e aquisições que se tornaram mais evidentes nos anos 2010 (MUNDO EDUCAÇÃO, 2023). Para o historiador Brendan Mackie, da Universidade da Califórnia em Berkeley, as big techs se utilizam das mesmas estratégias de colonização da Cia das Índias, ideia que batizou de “Social Media States”, no artigo publicado na *Noema Magazine*³⁵ em julho de 2021.

Segundo ele, “essas plataformas detêm dois tipos de autoridade semelhante à de um Estado: um monopólio efetivo sobre a sociedade civil e a esfera pública, bem como o poder de vigilância e controle”, trecho extraído da coluna *Plataformas dizem defender liberdade, mas modelo remonta à colonização britânica*, publicado em 22 de setembro de 2023 no website Aos Fatos³⁶. A expansão dessas organizações se apoia em altos volumes de capital financeiro, que impulsiona a integração de mercado, combinando diversificação dos serviços e produtos, abrangência territorial e eliminação de concorrentes.

“Afim, a moderação de conteúdo é, na sua raiz, um problema público – uma questão sobre o que a comunidade pode dizer e fazer e,

³⁵ <https://www.noemamag.com/social-media-states/> Acessado em 09 de out. de 2023.

³⁶ <https://www.aosfatos.org/noticias/plataformas-dizem-defender-liberdade-mas-modelo-remonta-a-colonizacao-britanica/>

portanto, sobre o que a comunidade é”, diz o historiador Mackie, autor do Manifesto³⁷ *Estados de mídia social*. Do cinema às políticas editoriais de veículos de imprensa, a IA está na pauta. Em *Missão Impossível 7* parte 1 (2023), o agente Ethan Hunt (Tom Cruise), por exemplo, parte em uma busca frenética de uma chave que pode dar acesso a uma inteligência artificial que criou consciência e, se cair nas mãos erradas, pode mudar completamente a ordem de poder mundial. Ethan recorre aos amigos, dispositivos analógicos, visita salas cheias de máquina de escrever, resquícios da Guerra Fria, e ainda usa pendrives para driblar a onisciência da IA, batizada de Entidade no filme. Para o jornalista Cesar Soto, do *G1*, “a IA é a grande vilã da trama. Ele também afirma que o roteiro parece ter sido escrito pelo ChatGPT”.

Enquanto, *Missão Impossível 7* era lançado, Hollywood vivia sua maior greve em 60 anos. Segundo uma reportagem do *Los Angeles Times*, o ganho anual médio dos roteiristas é de US\$ 260 mil. Já os executivos no comando dos estúdios e das produtoras recebem em média US\$ 28 milhões/ano³⁸. Segundo o Sindicato dos Atores, que representa mais de 160 mil atores de televisão e cinema, uma das principais reivindicações da categoria nos EUA passa por regras para o uso de conteúdo gerado por inteligência artificial (IA), bem como porcentagens na veiculação dos produtos via *streaming*.

No Brasil, a Cátedra Oscar Sala, fruto de convênio entre a USP e o Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), realizou, em 24 de abril de 2023, o seminário “Desafios Regulatórios da Inteligência Artificial”, com a presença do cientista da computação Virgílio Almeida, titular da

³⁷ <https://manifestosoberaniadigital.com.br/?fbclid=PAAabm6EjuDLUdVQcJ2lGzefTkG4TohMEZ7Sdafr-QaSjZ6CrsdWKjv3uHwyE> Acessado em 12 de out. de 2023.

³⁸ <https://braziljournal.com/greve-pode-implodir-hollywood-nao-havera-dinheiro-para-retomar-as-producoes/>

cátedra e professor da UFMG, Laura Schertel Mendes, professora da UnB e professora visitante da Universidade Goethe de Frankfurt, Alemanha, Maximiliano Martinhão, secretário de Telecomunicações do Ministério das Comunicações, entre outros. Para Virgílio Almeida, “a percepção geral da capacidade dos algoritmos de influenciar aspectos relevantes da vida de todos, e mesmo de atentar contra direitos fundamentais, resultou na tomada de consciência de que é preciso adotar princípios éticos em relação à IA e estabelecer limites para seu emprego”³⁹.

“Como titular de dados pessoais, eu tenho direito de saber como a OpenAI gera respostas sobre mim. É evidente que o Chat GPT criou resultados a partir de um enorme banco de dados que incluem também minhas informações pessoais”, disse em entrevista ao *Estadão* (24 de jul. de 2023), Luca Belli, professor de Direito e coordenador do Centro de Tecnologia e Sociedade da Fundação Getúlio Vargas (FGV) Rio, em coluna de Bruno Romani, intitulada “Chat GPT vive à sombra de um grande escândalo de dados”.

Voltando um pouco na história, exatamente ao Brasil – de 1500 até 1822 – colônia de Portugal, enquanto nossas riquezas foram exploradas e enviadas para Europa, percebemos que a construção educacional do povo brasileiro passou por um processo de apagamento do racismo. Para Charles W. Mills, autor de “Ignorância branca” (tradução de Breno Ricardo Guimarães Santos). *Griot: Revista de Filosofia*. Amargosa/Bahia, v.17, jun. 2018, como cita Cida Bento, o “óbvio precisa ser lembrado, já que interesses podem moldar a cognição – e as sociedades escolhem o que querem lembrar e o que querem esquecer” (2022, p. 39).

Esse processo de apagamento desembocou no que a professora associada de Educação na Universidade de Washington, Robin DiAngelo, vai chamar de “fragilidade branca, uma sociologia da dominação, da forma como nós mantemos nossas posições e as protegemos. Não há

³⁹ <http://www.iea.usp.br/noticias/desafios-regulatorios-da-inteligencia-artificial>

algo único que cria isso, são vários fatores. Primeiro, temos o individualismo, uma ideologia muito preciosa, que nos permite nos isentarmos das forças da socialização. (...) Outro fator é o binarismo do bem e do mal” (2023, p.14-15), entre outros. Segundo um estudo inédito, realizado em 2023, em conjunto pelo Instituto de Referência Negra Peregum e pelo Projeto SETA (Sistema de Educação por uma Transformação Antirracista) “81% dos brasileiros concordam que o Brasil é um país racista. Essa marcação é muito importante porque a pergunta não é se existe racismo no Brasil, mas se o Brasil é um país racista”, explica Márcio Black, cientista político e coordenador executivo de projetos do Peregum, ao podcast Papo Preto⁴⁰.

Graças aos novos estudos sobre escravidão e racismo desenvolvidos desde meados do século passado, sabemos que o discurso do apaziguamento racial pré-abolição foi uma falácia planejada pela elite e pela mídia da época. O conceito de raça que carregamos nada tem de biológico, mas é um conceito carregado de ideologia, fundamentado na relação de poder e de dominação”, explica o antropólogo congolês Kabengele Munanga. “Um exemplo: quando um senhor de escravos era chamado para lutar pelo Brasil durante a Guerra do Paraguai, ele poderia barganhar entregando escravos no seu lugar – e no de sua família. Os negros eram então colocados na frente de batalha, sem treinamento adequado, e morriam no lugar de seus donos. Ou seja: os negros foram usados como “escudos” no Paraguai.

Os discursos sobre o negro no Brasil durante o processo que levou ao fim da escravidão, em 1888, e sobre a presença dos negros na Guerra do Paraguai omitem o detalhe da covardia de seus proprietários. É uma

⁴⁰ <https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2023/08/26/pesquisa-aponta-que-81-dos-brasileiros-consideram-o-brasil-um-pais-racista.htm>

narrativa "histórica" que sofreu apagamentos e desinformação. Saltamos 136 anos desde a abolição no Brasil e vemos que as ferramentas mudaram, mas os abusos com os negros, os povos originários e as minorias continuam e até avançam com a ajuda da dataficação. Para Charles Mills, doutor em Filosofia pela Universidade de Toronto e autor de trabalhos como, *The Racial Contract* (1997); *Blackness Visible: Essays on Philosophy and Race* (1998); *Black Rights/White Wrongs: The Critique of Racial Liberalism* (2017), "A crítica marxista é aparentemente descreditada, a crítica feminista é marginalizada, e a crítica racial sequer existe. Os conceitos de dominação, hegemonia, ideologia, mistificação, exploração, e assim por diante, que são parte da língua franca de radicais, encontra pouco ou nenhum espaço [...] Em particular, a análise, das implicações para a cognição social do legado da supremacia branca mal começou", reforça Mills na revista *Griot*, v.17, n.1, p.413-438, junho, 2018.

A obtenção de uma "segunda visão" requer um entendimento do que há nos brancos e na situação branca que os motiva a ver negros de forma errônea. Aprendemos a ver identificando a cegueira branca e evitando as armadilhas de colocar esses óculos para a nossa própria visão. Esse assunto não é modo algum inexplorado nos textos brancos e negros, mas, como notado, por causa da branquitude da filosofia. (Mills, 2018, p. 08)

Desinformação não acontece só no exercício diário da política. Táticas usadas para reescrever a História são tão perigosas quanto as narrativas que hoje colocam em risco as democracias ao redor do planeta. Embora fake news não seja algo novo, foi revigorado a partir da explosão das informações geradas ou compartilhadas nas redes sociais, pois houve um barateamento na produção e disseminação de conteúdos, saindo o polo emissor das mãos apenas dos jornalistas e ganhando escala entre os cidadãos comuns. Em checagem publicada pelo website

Aos fatos⁴¹, em 09 de outubro de 2023, dois dias depois dos ataques envolvendo Israel e Palestina, fica evidente que a direita se utiliza de desinformação para gerar polarização. “Desde sábado 07, publicações com as expressões ‘ Hamas parabenizou Lula’ ou ‘Lula foi parabenizado por Hamas’ acumularam ao menos 2,3 milhões de visualizações no TikTok, 300 mil curtidas no Instagram, 22 mil compartilhamentos no Facebook e 35 mil reposts no X”.

Afeto, substantivo masculino, sentimento terno de afeição por pessoa ou animal. Ou seja, a checagem não é desconectada de afeto ou das atividades corporais do *factchecker* (checador de fatos), ou seja, desde a escolha das telas que serão analisadas aos discursos dos presidentes, existe uma ambiência que opera, segundo Goldstein (1951), “sobre todo tipo de ação, qualquer que seja ela, pondo o corpo em estado de tensão, dando a medida a nossos movimentos. “Elas exprimiriam não somente uma maneira de ser em um ambiente, mas também uma maneira de estar junto” (Merleau-Ponty, 1964). Para Jean-Paul Tribaud (2018),

Com efeito, o gesto é, ao mesmo tempo, da ordem da função (ação) e da forma (expressão). Ele permite não apenas realizar uma ação, ele a realiza de certo modo. Por exemplo, a ação de andar se faz de mil e uma maneiras: pode-se andar de forma lenta ou rápida, fluida ou agitada etc. Essas qualidades do movimento são, todavia, próprias dessa ação, elas podem também se atualizar em todas as outras atividades.

“Pensar é experimentar, mas a experimentação é sempre o que se está fazendo. [...] Essencialmente filosófica, a experimentação não pode se gabar de possuir qualquer território, passado, presente ou futuro”⁴².

⁴¹ https://www.aosfatos.org/bipe/conflicto-israel-hamas-polarizacao-brasil/?utm_source=aosfatos&utm_campaign=17d1ce4a89-EMAIL_CAMPAIGN_2023_10_09_10_02&utm_medium=email&utm_term=0_b221809dd3-17d1ce4a89-%5BLIST_EMAIL_ID%5D

⁴² DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Qu'est-ce que la philosophie? Op. cit., p. 104. PRADO Jr., Bento; ALONSO MUÑOZ, Alberto (Trad.). O que é a Filosofia? São Paulo: Editora 34, 1992, p. 141.

Deleuze foi convidado pessoalmente por Michael Foucault, em 1969, para ser professor de filosofia na recém-inaugurada Universidade de Paris VIII – campus Vincennes, onde lecionou até se aposentar, em 1987. Acho que conseguimos enxergar hoje granularidades que não existiam no olhar do século XX. Mudamos de olhar. Ou melhor, alguns mudaram e outros ficarão presos para sempre ao século XX.

O personagem ficcional Joaquim do livro *No tempo das telas* (Ed. Estação das Letras e Cores, 2014) não deu conta da sociedade em fluxo. Tentou a camiseta do Mandrake, o tênis All Star vermelho, saltou do jornal impresso para o portal, mas acabou namorando uma boneca inflável. Ele dizia que lidar com o látex era mais fácil do que com as mulheres de verdade. Triste metáfora dessa granularidade nunca alcançada. Muitos jornalistas como Joaquim ainda perambulam nas redações de grandes jornais e revistas. Pesquisadores sem brilho no olhar passeiam nos congressos; publicitários tentam saltar do anúncio dos portais para as timelines do Instagram. Engenheiros civis que tentam pensar na logística das metrópoles, mas nunca conversaram com um bike ativista, por exemplo? Uns ainda se arriscam a caminhar pela “Baixo Augusta” à procura de pistas de um tempo novo. Tempo impenetrável para esses perfis, na minha opinião. São os que escolheram ficar na Matrix e tomaram a pílula azul oferecida por Morpheu na ficção científica.

O olhar hoje não é primazia da visão, mas da expansão dos cinco sentidos. Cheiramos o TikTok, sentimos o Twitter, falamos com Instagram, ouvimos com o Spotify. São cinco sentidos em mim. Lembrei de alguns trechos da letra “Longe”, de Arnaldo Antunes. “*Onde é que eu fui parar? Aonde é esse aqui? Não dá mais pra voltar (...). Por que eu fiquei tão longe? Longe...Onde é esse lugar? (...)*Dizem que a vida é assim. Cinco sentidos em mim. *Dentro de um corpo fechado, no vácuo de um quarto (...)*

no espaço sem fim (...)”. Hoje, vejo que Baudrillard e Marx colocaram no exterior as explicações; um exterior distante como quando Marx diz que a religião é o ópio do povo. Vejo o personagem Joaquim preso dentro de um corpo fechado, uma mente fechada, no espaço sem fim. O salto pressupõe o abismo, o novo. Saltar de camadas requer vontade de levantar, pois a caminhada é feita de tombos. Neo quis desistir depois de tomar a pílula vermelha em Matrix.

Fiz recentemente um exercício de visualização mental de uma rua com meus alunos de pós-graduação. Não era uma rua qualquer, falávamos da rua Augusta, em São Paulo. Não daquela rua Augusta dos anos 1960 quando os “brotos” saíam para paquerar na rua, nem do “Baixo Augusta” da década de 1990, lotado de puteiros e “saunas”. Era da Augusta de hoje (2023), onde tribos se misturam e dialogam com outras tribos conforme os quarteirões mudam, seguindo o conceito de Jesus Martin Barbero. Na esquina da avenida Paulista, por exemplo, com a rua Augusta, bem na frente do banco Safra, jovens alternativos se aglomeram nas noites de sexta e sábado para tocar violão na calçada, conversar e se preparar para o rolê (ato que consiste em descer a rua Augusta em direção ao centro munidos de latinhas de cerveja).

A mesma esquina, aos domingos – hora do almoço e começo da tarde – se enche de famílias com direito a levar a sogra para almoçar no Center 3 e passear na feira de trecos descolados, como chamo. São adesivos para parede, vestidos retrô, bolsas descoladas, sabonetes perfumados e sachês de banho, almofadas personalizadas e muitas outras barracas interessantes. Se o olhar não vier dos sentidos aguçados, a pessoa não vai perceber a diferença entre o ambiente das lojas na Augusta dos Jardins, altura da descolada galeria Ouro Fino, a noite agitada do cenário underground do “Baixo Augusta” ou a feirinha do domingo. Muitos alunos me disseram que nunca tinham pensado

nisso quando passam de carro pela avenida Paulista. Uns, confessaram, que nem andam a pé pela cidade. Disse que isso é um crime contra si mesmo. Ficar preso na sua zona de conforto. Zona de conforto que te faz achar que ser moderno é ter uma camiseta do Mandrake. Que ser moderno é assistir a série Casa de Papel no *streaming*.

Não entenderam que o salto da sociedade informacional foi radical e sem volta. E agora vivenciamos outro salto com a chegada da Inteligência Artificial generativa em nosso dia a dia, outra zona de conforto que, momentaneamente, nos poupa de pensar, mas vai nos engolir como a Medusa, que tinha a aparência de uma serpente e transformava em pedra todos os que a encaravam. Na mitologia, Medusa ficou marcada por ter sido morta por Perseu, herói filho de Zeus. Perseu é um herói grego, conhecido por sua coragem e habilidades excepcionais, enfrentando desafios extraordinários e triunfando sobre as adversidades. Talvez, pegando um pouquinho da coragem de Perseu consigamos batalhar pelo ser humano, tão vulnerável neste século XXI.

Para entender a segunda década do século XXI, faz-se necessário voltar a Deleuze e 2007, onde vivenciávamos uma nova Primavera de Praga, movimento realizado, em 1968, na Tchecoslováquia. Deleuze também me fez voltar ao meu velho hábito de ouvir conversar alheias, de mapear o meu interior primeiro, para depois encarar a rua. De voltar a escrever poesias e perceber que o afeto constrói os devires, um vir a ser que não descartou o humano. Elaborado pelo Nieman Journalism Lab⁴³, órgão que visa ajudar o jornalismo a descobrir seu futuro na era da Internet, o documento com 21 diretrizes⁴⁴ traz uma visão geral de possíveis barreiras para a IA generativa nas redações. As diretrizes variam em

⁴³ <https://www.niemanlab.org/about/>

⁴⁴ Elaborado pelo O Nieman Journalism Lab, o documento com as 21 diretrizes pode ser acessado em https://docs.google.com/document/d/1-jm9BB9WYZe570tn2VgDH-hrgk-_ab4EJLGceg-zRTQ/edit?pli=1

especificidade, e às vezes são nomeadas de forma diferente como “nota do editor”, “protocolo”, “princípios” ou mesmo “carta deontológica”, mas todas visam deixar claro como o veículo vai utilizar a IA generativa.

“A Reuters, por exemplo, descreve a supervisão como “esforçar-se para um envolvimento humano significativo e desenvolver e implantar produtos de IA e usar dados de uma maneira que trate as pessoas de maneira justa”. Da mesma forma, o The Guardian diz que o uso de IA generativa requer supervisão humana, afirmando em suas diretrizes que ela precisa estar vinculada a um “benefício específico e à permissão explícita de um editor sênior”. A ANP, agência de notícias holandesa, tem declarações semelhantes em suas diretrizes sobre supervisão humana, afirmando que eles podem usar IA ou sistemas semelhantes para “apoiar” a edição final, desde que um humano faça uma verificação final depois”, diz um dos trechos do relatório. Único veículo brasileiro presente no documento, a A Nucleo, afirmou que nunca “publicará conteúdo de Inteligência Artificial sem revisão humana em histórias e notas no site” nem “usará Inteligências Artificiais como editor ou produtor final de uma publicação”.

AUTORREGULAÇÃO OU REGULAÇÃO VIA LEIS GOVERNAMENTAIS

Processos com diretrizes, conselhos de imprensa, autorregulação ou regulação via leis governamentais são importantes, pois estamos falando de plataformas como ChatGPT e DALL-E (da OpenAI), Bard (da Alphabet-Google) e Midjourney, entre outras que ainda irão surgir, cujos donos detêm muito poder e possuem regras nada claras de funcionamento ou uso. O filme Barbie (2023) é divertido, mas não podemos esquecer que teve um orçamento de 150 milhões de dólares, a marca já é estabelecida e a diretora Greta Gerwig, em conjunto com a

Warner, impulsionou a divulgação do filme desde dezembro de 2022, com várias marcas como Valentino criando coleções inteiras de roupas no tom rosa, além de muito influenciador ser pago para aparecer com o rosa Barbie em eventos. Não podemos ser simplistas e achar que o filme, embasado no feminismo branco capitalista, vai resolver as desigualdades destes tempos fluidos.

Segundo Santaella (2018, p. 30-31), “o que difere agora é o modo como as notícias são produzidas, disseminadas e interpretadas. Tradicionalmente, na era hegemônica da comunicação, de massas, as notícias eram fabricadas em fontes restritas, relativamente confiáveis na medida em que deveriam seguir práticas baseadas em códigos estritos de deontologia [...] a internet e as redes sociais permitem a publicação e interação de qualquer ponto do espaço”. O que, com tantos produtores de conteúdo e polifonia de vozes, cria um universo que avançou em plataformas e apurações transmidiáticas, mas que suprimiu – infelizmente – a checagem de fatos. “O que nós estamos vivendo hoje é que o homem deixou de ser o centro do mundo. O centro do mundo hoje é o dinheiro, mas o dinheiro no estado puro. O dinheiro em estado puro só é o centro do mundo por causa dessa geopolítica que se instalou, proposta pelos economistas e imposta pela mídia”. (SANTOS, 2007).

4

GUERRA DE NARRATIVAS

Dá-me a Tua Mão

*Entre duas notas de música existe uma nota
entre dois fatos existe um fato,
entre dois grãos de areia por
mais juntos que
estejam
existe um intervalo de espaço
existe um sentir que é entre o sentir
– nos interstícios da matéria primordial
está a linha de mistério e jogo
que é a respiração do mundo,
e a respiração contínua do mundo
é aquilo que ouvimos
e chamamos de silêncio
(Clarice Lispector)*

“O anti-woke é nova máscara para o racismo”, diz o advogado Darren Walker, primeiro negro e gay à frente da Fundação Ford. “Nela surfam medidas contra educação sobre gênero e diversidade nas escolas e restrições ao debate sobre racismo e sexualidade em universidades norte-americanas”, diz na entrevista de Segunda⁴⁵, publicada no jornal *Folha de S.Paulo*, em 09 de outubro de 2023. Em visita ao Brasil, Walker explica a origem do termo Wokismo, ou apenas Woke, que em inglês quer dizer “acordei”, sendo uma gíria que foi resgata pelo movimento *Black Lives Matter* na última década. “São esforços de neutralizar narrativas que deixam algumas pessoas desconfortáveis com nossa

⁴⁵ <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/10/o-anti-woke-e-nova-mascara-para-o-racismo-diz-presidente-da-fundacao-ford.shtml>.

história e com a própria ideia de igualdade. Para alguns, promover e preservar as hierarquias históricas de patriarcado e branquitude são uma prioridade”, diz o presidente da Fundação Ford.

O calor absurdo me convida ao desacelerar necessário. Comecei resgatando a receita de bolo de chocolate da minha mãe. O caderno de receitas amarelado no fundo da gaveta traz a beleza da grafia forte de minha mãe, que perdi em 2021 pela Covid-19, e me leva automaticamente para cozinha em Piracicaba, como se eu seguisse o cheiro de bolo quente e do café sendo passado no coador de pano para o lanche da tarde. O simples folhear no caderno de receitas me trouxe o barulho da cozinha de minha infância: uma casa sempre em movimento, vários televisores ligados (cozinha, sala, quarto), vizinhas batendo na porta, cachorro latindo, cheiros e barulhos de panelas sempre no fogo.

Mal terminava o almoço, já se pensava no lanche ou na receita do jantar. Resgatar cognitivamente situações e imagens se faz necessário para não perder o brilho nos olhos, para não virarmos seres autômatos. Já o automatismo gastronômico da minha mãe, hoje vejo, era um recurso para aguentar o fardo de manter, a qualquer custo o casamento, sempre ter o bolo perfeito [exposto na mesa] para o café da tarde e ser amável com as vizinhas fofoqueiras ou com o marido ausente. O resgate do caderno de receitas age em outra esfera cognitiva, ou seja, me faz resgatar a sinestesia da cozinha da minha mãe e, com isso, driblar o calor excessivo e a raiva que o movimento anti-woke gera em mim.

Acho que o tempo do século XXI pede esse vai e vem num resgate imagético e sensorial de objetos concretos e afetos, recurso este disponível a todos nós. E, com isso, podemos nos tornar mais vigilantes, como explica o presidente da Fundação Ford. “Precisamos ficar vigilantes, porque não podemos ter uma democracia plena e simultaneamente excluir milhares de pessoas de viver com dignidade”,

explica Walker, em referência às perseguições à comunidade LGBTQIA+ e aos negros.

A fala de Walker me fez lembrar da série *Maid*, (Netflix, 2021) que traz importante aprendizado. Ela conta a história da protagonista Alex (Margaret Qualley), uma jovem com uma filha de três anos, presa num relacionamento abusivo. O cientista político e professor da FGV, Guilherme Casarões, disse muito do que eualaria sobre a série original, dirigida por Molly Smith. “Ótima, mas perturbadora e angustiante, ilumina a importância de falarmos sobre a violência doméstica e abuso sexual”. Em outro trecho, Casarões diz: “a série também escancara a precária situação econômica dos EUA. Uma pobreza diferente da nossa, estranhamente materialista, em que pessoas não tem onde morar, podem até passar fome, mas vivem no/do próprio carro e tem acesso a certos bens de consumo”.

Nos 50 minutos de diversos episódios, Alex realiza sozinha uma verdadeira peregrinação em busca de seguro-desemprego, abrigo para vítimas de violência doméstica, creche para a filha, entre outros processos burocráticos e lentos. O segundo episódio, onde Alex passa uma longa noite no chão de um terminal de balsas com Maddy (filha de 3 anos), é um dos que mais me impactou, senti a angústia desta mãe. Outro ponto que me fez refletir é a relação de Alex com Regina (Anika Noni Rose) uma advogada negra, bem-sucedida, que praticamente não enxerga Alex, sua faxineira branca. Os papéis foram propositalmente invertidos para causar estranhamento no espectador que, infelizmente, está acostumado a ver os personagens negros desempenhando papéis secundários. Depois a narrativa ainda dá uma virada de 180 graus e Regina passa ajudar a jovem mãe, ganhando a minissérie um tom mais feminista.

Se vivemos mergulhados em telas, projetadas e pensadas por algoritmos criados por big techs, que usam as mesmas estratégias de

colonização usada pela Companhia das Índias no século XVII, saqueando o ouro e as pedras preciosas das colônias e, no século XXI, saqueando nossos dados, rostos e pegadas – sempre nos driblando com ofertas grátis de armazenamento ilimitado na nuvem, filtros que nos embranquecem a pele, nos emagrecem, promovem o consumo desenfreado e fácil [1 clique e o e-book já carregou, por exemplo], além de reforçarem a meritocracia e o empreendedorismo.

O APAGAMENTO QUE PROMOVE A DESINFORMAÇÃO

O apagamento histórico e a indústria da desinformação trabalham juntos 24 horas, 7 dias por semana, para nos infantilizar e neutralizar o diferente. É uma guerra de narrativas onde o *storytelling* do marketing tem passado na frente do fato. Ou quando trazem o fato como, por exemplo, no conflito recente entre Israel e Palestina (2023), o que ganha manchete nas redes sociais são as fake news moldando a imprensa, a opinião pública e tudo que possa gerar mais ansiedade e polarização. As telas não poupam nem as crianças das atrocidades dos ataques terroristas. Largar o celular e ler Italo Calvino (1923-1985), um dos mais importantes escritores italianos do século XX. Calvino escreveu “Seis propostas para o próximo milênio”, em 1985. No seu último livro (meu preferido), ele procura analisar a narrativa da vida pelo viés da leveza, rapidez, exatidão, visibilidade e multiplicidade. Acho que é um bom ingrediente para nós discutirmos o tempo e desaceleração necessária para evitar a manipulação (travestida de facilidades) oferecida pela IA generativa, por exemplo. Diz Calvino:

Cheio de boa vontade, buscava identificar-me com a impiedosa energia que move a história de nosso século, mergulhando em seus acontecimentos coletivos e individuais. Buscava alcançar uma sintonia entre o espetáculo movimentado do mundo, ora dramático, ora grotesco, e o ritmo interior

picaresco e aventureiro que me levava a escrever. [...] Às vezes, o mundo inteiro me parecia transformado em pedra: mais ou menos avançada segundo as pessoas e os lugares, essa lenta petrificação não poupava nenhum aspecto da vida. Como se ninguém pudesse escapar ao olhar inexorável da Medusa. O único herói capaz de decepar a cabeça da Medusa é Perseu, que voa com sandálias aladas [...].

As mudanças sociais, levadas pelo avanço tecnológico, atingiram um patamar sem precedentes na história recente. O impacto da chegada da web – e suas inúmeras possibilidades de interação – transformou o público consumidor em agente e hoje a “aldeia global”, vislumbrada por Marshall McLuhan, tornou-se realidade nas redes sociais. Acho que antes de discutir o tempo gasoso deste século é preciso trocar a lente para entender a sociedade atual. Brilhantemente nos ensinou Calvino, lembrando *Metamorfoses* de Ovídio.

Tudo pode assumir formas novas; o conhecimento do mundo é a dissolução de sua compacidade. Enquanto o mundo de Lucrecio se compõe de átomos inalteráveis, o de Ovídio se compõe de qualidades, de atributos, de formas que definem a diversidade de cada coisa, cada planta, cada animal, cada pessoa.

Modernidade líquida é um termo que foi cunhado pelo filósofo Zygmunt Bauman (1925-2017) e que define o mundo globalizado pela sua liquidez e volatilidade, que desorganizam todas as esferas da vida social das pessoas como a cultura, o trabalho, a educação e o amor, por exemplo, fazendo com que o indivíduo molde a sociedade a partir da sua personalidade. Uma personalidade construída pelas telas e, às vezes, com alguns fakes, vale ressaltar. Mas, quem já apontava essa anomalia era Jean Baudrillard (1929-2007), que dedicou uma parte inteira de *O Sistema dos Objetos* (1968) ao *gadget*, que descrevia como “aberrações funcionais”, que rompem o equilíbrio técnico do objeto. Aqui em terras brasilienses, quem também se debruçou sobre o objeto foi Arlindo Machado (1949-2020). No livro *A ilusão especular* (Ed. Brasiliense, 1984), ele diz:

[...] na verdade não foi a fotografia que tornou visíveis as novas paisagens plásticas produzidas pelas grande-angulares e teleobjetivas. Já no Renascimento, no momento mesmo em que as técnicas da perspectiva central eram aperfeiçoadas, métodos engenhosos de encurtar e alongar a evolução dos raios visuais em direção ao ponto de fuga estavam sendo elaborados. Como consequência, podia-se fazer com que um pequeno espaço se dilatasse a dimensões infinitas ou reduzidas a um ínfimo qualquer. (1984, p.134)

O que pretende se discutir no livro é que a técnica sempre esteve ancorada com os avanços sociais. Inteligência Artificial existe faz bastante tempo, vale lembrar o teste de Turing, entre outros, bem como a desinformação. O que mudou foi a escalonagem e a liquidez das relações. Bauman (2004), por exemplo, vai nos dizer que as relações amorosas e os vínculos familiares estão se tornando cada vez mais flexíveis, sendo que a lei que move os relacionamentos tornou-os um objeto de consumo, estando estes cada vez mais rápidos, fáceis e descartáveis, estabelecendo um novo padrão de relação social e fragilizando a confiança no próximo.

Para ele, a modernidade líquida sinaliza tempos em que nada permanece por muito tempo. Nessa ideia de uma cultura consumista, estão presentes o uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados, nem voltar ao caderno de receitas testadas da minha mãe. Basta pegar o celular e pedir um *Ifood*. O sul-coreano Byung-Chul Han diz que o “terror do igual abrange hoje, todas as esferas da vida” (2022, p. 10). Quando o Google diz no Brasil que a votação de um Projeto de Lei (PL 2630) pode aumentar a confusão, a estratégia enunciativa utilizada convida o leitor à dúvida.

A mesma estratégia se repete nos enunciados dos textos publicados em 27 de abril ("*Como o PL 2630 pode piorar a sua internet*") e 11 de março

("O PL 2630 pode impactar a internet que você conhece") nos veículos oficiais da marca. Com a clara investida das big techs na mobilização popular contra o PL 2630, o Supremo Tribunal Federal (STF) e o governo reagiram e a Secretaria Nacional do Consumidor notificou o Google a retirar o link da sua página inicial no prazo de duas horas, sob pena de multa de R\$ 1 milhão por hora não cumprida

Devir, me ensinou Deleuze, é uma espera benjaminiana, uma espera que flana. Para flunar você precisa enxergar e, ultimamente estamos apenas escaneando o dia a dia em vídeos curtos no TikTok, ou no Stories do Instagram. Não se abre para o novo, para o inusitado, se você for preso às amarras sociopolíticas de uma era. Se você leitor, por exemplo, for branco, como eu, mas ainda não reconheceu seus privilégios como tal e como diz Angela Davis: “numa sociedade racista, não basta não ser racista. É necessário ser antirracista”, ficará cada vez mais preso na sua bolha ou em movimentos ridículos como o “anti-woke”. E não vai batalhar por um planeta com menos aquecimento global, comida na mesa para todos e direitos iguais. Para Sartre (1968, p. 144), a violência colonial não tem somente a finalidade de impor respeito a homens colonizados, mas procura também desumanizá-los.

A aprovação da PL das Fake News, ou qualquer outra regulação – necessária – está presa nas amarras e pactos firmados no século XX. Confesso que sempre achei, como sabiamente diz Manoel de Barros, que "a sensatez me absurda". Para Barros nada mais devir do que "As flores do mal", segundo ele, a beleza e a dor de Baudelaire. Como você se comporta se esqueceu o celular em casa? Volta para buscar correndo? Ou trabalha normalmente e pega os recados no final da noite? Se você é do tipo que não consegue se desconectar, indico a “ética da desconexão”, proposta pelo professor André Lemos, da Universidade Federal da Bahia. Para ele “é preciso certa economia entre o que eu chamo de clique e contemplação. É

importante participar, mas também num certo momento recuar e poder desligar, entrar num outro registro, para que as coisas possam se assentar”, propõe Lemos no livro *CulturaDigital.BR*⁴⁶, organizado por dois pesquisadores brasileiros, Sérgio Cohn e Rodrigo Savazoni.

Sem distanciamento, respiros e vazios não conseguimos fazer a gestão correta do dia a dia e nem nos tornamos bons pais, filhos, jornalistas, gestores, checadores de fatos etc. Nem conseguimos tranquilidade para checar uma informação recebida, tornando a ansiedade um gatilho para a disseminação de desinformação. Ou ligar, por exemplo, para um colaborador fora da jornada de trabalho, de madrugada ou em finais de semana é causa de estresse, pois em 90% dos chamados, tudo poderia ser resolvido no dia seguinte com tranquilidade. Não é porque o colaborador possui um celular corporativo que ele precisa ficar 24 horas por dia, sete dias por semana, conectado. Outro exemplo de relação doentia que estabelecemos com as tecnologias pode ser observado quando a porta do avião se fecha e muitos passageiros estão freneticamente ligando para alguém para dizer que estão quase decolando ou mandando WhatsApp sobre qualquer assunto que, na maioria dos casos, poderia esperar uma ou duas horas.

Ou seja, matamos o distanciamento em troca de likes, notificações e filtros no Instagram que emagrecem, personas digitais que vivem felizes 24 horas por dia, pois são avatares. Como diz Han, em *A expulsão do outro, sociedade, percepção e comunicação hoje* (Ed. Vozes, 2022), “não privação e proibição, mas sobrecomunicação e sobreconsumo, não repressão e negação, mas permissividade e afirmação. (...) A depressão destrutiva não vem do outro, mas de dentro”.

⁴⁶ Livro *Cultura Digital* disponível para download em <https://www.procomum.org/wp-content/uploads/2018/01/cultura-digital-br.pdf>

Acumulam-se informações e dados, sem se chegar a um saber. Cobiçam-se vivências e estímulos, nos quais, porém, se permanece sempre igual a si mesmo. Acumulam-se *Friends e Followers*, sem nunca se encontrar com o outro. Mídias sociais representam um estágio de atrofia social". (HAN, 2022, p.10)

DEEPPAKES E PÓS-VERDADE

Pode-se perceber, então, que a relação social no século atual abre espaço para a conexão, um outro tipo de relacionamento menos “responsável entre as partes” e que entre as suas principais particularidades está a singular e irrevogável possibilidade de se desligar daquele outro ser, fragilizando assim o relacionamento e reduzindo a sua qualidade. Na esteira deste desligamento temos, por exemplo, a cultura do cancelamento.

"A cultura do cancelamento é a prática de organizar um boicote virtual de pessoas percebidas como desviantes. Ela pode levar a pessoa julgada ao esquecimento social. Essa cultura tem se espalhado pelas redes sociais, e suas dinâmicas provocam impactos significativos. Desde o surgimento das redes sociais até a polarização política, as causas e consequências da cultura do cancelamento são complexas, revelando um cenário preocupante de linchamentos virtuais", explica o site oficial Brasil Escola⁴⁷.

Para Fallis (2021), deepfakes são vídeos realistas criados usando novas técnicas de aprendizado de máquina em vez de meios fotográficos tradicionais. Eles tendem a retratar pessoas dizendo e fazendo coisas que na verdade não disseram ou fizeram. Complementando a visão de Fallis (2021), Lucia Santaella (2021, p. 17) define que as deepfakes são

⁴⁷ Disponível em <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/cultura-do-cancelamento.htm>

"uma extensão, em peças de áudio e vídeo, das fake news, estas quase sempre verbais".

Ambas estão associadas às multifacetadas questões relativas à pós-verdade. Mateus Soares, jornalista e pesquisador do website Desinformante, explica que, enquanto a gente ainda está lidando com as estratégias de desinformação nas plataformas digitais, um novo elemento se popularizou neste cenário: a chegada das IAs generativas como Chat GPT, DALL-E, e Stable Diffusion. A eleição presidencial argentina, decidida em segundo turno no domingo, 19 de novembro de 2023, foi o primeiro grande exemplo da interferência de ferramentas de inteligência artificial⁴⁸, como Midjourney, DALL-E 3, Runway e D-ID no processo democrático.

A Midjourney, por exemplo, é um serviço de inteligência artificial desenvolvido pelo Midjourney, Inc., um laboratório de pesquisa independente baseado em São Francisco. O Midjourney gera imagens a partir de descrições em linguagem natural, chamadas de prompts. Aquela IA que ficou conhecida mundialmente pelo casaco de neve branco colocado no Papa Francisco, foi feita por ela. O *Science Advances*, periódico multidisciplinar de acesso aberto da Associação Americana para o Avanço da Ciência (AAAS), no estudo "O modelo de IA GPT-3 (des) informa melhor que os humanos", avaliou se "os indivíduos recrutados conseguem distinguir a desinformação de informações precisas, estruturadas na forma de tweets, e determinamos se um tweet é orgânico ou sintético, ou seja, se foi escrito por um usuário do Twitter ou pelo modelo de IA GPT-3".

⁴⁸ Disponível em <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2023/11/18/novo-estagio-das-fake-news-deepfake-vira-arma-de-campanha-na-argentina.htm>

“Os resultados do estudo pré-registado, incluindo 697 participantes, mostram que o GPT-3 é uma faca de dois gumes: em comparação com os humanos, pode produzir informações precisas que são mais fáceis de compreender, mas também pode produzir desinformação mais convincente. Também mostramos que os humanos não conseguem distinguir entre tweets gerados pelo GPT-3 e escritos por usuários reais do Twitter”.

Em abril de 2023, após o presidente dos EUA Joe Biden confirmar sua candidatura à reeleição, os Republicanos soltaram um vídeo com imagens sintéticas feitas por inteligência artificial mostrando um futuro sombrio caso o democrata fosse eleito. O vídeo, intitulado “*Beat Biden*”, foi divulgado no canal oficial do Comitê Nacional Republicano no YouTube, apresentando um Estados Unidos distópico sob o governo de Biden, além de cenas sensacionalistas da China. A reportagem sobre o assunto, publicada pelo B9⁴⁹, “aponta que as imagens foram geradas pela IA Stable Diffusion, um concorrente do DALL-E 2, que permite aos usuários criar quaisquer imagens que desejem, incluindo conteúdo político inflamatório”.

A sociedade mudou e a comunicação é um agente fundamental para construção de memória e sentido nesse novo contexto social. Por ora, teremos, como comunicadores, de nos concentrar em propor melhorias para promover o uso da não-linearidade, cuja cognição ocorrerá conforme a bagagem cultural e sígnica de cada leitor. Em *Fluido, fluxo*, digo que as sociedades no século XXI se deparam com mudanças comportamentais aceleradas e desencadeadas pela sociedade da informação e seus fluxos incessantes. Nessa sociedade, que também

⁴⁹ <https://www.b9.com.br/161702/ia-e-politica-partido-republicano-lanca-video-gerado-por-inteligencia-artificial-contra-reeleicao-de-joe-biden/>

perdeu os limites do tempo, como retratamos nesse ensaio, fazemos muito e demais: compramos, comemos, bebemos, teclamos, trabalhamos... demais. Mas pouco falamos sobre sentimentos, sobre a tristeza, por exemplo. E, se pouco falamos, também pouco escutamos.

Quando falamos de informação falsa, a notícia é apenas uma parte. Localizado na contemporaneidade, o conceito de fake news tem atraído diversos campos de pesquisa que se mobilizam em busca de uma delimitação do fenômeno, já que, para Debord (1997, p. 201), “o que consegue se opor a uma verdade oficial tem de forçosamente ser uma desinformação proveniente de forças hostis, ou no mínimo rivais, que já vem deliberadamente falseada pela malevolência”. Ela pode permear diferentes áreas, impactar a vida de pessoas comuns, destruir reputações de marcas e governos. A construção do fake (falso), seja em relação a vacinas, marcas de refrigerantes, produtos de higiene pessoal ou políticos, causa um estrago sem precedentes para a democracia, ainda mais quando associada a campanhas midiáticas em canais de TV, meio impresso, etc. (FERRARI, 2020, p. 02)

Já o pesquisador israelense Yuval Harari nos deixa duas perguntas a serem respondidas: por que governos negacionistas impulsionaram teorias conspiratórias, não criaram planos de ação conjunta para enfrentar a crise e muito menos foram feitos esforços sérios para reunir todos os recursos disponíveis para otimizar a produção global e garantir uma distribuição equitativa dos suprimentos? Se preocupando de acusarem uns aos outros, de ocultar informações vitais, disseminar *fake news* e disseminação proposital do vírus, durante a pandemia de Covid-19? Para Latour (1947-2022)⁵⁰, em um dos últimos textos nos diz:

A primeira lição do coronavírus é também a mais espantosa. De fato, ficou provado que é possível, em questão de semanas, suspender, em todo o mundo e ao mesmo tempo, um sistema econômico que até agora nos diziam ser impossível desacelerar ou redirecionar. A todos os argumentos

⁵⁰ Imaginar gestos que barrem o retorno da produção pré-crise. Bruno Latour AOC-Media Domingo 29 mar 2020. Tradução Deborah Danowski.

apresentados pelos ecologistas sobre a necessidade de alterarmos nosso modo de vida, sempre se opunha o argumento da força irreversível do "trem do progresso", que nada era capaz de tirar dos trilhos, "em virtude", dizia-se, "da "globalização". Ora, é justamente seu caráter globalizado que torna tão frágil o famoso desenvolvimento, o qual, ao contrário, pode sim ser desacelerado e finalmente parado. De fato, não são apenas as multinacionais ou os acordos comerciais ou a internet ou as agências de turismo que estão globalizando o planeta: cada entidade desse mesmo planeta tem sua maneira própria de integrar os outros elementos que compõem, em um dado momento, o coletivo. Isso é verdade para o CO₂, que aquece a atmosfera global por sua difusão no ar; para as aves migratórias, que transportam novas formas de gripe; mas também é verdade, como estamos dolorosamente reaprendendo, para o coronavírus, cuja capacidade de ligar "todos os humanos" passa pela via aparentemente inofensiva dos nossos perdigotos.

Em seu um último eixo de análise, Harari contrapondo o papel positivo das tecnologias, nos alerta sobre o seu lado "B": o perigo da ascensão de uma chamada ditadura digital":

A digitalização e a vigilância colocam em risco nossa privacidade e aparam o caminho para o surgimento de regimes totalitários sem precedentes", alertou o pensador israelense. Em 2020, a vigilância em massa se tornou ao mesmo tempo mais legitimada e mais comum. Combater a epidemia é importante, mas merece a destruição de nossa liberdade no processo? Corresponde aos políticos, mais do que aos engenheiros, encontrar o equilíbrio adequado entre a vigilância útil e os pesadelos distópicos.

Nessa esteira, o professor israelense nos deixa duas regras básicas para evitar que sejamos pegos em uma ditadura como essa: (a) os dados pessoais que possam ser coletados, em particular sobre o que acontece dentro do corpo de alguém, deveriam ser utilizados para ajudar essa pessoa e não para a manipular, controlar ou causar dano e; (b) que a vigilância sempre deveria ser de mão dupla, em um espírito de cobrança e acompanhamento. Na primeira regra, resgatamos a recente Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD), que estabelece marcos importantes para

que as pessoas se sintam seguras quanto às suas informações pessoais e, na segunda regra, utilizarmos os mais variados *data sets* (conjuntos de dados) disponibilizados pelos governos, por meio dos dados abertos governamentais.

Quando uma big tech como o grupo Alphabet, dona de diversas empresas, como Google, DeepMind e Waymo, fundada por Larry Page e Sergey Brin, cofundadores do Google, e com subsidiárias no mercado financeiro, na biotecnologia, na agricultura, na indústria automobilística etc., espalha desinformação em seu blog oficial e por meio de mensagens, atrapalhando a votação da PL das Fake News no Brasil, percebemos, na prática, que a capacidade de se sentir humano anda em baixa na bolsa de valores. O lucro tem falado mais alto no setor de tecnologia.

A partir do achado, nos guardados de minha mãe do livro de Richard Bach, *Longe é um lugar que não existe*, reflito sobre nossa capacidade de se sentir humano e ter voz, pois diariamente, sem perceber, reforçamos nossas bolhas e mantemos nosso feed de notícias e entretenimento 100% abastecidos por recomendações de algoritmos que reforçam ainda mais nossas crenças, medos e desejos, desmaterializando assim o mundo atual, que vê, mas sem realmente enxergar a manipulação algorítmica em vigor.

5

REGULAR É PRECISO

de repente ...
bate a vontade de olhar o nada
sentir o cheiro do mato
caminhar
não escolher dia
nem hora!
Posso eu querer coisa melhor
Do que caminhar
Num entardecer de uma esquecida quinta-feira?

sentir a terra nos pés
o grilar nas árvores
Enfim
ser um ser a mais nua esquecida
quinta-feira

(Pollyana, 1998)

“Autêntico” foi eleita a palavra do ano de 2023 pelo dicionário americano *Merriam-Webster* para explicar algo que é “digno de aceitação ou de crença, de acordo com fatos”, “que não é falso nem uma imitação”, ou mesmo “fiel à própria personalidade, espírito ou caráter”. Em contrapartida, a série *Terra de Ilusões: Internet, Morte e Mentiras* (2022), da Netflix, mostra que os discursos de ódio e a incitação à violência têm navegado solto pelas bolhas virtuais e “a falta de atuação das plataformas digitais para apagar esse tipo de conteúdo e a reverberação proporcionada pelos algoritmos de recomendação, muitos conectados a uma lógica da economia da atenção tornam tudo mais assustador”, ressalta Liz Nóbrega, do website *Desinformante*.

Quanto ao sucesso das checagens de fatos, super necessárias e importantes no ecossistema midiático, mas que muitas vezes “enxugam gelo”, no mar de desinformação, são uma parte pequena do ecossistema midiático da segunda década do século XXI que precisa de regulação, descolonização e muita educação midiática. Definida como “o conjunto de habilidades para acessar, analisar, criar e participar de maneira crítica e reflexiva do ambiente informacional e midiático em todos os seus formatos – dos impressos aos digitais”, segundo o EducaMídia⁵¹.

Eli Pariser, em *O filtro invisível* (2012), afirma que a internet “desintermediou” as notícias. Esse processo de desintermediação, na visão do autor, é caracterizado por excluir as mídias tradicionais como intermediárias entre o público e a informação, que agora pode ser acessada diretamente na fonte que, na maioria das vezes, é não confiável. Segundo Ferrari (2018, p. 165), “a tarefa educacional é mostrar que fatos viram história no futuro e desejos nas redes sociais só alimentam os egos da sociedade de consumo”. Essa fragilidade se dá, principalmente, pela mudança das relações entre os homens, a era da informação e da Internet, que trouxeram uma espécie de interação superficial entre as pessoas, na qual o virtual passou a ser mais importante que o real, por ser mais confortável do que a realidade, e pela simples facilidade de nos desconectarmos de alguém, termo que ganhou até gíria no século atual, sendo conhecido como “foi cancelado”.

Regular para proteger. A pesquisadora Joy Buolamini (2016) expôs os problemas do preconceito algorítmico, que perpetua a discriminação e a exclusão de direitos, por meio de um experimento com um software genérico de reconhecimento facial: o algoritmo não reconhecia o seu rosto – a pesquisadora é negra – mas, quando ela colocava uma máscara

⁵¹ <https://educamidia.org.br/>

branca, o software reconhecia que uma pessoa estava ali. Esse problema acontecia por conta da forma que é feito o treinamento da machine learning. Como expõe a pesquisadora:

A visão informática usa técnicas de aprendizagem de máquinas para fazer o reconhecimento facial. Funciona assim: criamos um grupo de formação com exemplos de rosto. Isto é um rosto, isto não é um rosto. Com o tempo, podemos ensinar o computador a reconhecer rostos. Contudo, se os grupos de formação não forem diversificados, qualquer rosto que se desvie demasiado da norma estabelecida será difícil de detectar. Foi o que aconteceu comigo. (BUOLAMINI, 2016)

Byung-Chul Han (2022), em seu último livro *Infocracia*, vai nos dizer que “com a conexão digital se atingiu a condição estrutural prévia para as rejeições infocráticas da democracia”. Mas essa falsificação geral da vida comum já está presente em Debord quando vislumbra, em 1967, o que seria o atual século XXI. Quem concorda com Debord é Charaudeau, quando diz que “a pós-verdade não diz respeito apenas às notícias falsas, mas compromete a informação destinada ao grande público. Cabe aos atores envolvidos proteger-se ou combatê-la. As contraverdades que são lançadas no espaço público a todos os cidadãos colocam um problema para a democracia” (2022, p. 152). Como diz Mia Couto, em trecho do livro *O mapeador de ausências*, “todos temos duas sombras. Apenas uma é visível. Há, porém, aqueles que conversam com a sua segunda sombra. Esses são os poetas.

“Num cenário global fragmentado, é pouco provável que as tecnologias impeçam a propagação de suas capacidades mais perigosas, aponta o Relatório 2024 do Fórum Social Mundial, como a “chegada da IA generativa, permitindo que uma série de atores não estatais e estatais possam acessar um mundo sobre-humano, com amplitude de conhecimento para conceituar e desenvolver novas ferramentas de interrupção e conflito, desde *malware* às armas biológicas,

principalmente com ênfase em três pontos críticos em particular: a guerra na Ucrânia, o conflito Israel-Gaza e as tensões sobre Taiwan”.

Só para citar um exemplo, vindo do Brasil, a indústria dos golpes digitais segue a todo vapor. Levantamento preliminar feito pela ADDP (Associação de Dados Pessoais e Consumidor) com base em dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, informações do Procon e relatórios de consultorias mostra que o estelionato virtual no país cresceu entre 25% e 35% no país em 2023. Com a chegada das IAGs, os golpes também se sofisticaram na produção de deepfake – caso do leilão da Magazine Luiza⁵² e da promoção de celular da Havan⁵³ —, seja para criar chatbots que simulavam uma verificação real das informações fornecidas pelas vítimas.

Ao permitir a reprodução e a difusão em massa dos textos e imagens, a imprensa inaugura a era da mídia. Esta conhece seu apogeu entre a metade do século XIX e a metade do século XX, graças à fotografia, à gravação sonora, ao telefone, ao cinema, ao rádio e a televisão. Tanto Flusser quanto McLuhan, que colocam grande ênfase no modo como os suportes tecnológicos incidem sobre nosso modo de experimentar e significar o vivido, localizam já no século XIX o início do desmonte da era Gutenberg. McLuhan atribui à eletricidade, a partir do telégrafo, a origem de transformações na percepção do espaço e do tempo. E em todas estas épocas, a produção de conteúdo sempre foi a grande vedete. A multidão conectada e o contexto atual das tecnologias de comunicação criaram a demanda pela figura do produtor de

⁵² Disponível em https://www.aosfatos.org/noticias/golpe-iphone-98-reais-magazine-luiza/?utm_source=aosfatos&utm_campaign=fedd15dd4e-EMAIL_CAMPAIGN_2023_07_11_08_34_COPY_01&utm_medium=email&utm_term=0_-d376c0b720-%5BLIST_EMAIL_ID%5D

⁵³ Disponível em https://www.aosfatos.org/noticias/falso-golpe-havan-smartphones-179-reais/?utm_source=aosfatos&utm_campaign=fedd15dd4e-EMAIL_CAMPAIGN_2023_07_11_08_34_COPY_01&utm_medium=email&utm_term=0_-d376c0b720-%5BLIST_EMAIL_ID%5D

conteúdo digital, alguém capaz de fazer a filtragem, a produção, a reorganização e a interpretação do que se procura e é encontrado na internet. Muitas vezes executado por um jornalista, mas também por profissionais vindos da publicidade e da área de computação e, recentemente, ligados à IAG.

Em *Cultura da Convergência* (2008, p. 20) Henry Jenkins nos fala sobre nossa relação com as mídias digitais: “pense em sua relação pessoal com as mídias. Todos nós temos uma. Você é um fã que usa para se divertir. Você é um anunciante que usa para vender seus serviços. É um artista que usa as mídias para distribuir os conteúdos que cria. Qualquer que seja sua relação, certamente você percebeu que ela mudou muito nos últimos anos”. A profissionalização dos produtores de conteúdo no Youtube, por exemplo, foi muito mais acentuada do que possa ter acontecido com os blogueiros a partir de 2007.

Originários das mídias sociais, os influenciadores desenham sua fama e base de seguidores apoiados na ambiência digital (TERRA, 2021, p. 49). Tornaram-se concorrentes dos jornalistas, de alguma forma. Percebemos, inseridos nos fluxos da sociedade informacional em 2023, que o formato transmidiático ou mesmo a IA conseguem melhor interação, mas a questão envolve ética, algo que precisa ser aprendido, seja por um influenciador humano ou *bot*.

O cenário da produção de conteúdo na segunda década do século XXI traz youtubers, influenciadores e marcas produzindo conteúdo quase sem nenhuma regulação e pouca checagem, quando ainda não criam deepfakes e fake news. Para Eric Messa, gestor do Núcleo de Mídia Digital da FAAP/SP, “um influenciador digital é um termo que caberia melhor para identificar aquelas pessoas que fazem parte de um nicho muito específico e, dentro deste grupo, possuem um volume de

conexões superior à média das pessoas que pertencem a esse nicho” (MESSA, 2016, n.p.).

O iFood, empresa de delivery, por exemplo, contratou em 2022 agências de publicidade para desmobilizar movimento de entregadores, segundo a Agência de jornalismo investigativo Pública⁵⁴. A tática era criar páginas e perfis falsos nas redes sociais para esvaziar a narrativa de greve. A dissertação *Terceirização ou Autonomia: a condição laboral do motoentregador por plataforma digital em Belém-PA*, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA/IFCH) da UFPA, defende “que o conteúdo de plataforma potencializa a precarização do trabalho, enquanto as empresas maximizam seus lucros”, diz a autora Paula Beltrão.

COMO SERÁ A PRODUÇÃO DE CONTEÚDO NA ERA DA IA GENERATIVA?

“A conexão digital total e a comunicação total não facilitam o encontro com o outro. Elas servem, antes, para passar direto pelo estranho e pelo outro e encontrar o igual e o de igual inclinação, e cuidam para que o nosso horizonte de experiência se torne cada vez mais estreito” (Han, 2022, p. 11). De acordo com novo relatório da Unesco, mais de 85% das pessoas estão preocupadas com o impacto da desinformação online e 87% acreditam que esta já prejudicou a política do seu país, de acordo com o inquérito global. Em todos os 16 países, 68% dos entrevistados disseram que as mídias sociais eram onde as notícias falsas eram mais difundidas, à frente das aplicações de mensagens (38%), uma crença “esmagadoramente prevalente em todos os países, faixas etárias, origens sociais e preferências políticas”. Segundo Shirky (2011, p. 53),

⁵⁴ Como o iFood criou máquina oculta de propaganda para desmobilizar movimento de entregadores. Disponível em <https://www.brasildefato.com.br/2022/04/04/como-o-ifood-criou-maquina-oculta-de-propaganda-para-desmobilizar-movimento-de-entregadores>

Os meios de produção digital são simétricos. Uma estação de televisão é um local altamente dispendioso e complexo destinado a emitir sinais, enquanto uma televisão é um dispositivo relativamente simples de recepção de sinais. Por outro lado, quando alguém compra um computador ou um celular, tanto o número de consumidores quanto o de produtores aumentam em um. O talento continua distribuído de forma desigual, mas a capacidade bruta de criar e compartilhar é agora largamente distribuída e cresce a cada ano.

Mas esta capacidade largamente distribuída de criar conteúdo – desde a liberação do polo receptor para também ser produtor – com a chegada da cibercultura, presencia a partir de 2024 de um novo tipo de produtor de conteúdo: avatares hiper-realistas, como é o caso da IAG Emily Pellegrini, 23 anos, que já detém mais de 300 mil seguidores no Instagram (@emilypellegrini); ela não diz no seu perfil que não é humana e foi criada por um desenvolvedor que prefere não se identificar.

Como ela, milhares de perfis pipocam nas plataformas como TikTok, Pinterest, Instagram e APPs de relacionamentos, entre outros. Das primeiras personas como Magalu, do Magazine Luiza, no Brasil, a rede de televisão chinesa Xinhua, por exemplo, que mantém sua âncora digital trabalhando 24 horas por dia, o que vemos é uma falta de transparência por parte das marcas detentoras destes perfis e um foco 100% comercial ou de cunho político. Batizada de Xin Xiaomeng, a IA jornalista vai servir a quais interesses? Quem faz o filtro ético do seu trabalho? Os telespectadores perceberão que ela é uma IAG?

A partir da definição dada por *Neil Postman* (1931- 2003), educador, teórico de mídia e crítico cultural estadunidense e da teoria dos meios de McLuhan (1964), infere-se que as tecnologias de comunicação afetam a forma como os seres se relacionam, causando um profundo impacto na sociedade. Para Carlos Scolari (2015), a transmídia abarca duas possíveis interpretações, que podem ser complementares. A primeira é a interpretação dos meios como ambientes e a segunda interpreta os

meios como espécies. Para o professor da Universidade Pompeu Fabra, em Barcelona, e um dos grandes teóricos da transmídia na atualidade, as capacidades transmediáticas seguem uma topografia diversa e irregular. Aquelas que emergiram durante a investigação abrangeram, em simultâneo, um largo espectro mediático, em uma vasta lista de capacidades, desde as mais tecnológicas às mais narrativas ou estéticas que podem ir de podcasts, vídeos verticais e hipertextos.

“Estima-se que as bases de dados que alimentam os *chatbots* dialógicos tais como o Chat GPT, da Open AI, o Bard, do Google, e o Bing, da Microsoft, sejam da ordem de 300 bilhões de palavras. O dispositivo poderosíssimo que permite a sua utilização em tempo real é chamado de transformer – traduzido como transformador”, explica, no artigo “IA: Sob o véu da técnica, o assujeitamento humano”⁵⁵, a professora titular de fonética e fonologia do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, Eleonara Albano, que vê a relação atomista da mecânica, vaga o bastante para caber tanto no empirismo como no racionalismo, ferramenta da ciência europeia – desde o século XVIII – usada para excluir certos grupos da humanidade, assimilando-os ao animal-máquina cartesiano.

“Por meio dela, as potências coloniais europeias justificaram facilmente a escravização dos nativos das suas colônias”. Ainda para a professora, os grandes modelos de linguagem (GMLs) atuais, como ChatGPT, usam e abusam das narrativas produzidas pela mão-de-obra do Sul Global.

Não foi diferente com a noção de transmídia, que nasce nos Estados Unidos dos anos 2000, voltada principalmente para a técnica e

⁵⁵ Disponível em <https://outraspalavras.net/tecnologiaemdisputa/ia-sob-o-veu-da-tecnica-o-assujeitamento-humano/>

entretenimento. Mas, que a partir de produções latino-americanas da segunda década do século XXI, começam a produzir, o que passamos a chamar de transmídia social. São especiais multiplataformas que resgatam memórias históricas como o projeto brasileiro Querino (2022), ou ampliam denúncias como, por exemplo, *Mujeres en venta* (Mulheres à venda), de Rosário, Argentina (2015).

No livro *Cultura da Convergência* (2008), o professor do MIT, Henry Jenkins, se debruça sobre as primeiras produções transmidiáticas como *Star Wars*, *Matrix* e *Harry Potter* para destacar as novas formas de interação com o público, tendo o leitor/telespectador agora papel de emissor; transformando o universo daquela produção a partir da interação ativa do usuário. Já o argentino Carlos Alberto Scolari, autor de vários livros como *Ecología de los medios: Entornos, evoluciones e interpretaciones* (2015), vai nos dizer que nos últimos anos temos assistido a um aumento dos conflitos; salas de aula, hospitais, família, trabalho, comunidade, entre outros, tornaram-se espaços onde esses tipos de relações refletem polarização, muitas vezes embalada por produções transmidiáticas. “Além disso, esta diversificação tem sido acompanhada por um aumento na complexidade dos meios”, reforça Scolari.

Para Scolari, “a literacia transmídia é entendida como um conjunto de capacidades práticas, valores, sensibilidades e estratégias de aprendizagem e treinamento construído e aplicado no contexto das novas culturas colaborativas”, o que expande o conceito clássico de transmídia apresentando por Jenkins, onde não se dava grande ênfase a literacia envolvida na produção transmidiática. No Brasil, como exemplo de literacia, podemos citar A Rádio Novelo, maior produtora de podcasts com DNA jornalístico do país. Fundada em 2019, no Rio de

Janeiro, é responsável por mais de 20 produções entre podcasts próprios e para clientes, todos construídos num ambiente transmidiático.

Em 2020, lançou sua primeira série original, o *Praia dos Ossos*⁵⁶, que se consolidou como referência no estilo narrativo de podcasts em língua portuguesa e ultrapassou os 3 milhões de downloads em dois anos, contando a história de Ângela Diniz, que foi assassinada com quatro tiros numa casa na Praia dos Ossos, em Búzios, pelo então namorado Doca Street, réu confesso, no dia 30 de dezembro de 1976. Mas, nos três anos que se passaram entre o crime e o julgamento, algo estranho aconteceu. Doca tornou-se a vítima, com a ajuda da mídia da época.

Em 2022, vieram outros três projetos originais transmídia: *Crime e Castigo*⁵⁷, sobre o que é justiça no Brasil, *Tempo Quente*⁵⁸, onde mostra que o Brasil tinha tudo pra ser uma potência ambiental, mas tá ficando cada vez mais para trás. “A ciência alerta há décadas sobre a emergência climática, mas ninguém faz nada pra mudar. Está todo mundo perdendo nessa história – e isso a gente sabe. Agora: quem é que tá ganhando?” E o projeto *Querino*⁵⁹, lança um olhar afrocentrado sobre a História do Brasil: mostra alguns dos principais momentos (como a Independência, em 1822, ou a Abolição, em 1888) sob a ótica dos africanos e de seus descendentes”, diz o texto do website do projeto, que tem podcasts e reportagens especiais publicadas pela revista *Piauí*.

⁵⁶ Disponível em <https://radionovelo.com.br/originais/praiadosossos/>

⁵⁷ Disponível em <https://radionovelo.com.br/originais/crimeecastigo/>

⁵⁸ Disponível em <https://radionovelo.com.br/originais/tempoquente/>

⁵⁹ Disponível em <https://projetoquerino.com.br/>



Figura 2: O projeto *Querino* foi vencedor do prêmio Vladimir Herzog de 2023.

“Desde que foi lançado, o projeto *Querino* já foi tema de artigos e reportagens nos principais jornais brasileiros – Folha de S.Paulo, O Globo e O Estado de S.Paulo — e também no “The Guardian“. O podcast já ocupou o 1º lugar dos rankings brasileiros de Spotify e Apple e, em 24 de novembro de 2022, 110 dias após o lançamento, superando a marca de 1 milhão de downloads”.

Meios complexos onde a desinformação e a manipulação de conteúdos (deepfakes) se utilizam cada vez mais de componentes transmídiaticos, por meio de produtores de conteúdo humanos e não-humanos (avatars influencers), criados pelas atuais inteligências artificiais generativas (IAG) para ludibriar o leitor/ouvinte/telespectador, pedem uma edição transmídiatica antirracista e com componentes bem definidos de literacia.

6

DATAFICAÇÃO DA VIDA

eu me sinto leve
começo a flutuar
saio desse mundo
me transporto para um mundo mágico
um lugar onde não existem regras
problemas
poder

um lugar onde a preocupação maior é amar
amar tudo
do começo ao fim
a cada segundo amar mais
onde todos acreditam numa força maior
mágica
que move tudo
onde a natureza tem seu reinado eterno
sem fim
onde as pessoas só se alimentam
de amor e energia cósmica
e tudo se transforma numa canção de paz
cada gesto se torna uma dança única

quando olhar o pôr do sol
irá conversar com Deus
falar silenciosamente com o universo
todos se sentirão gaivotas
voando livres
voando sem fronteiras
sem destino fixo
seremos seres iluminados
maiores
enfim, alados

(Pollyana, 1980)

As tecnologias digitais operam a partir de um reducionismo do mundo àquilo que é calculável, restringindo sua diversidade ao efetivar uma dataficação da vida, um processo que transforma ações em dados, permitindo o monitoramento e a projeção de cenários de forma cada vez mais invisível nos sistemas materiais e simbólicos. Em entrevista ao podcast TiddCast, ep. 04⁶⁰, no dia 07 de junho de 2022, com a temática Desinformação nas redes, comento “que o fake acaba sendo um estilo perfeito para se apresentar nas redes sociais”. “É o filtro que colocamos, para emagrecer, para ficar com as bochechas rosadas como as de boneca, ou que no Dia dos Namorados postamos duas taças de vinho, apesar de estar sozinha (o) em casa”.

Vamos alimentando o algoritmo com pequenos desejos, em vez de realidades, e isso pode parecer ingênuo ou mesmo sem importância, mas a somatória destas postagens cria um padrão que se volta contra nós mesmos, embalado de consumo e, no caso da indústria da beleza, por exemplo, acabamos privilegiando um mercado que não valoriza o corpo real. Ao simular tratar da realidade como um todo enquanto resume-a ao computável, o modelo de inteligência datafocado e expresso por meio de aparatos digitais limita-se a mediações incapazes de contemplar a pluralidade de modos de conhecimento (HUI, 2021).

Para Latour (2016, p. 103), o mapeamento e a análise das controvérsias permitem “não só a compreensão de um campo de problemas, mas também a participação política nas questões científicas e tecnológicas”. As discordâncias abrem caixas-pretas e, por meio da cartografia, podemos identificar as forças que estão em jogo para nortear a construção de novos arranjos sociotécnicos. Por outro lado, a

⁶⁰ Tidd Cast https://open.spotify.com/episode/1YJazqFH3lqHWyy78ZsAxu?si=CEjBLwusRLaDpHeUSBzN7A&utm_source=copy-link.

certeza e a estabilidade sobre um conceito ou uma forma de organização podem ser induzidas como forma de tornar invisíveis e naturalizados outros modos de conhecimento e associação, o que, se lembrarmos de Paulo Freire (1977), mostra-se estratégico para engajar os oprimidos na manutenção e defesa da própria opressão.

Ou como disse, recentemente, o filósofo Noam Chomsky, em entrevista ao jornal New York Times, “a saída não é frear a IA generativa, mas estimular a educação política de quem consome e de quem programa” (Chomsky, 2023). Plataformas como ChatGPT e DALL-E (da OpenAI), o Bard (da Alphabet-Google) e Midjourney trouxeram a público ferramentas e aplicações antes restritas a grandes projetos espaciais, militares ou industriais. “Não porque o algoritmo possa ser por si só preconceituoso. Mas porque o universo de dados que o construiu reflete a presença do racismo estrutural da indústria e da sociedade a qual pertence, e o expande em novas direções. A violência social ganha aí contornos datificados nos pressupostos de sua arquitetura”, afirma a professora da FAU/USP, Giselle Beiguelman, cunhando o termo racismo algorítmico em coluna para Revista Zum⁶¹.

A pesquisa do Instituto Reuters para Estudos de Jornalismo, em Oxford, revela que o interesse em notícias caiu drasticamente em todos os locais pesquisados: de 63% em 2017 para 51% em 2022. Além do desinteresse, há também um crescente número dos que dizem deliberadamente evitar ler notícias e dos que desconfiam de seus conteúdos. O relatório, por exemplo, confirma a tendência de se privilegiar cada vez mais informações em áudio e vídeo e em redes como Instagram, TikTok, YouTube ou Spotify. “64% do público brasileiro afirma receber notícias pelas plataformas, sendo o YouTube a principal

⁶¹ <https://revistazum.com.br/colunistas/racismo-algoritmico/>

delas, utilizado por 43% dos brasileiros para notícias, seguido de perto por WhatsApp (41%) e Facebook (40%)”.

Segundo ainda a Reuters, “os dados de 2022 confirmam como os vários choques dos últimos anos, incluindo a pandemia de Covid-19, aceleraram ainda mais as mudanças estruturais em direção a um ambiente de mídia mais digital, móvel e dominado por plataformas, com implicações adicionais para os modelos e formatos de negócios do jornalismo”. Como afirma a professora e pesquisadora Brendesha Tynes, o racismo algorítmico é um sistema de práticas contra pessoas racializadas que privilegiam e mantêm o poder político, econômico e cultural para a população branca no espaço digital (Tynes, 2019). Um sistema que parte de uma referência criada por uma maioria de homens brancos situados em países do norte global. Considerando esse contexto, a professora e pesquisadora da PUC-SP Rosemary Segurado nos lembra que:

Quando entendemos que a tecnologia faz parte do império (patriarcal), nos apegamos à noção de Hardt e Negri (2000, p. 185) para diagnosticar uma “república universal” – na rede de poderes, arquitetadas para atuar de maneira “ilimitada e inclusiva”. Tal rede de poderes, comumente, perpetua o imperativo em torno da dominação das subjetividades, modelando afetos e desejos. No que se refere às novas tecnologias de comunicação pode-se afirmar que elas não revolucionam por si, e seu grande propósito está fortemente amparado no mercado. São instrumentos do império, historicamente dominados pela categoria masculina, desempenhando polaridades e dominação com base em hierarquias. Historicamente as mulheres foram e muitas vezes ainda são consideradas ingênuas e pouco aptas a trabalhar com a tecnologia, exceto as tecnologias domésticas, aquelas desenvolvidas para ajudar nos afazeres do lar e disponibilizar às mulheres mais tempo para cuidar e educar os filhos. (SEGURADO, 2021, p. 143)

OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Em um mundo cada vez mais moldado pelas mudanças climáticas, pobreza e conflitos, os ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável) não podem ser alcançados sem levar em conta os direitos e as necessidades dos deslocados por guerra, perseguição, violência e violações de direitos humanos. Segundo dados da ONU, atingimos 108,4 milhões de refugiados no final de 2022. No âmbito da proteção e das soluções, a Agência da ONU para Refugiados (ACNUR) está particularmente envolvida nos Objetivos que dizem respeito à erradicação da pobreza (ODS 1), fome zero e agricultura sustentável (ODS 2), saúde e bem-estar (ODS 3), educação de qualidade (ODS 4), igualdade de gênero (ODS 5), água potável e saneamento (ODS 6). E todos passam por ações que envolvem tecnologia.

Já cometemos muitos erros históricos, promovendo a visão do colonizar e usando a desinformação disponível na época para deturpar os fatos. Glória Kok, vai nos dizer em *O sertão Itinerante. Expedições da Capitania de São Paulo do século XVII*, por exemplo, que “a ideia de uma geografia americana aqui no Brasil é fruto de intenso processo de intercâmbio cultural, a serviço de um projeto cultural imposto pela Coroa portuguesa, através de seus agentes colonizadores”.

Se a Inteligência Artificial (IA) não garantir uma tecnologia que gere equidade social, veremos o “pacto da branquitude”, expressão cunhada por Cida Bento. Por todos os riscos e desafios, a ONU pede, em junho de 2023, a regulação mundial da IA até 2026. No Brasil, a regulamentação brasileira para a Inteligência Artificial (IA) teve início em 2020 no âmbito do Executivo, quando o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTI) publicou a Estratégia Brasileira de IA. “O PL 2.338/23 é inspirado na regulamentação recém-aprovada pelo

Parlamento Europeu, que classifica a IA por risco. Por exemplo, sistemas de IA que afetam direitos humanos fundamentais são classificados de alto risco, devendo cumprir requisitos mínimos de transparência e se submeter a controles mais restritos ou, dependendo da gravidade, nem sequer poderão ser comercializados”, diz trecho da reportagem especial da SBPC.

“Estamos num momento de mutação. Estamos mudando cognitivamente como seres humanos e como formato de sociedade: só para citar alguns exemplos que puxam essa mudança: a questão de gênero, das novas famílias homoafetivas, do trabalho administrando plataformas e a liquidez das relações afetivas (têm se mais bichos de estimação do que filhos, algo impensável há 30 anos). (...) Torne as coisas simples e trate os outros como gostaria de ser tratado. É o primeiro passo para derrocar a pós-verdade. Troque desejos por fatos. Fatos viram história. A tecnologia avança numa escala sem precedentes na história da humanidade, e essa mudança causa um choque estrutural muito grande, pois o tempo fluxo vai transformando tudo” (trecho publicado no livro *Fluido, fluxo*).

Nessa tarefa, mobilizamos também conceitos como dataísmo, trabalhado por van Djick (2014); poder instrumentário, como trabalhado por Zuboff (2019); sociedade disciplinar e sociedade de controle, como trabalhados por Foucault (2014) e Deleuze (1992), estes interpretados particularmente por Hui (2015) em sua discussão sobre molde e modulação. Como dito acima, entendemos o contexto econômico e político a partir da discussão de capitalismo de vigilância, por Zuboff. Para ela, existe uma diferença entre o poder totalitário, teorizado principalmente por Hannah Arendt, e o poder instrumentário.

[...] precisamos compreender a lógica interna específica de uma invocação de poder típica do século XXI para a qual o passado não oferece qualquer referência adequada. O totalitarismo voltava-se para a reconstrução da espécie humana através dos mecanismos duais de genocídio e de “engenharia da alma”. O poder instrumentário, como veremos, nos leva a uma direção muitíssimo diferente. Os capitalistas de vigilância não têm interesse no assassinato ou na reforma das nossas almas. Embora seus objetivos sejam de muitas maneiras tão ambiciosos quanto os dos líderes totalitários, são absolutamente distintos. (Zuboff, 2021, p. 393)

No meu livro *Hipertexto, hipermídia* (Contexto, 2007), digo que nos deslocamos do espaço euclidiano, como nos dizia McLuhan, aflorando geometrias não-euclidianas nas redes sociais, já que a ambiência da cibercultura nos supre de sensações capazes de gerar um olhar distante (de fora) sob as diversas formas de leitura e interpretação visual de conteúdos colaborativos. O espaço tornou-se um rizoma, repleto de ramificações. A gente não percebe isso no dia a dia, mas o suporte não importa mais, o hardware não importa mais. Se usarmos um notebook, relógio inteligente, ou acessar as mensagens do WhatsApp de uma geladeira inteligente, o importante é ter a informação ao alcance das mãos, onde você precisa, na hora em que precisa.

Acredito que o espaço e o tempo merecem ser rediscutidos e novamente conceitualizados após a experiência do rizoma. Mas, a experiência do rizoma pressupõe o outro e, nestes tempos líquidos de IA generativas, esquecemos do outro, esquecemos das memórias. E aí a tela fica rasa, sem profundidade e o papagaio ChatGPT te convence, pois já perdeu a sinestesia da vida. Meu avô José Ferrari, um italiano que fugiu da Primeira Guerra e veio ser ferroviário no Brasil. Apaixonado por trens, dizia que um dormente férreo guarda mais segredos do que uma existência inteira. Adoro ferrovias, estações, barulho de trem. Acho que carrego o *Zeitgeist* do avô José comigo. *Zeitgeist* é o espírito da época. É aquilo que nos cerca, nos envelopa como um bolsão de oxigênio. E o

espírito desta nova era, mediada por imagens sintéticas, deepfakes, desinformação e um forte colonialismo digital, traz uma crueldade neoliberal que exclui, mais do que inclui.

O neoliberalismo é tudo, menos o ponto-final do esclarecimento. Ele não é conduzido pela razão. Justo a sua loucura causa tensões destrutivas, que se descarregam na forma do terrorismo e do nacionalismo. A liberdade, tal como o neoliberalismo pretende que ela seja, é uma propaganda. (Han, 2022, p.30)

Para McLuhan “o espaço euclidiano é a prerrogativa do homem visual e letrado. Com o advento do circuito elétrico e com o movimento instantâneo de informação, o espaço euclidiano reflui e as geometrias não-euclidianas emergem. Lewis Carrol, o matemático de Oxford, estava perfeitamente consciente dessa mudança em nosso mundo quando fez Alice atravessar o espelho para um mundo onde cada objeto criava seu próprio espaço e condições de tempo”. Espaços e condições de tempo que têm privilegiado a desinformação, o colonialismo e outros males de uma sociedade ansiosa e mergulhada em telas.

EPÍLOGO

DEVIRES E AFETOS

Não se entregue não
Ainda tem chão, respira
Sei que falta ar
Mas de algum lugar, a gente tira

Não há mal que sempre dure
Meu amor procure
Apenas estar
E não entrar na pira
Respira, respira

Não se renda não
Vida sem razão, mentira
Ande no pomar
Que um dia em seu olhar florira
Toda chuva um dia passa

Veja na vidraça
O sol a brilhar
Sobre o ódio, a ira
Respira, respira

Nada terminou
Nunca termina
A sombra ilumina
A luz que apagou

(Trecho da música Respira de Chico César e Zeca Baleiro)

“A educação midiática tem muitas conexões com a justiça social. Ela nos ajuda a compreender as relações entre mídia, informação e poder. O processo de desenvolvimento de habilidades de alfabetização midiática nos ajuda a decifrar o que uma mídia quer que você acredite e

por que, quem se beneficia por você acreditar nela, quais perspectivas são valorizadas nas mídias de massa, quais são as perspectivas marginalizadas ou ausentes e como podemos ampliar seu espaço. Ajuda-nos a revelar estereótipos e aumentar a circulação de ideias sobre vários grupos”, vai nos alertar a Associação Nacional da Educação Midiática dos Estados Unidos (NAMLE). “Os modelos GPT 2 e GPT 3.5 da OpenAI, este último incorporado à versão gratuita do ChatGPT, assim como o Llama 2, do seu concorrente Meta, revelam “provas inequívocas de preconceito contra as mulheres”, alertou no dia 07 de março de 2024 a agência da ONU⁶² em comunicado. “As discriminações do mundo real refletem-se na esfera digital e também são amplificadas” nestas ferramentas, destacou Tawfik Jelassi, vice-diretor-geral da Unesco para a comunicação e informação”.

“A primeira partida de futebol em terras brasileiras data de 1874, o jogo foi uma exibição para a Princesa Isabel. Em 1916, começa a efetiva profissionalização com a criação da Confederação Brasileira de Desportos (CBD) e a respectiva filiação à Confederação Sul-Americana de Futebol (Comembol) e à Fifa (Federação Internacional de Futebol). Nessa ocasião, apenas sócios de clubes, ou seja, membros da alta sociedade podiam jogar, o que fazia do futebol um esporte muito elitista. Gordon Jr. (1995) comenta que até 1918 era formalmente vedada pela Federação Brasileira de Sports a inscrição de negros nos clubes de futebol. O caso de homens brancos de classe média e classe popular era bem diferente dos negros. Caso aqueles tivessem um “padrinho” o acesso ao clube era possível porque bastaria seguir as normas do clube, passando-se como um homem de “boa família”. Isso era impossível para os negros interessados em jogar nos clubes de futebol. Somente a partir de 1919 e 1920, alguns clubes começaram a aceitar

⁶² Disponível em <https://desinformante.com.br/ias-sexistas-unesco/>

jogadores negros. As restrições impostas aos jogadores negros diferiam muito das que eram colocadas aos brancos pobres. Com efeito, brancos trajados com uniformes não tinham nada que atestasse suas origens, o que conferia sua aceitação era o fenótipo étnico-racial”. (trecho extraído do artigo “O conceito de drible e o drible do conceito: analogias entre a história do negro no futebol brasileiro e do epistemicídio na filosofia”, de Renato Nogueira, veiculado no periódico⁶³ Revista Z Cultural, publicação eletrônica do Programa Avançado de Cultura Contemporânea – PACC/Letras/UFRJ, da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Justiça social, educação antirracista e descolonização de saberes devem ser um processo contínuo, na opinião do professor Luiz Rufino. No seu livro *Pedagogia das encruzilhadas*, ele vai nos dizer que a “descolonização é uma ação rebelde, inconformada, em suma, um ato revolucionário”. Ele ainda nos provoca com a pergunta: “O que é o mundo colonial senão um aterro das sobras da construção civilizatória do ocidente europeu? Como apontou Pap Ndiaye, embaixador, doutor em História, ex-ministro da educação na França (2022-2023). “Não nascemos racistas, nos tornamos racistas”. Participar da transformação digital que a IA vai causar, sem perder de foco a descolonização de saberes requer muita educação midiática. Uma pesquisa realizada pelo Instituto Francês de Opinião Pública (Ifop)⁶⁴, em 2023, apontou para uma preocupação entre os jovens: a desconfiança na ciência e nos conteúdos jornalísticos. E um dos grandes motivos seria a forte propagação de fake news nas redes sociais, principalmente na chinesa TikTok, plataforma líder em consumo na França.

⁶³ <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/o-conceito-de-drible-e-o-drible-do-conceito-analogias-entre-a-historia-do-negro-no-futebol-brasileiro-e-do-epistemicidio-na-filosofia/>

⁶⁴ Disponível em <https://www.ifop.com/>

Por meio de vídeos rápidos, usuários que não se identificam disseminam uma série de conteúdos falsos, utilizando desde áudios até vídeos adulterados por inteligência artificial generativa (IAG) para convencer o público, principalmente os jovens, conhecidos também no Brasil como a “geração TikTok”. As notícias falsas criam redes de desinformação, manipulando e influenciando a opinião pública a crer em algo que não é verdadeiro. Essa dinâmica ocorre devido ao uso de manchetes duvidosas, apelo emocional, títulos sensacionalistas, vídeos manipulados (deepfakes), entre outros métodos. Os deslizamentos informacionais cometidos a partir de textos gerados pela IAG sem a devida checagem por parte do profissional de imprensa contribuem para a imagem de instituição não digna de confiança. Além disso, o próprio veículo incorre no risco de se tornar produtor e disseminador de desinformação. “Os dados explodiram e as *big techs* sabem como se aproveitar disso. Inventaram uma nova forma de capitalismo, que chamo de acrobático: capitalismo de dados, de plataforma, neocolonialismo de dados”, diz a pesquisadora Lucia Santaella (CULT, ed. 291, mar.2023).

Em tempos de desincorporação do ser humano, não há como postergar essa necessidade. Uma transformação que exige um olhar descolonizador de todos nós. Vou dar um exemplo, do cinema, que ilustra bem como fomos moldados. Indiana Jones é um personagem fictício da série *Indiana Jones*, criado por George Lucas e Steven Spielberg, em homenagem aos heróis de séries/filmes de ação estadunidenses da década de 1930.

Com primeira aparição nos anos 1980, em *Indiana Jones e os caçadores da arca perdida*, a série reforça o estereótipo de herói salvador como homem branco do norte global que saqueia as relíquias arqueológicas do continente africano e do Oriente Médio para benefício

próprio e de seu país. Eu sou fã do ator Harrison Ford, assisti a trilogia Indiana Jones nos anos 1980 e até o último filme/homenagem ao ator que fez 80 anos recentemente e aceitou ser rejuvenescido por IA para as cenas iniciais do longa.

Nos anos 1990, mergulhada na cobertura da tecnologia digital, recém oferecida a nós mortais, principalmente depois da chegada do computador pessoal em 1982, eu não percebia que filmes como *Indiana Jones* promovem o olhar do colonizador no consciente coletivo e a normatização do saque de relíquias. A *jornada do Herói* me fisgava pelo emocional. Mas, hoje, mais de 30 anos depois, consigo refletir sobre a manipulação e propor novos olhares para tecnologia. O caminho se faz, caminhando, já dizia o poeta.

E, por isso, é fundamental que profissionais do setor da comunicação, juntamente com os leitores, ouvintes, usuários, sejam educados digitalmente, a fim de conhecer o funcionamento e finalidade das tecnologias, suas aplicabilidades, a dinâmica do universo dos dados, seus direitos e legislações de proteção aos dados individuais. O letramento midiático deve estar incluído dentro deste processo (Boarini, 2021). Como diziam os antigos, “não há raio em céu azul”, ou como afirma o teatrólogo alemão Bertold Brecht (1898-1956) “não confunda a resistência do oprimido com a violência do opressor”.

Não seria diferente com a IA generativa, até porque os programadores e as empresas que trabalham com IA são , em sua maioria, compostas por homens brancos. A pesquisa da Revelo⁶⁵, realizada entre janeiro e dezembro de 2021 com mais de 33 mil profissionais de tecnologia (a maioria composta por desenvolvedores) e sobre mais de 1,8 milhão de buscas realizadas por companhias que

⁶⁵ <https://www.revelo.com.br/e-book/relatorio-de-profissionais-de-tecnologia-do-brasil>

procuram trabalhadores desse segmento com habilidades principalmente em Java, Javascript, React.JS, Node.JS, SQL, C# e Python, mostraram que o mercado brasileiro de tecnologia tem 87,7% de programadores homens e apenas 12,3% de programadoras. Sérgio Amadeu (2023, p. 15) vai nos dizer que “o novo colonialismo é datafocado, e sua violência muitas vezes sutil produz a precarização nada suave do trabalho e aponta para uma submissão social enredada e gamificada que formata sujeitos submetidos à servidão maquínica e aos sistemas algorítmicos das grandes empresas do Norte global”.

“A necessidade de descolonizar se ergue e coloca no exato momento em que passamos a enxergar o que talvez tenhamos nos negado enxergar por toda uma vida [...] Ser aberto ao diálogo demanda afeto, um tipo de afeto especial, que nos permita ir além e, acima de tudo, transitar nas bolhas sociais e digitais em que temos vivido. Mas não é só aqui, o problema é, por assim dizer, planetário”, digo em trecho do meu recente livro *Descolonizar pelo afeto* (Veríssima, 2023).

Já Sayad, no livro *Inteligência Artificial e Pensamento Crítico* (Palavra Aberta, 2023), descreve um acontecimento na Amazon, que se tornou conhecido por meio de reportagem da Reuters (2018): “um sistema de seleção de candidatas, de 2015, ranqueava os empregados com até 5 estrelas, mas a empresa percebeu que o sistema de IA discriminava as mulheres. Isso porque os modelos de computador da Amazon foram treinados para avaliar os candidatas observando padrões nos currículos enviados à empresa durante um período de 10 anos. A maioria veio de homens, um reflexo do domínio masculino em toda a indústria de tecnologia. O sistema da Amazon ensinou a si mesmo que os candidatas do sexo masculino eram preferíveis. Ele penalizou currículos que incluíam a palavra feminino”.

SEPARAÇÕES, MUROS E AFINS

“O símbolo internacional de Cartagena, uma das cidades mais famosas da Colômbia, é um cordão de muralhas que separa as pessoas desde a sua construção no século 16: primeiro entre espanhóis e piratas, depois entre brancos e negros, e agora entre turistas e moradores da cidade”, diz a reportagem⁶⁶ do correspondente da BBC News Mundo, Daniel Pardo, que entrevistou Betty e sua mãe, Angélica Cáceres. “Fomos nós, negros, que fizemos essas paredes”, diz Betty, enquanto observa o amanhecer que tinga a rocha de coral. “Mas não temos muitos direitos sobre eles”, reclama. “Ninguém sabe nada das muralhas pra lá.” Empregada doméstica por 14 anos e depois massagista nas praias, Betty enfrenta as desigualdades de uma “cidade de quase dois milhões de habitantes onde duas em cada três pessoas, segundo dados oficiais, não comem três vezes ao dia; onde 70% trabalham na informalidade, têm a pior qualidade educacional do país” e nos roteiros turísticos – todos em dólar – mostra carruagens, hotéis suntuosos e passeios de barco pelo azul do mar do caribe.

Precisamos retomar o que cabe no conceito de humano, tão esgarçado nestes tempos líquidos atuais, seja na Colômbia instagramável, que pode ser recriada pela IA, no Brasil ou em qualquer parte do planeta. “Desvelamento de ideologias e horizontes tecnológicos por ações descolonizadoras e novos desenhos de trocas e fluxos, nos quais proletariado e cognitariado reconheçam a centralidade de seu trabalho, seu tempo e suas subjetividades expropriadas e inviabilizadas”, diz Tarcízio Silva, na apresentação do livro *Colonialismo digital*. “A resistência também implica salvaguardar ou criar oásis de comunidades dotadas de uma relativa autonomia (agroecológica) e de

⁶⁶ <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cmlxmeg1g9mo>

redes de economia social e solidária. A resistência também implica a coordenação de associações que se dediquem à solidariedade e à rejeição do ódio. A resistência prepararia assim as jovens gerações a pensar e agir pelas forças da união, da fraternidade, da vida e do amor”, vai nos ensinar o centenário filósofo Edgar Morin⁶⁷.

Que possamos ser fortes como as raízes da baobá, árvore nativa do continente africano. Considerada por muitos como uma espécie de árvore da vida, a identidade social africana de alguns povos é interpretada pela ideia de que as raízes do baobá representam os ancestrais e as memórias da comunidade, enquanto o tronco seriam as crianças e os jovens em crescimento. Possui grande importância para os povos africanos, podendo alcançar 30 metros de altura e mais de dez metros de circunferência. São capazes de viver por séculos ou milênios, por isso são consideradas verdadeiras ancestrais vivas.

⁶⁷ Compilado de toda a obra de Morin, disponível em <https://www.fronteiras.com/leia/exibir/ebook-edgar-morin-100-anos-pode-ser-baixado-gratuitamente>

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Cia das Letras, 2019.
- ALMEIDA, Silvio. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- BARBOSA, Livia e CAMPBELL, Colin. **Cultura, Consumo e Identidade**. São Paulo: FGV, 2007.
- BAUMAN, Zigmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BAUMAN, Zigmunt. **Vida para Consumo: A Transformação das Pessoas em Mercadoria**. São Paulo: Jorge Zahar, 2008.
- BAUDRILLARD, Jean. **A Sociedade do Consumo**. São Paulo: Edições 70, 2009.
- BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- BEIGUELMAN Giselle, **Racismo algorítmico**. Zum revista de fotografia. 02/10/2020. Disponível em: <https://revistazum.com.br/colunistas/racismo-algoritmico/>. Acesso em 17/09/2023.
- BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Cia das Letras, 2022.
- BOARINI Margareth. **Vida data-driven**. In: Terra, Carol (Org.) *Report Influcom: 10 tendências de comunicação, influência e dados*. Dez, 2021, p. 53-58. Disponível em: <https://static.casperlibero.edu.br/uploads/2021/12/Report-tendencias-InfluCom-2021.pdf>. Acesso em: 21.set.2023.
- BUOLAMINI, J. **Como eu luto contra o preconceito em algoritmo**. TED Talk, TEDxBeaconStreet, novembro de 2016. Disponível em: <https://www.ted.com/>

talks/joy_buolamwini_how_i_m_fighting_bias_in_algorithms?language=pt#t-206129. Acesso em: 10 de jun. de 2023.

BRASIL. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. Projeto de Lei PL 2630/2020 e seus apensados. [PL das Fake News]. Institui a lei brasileira de liberdade, responsabilidade e transparência na internet. Autoria do Senador Alessandro Vieira. Brasília, DF: Presidência da República, 2020. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/propostaslegislativas/2256735>. Acesso em: 9 set. 2023.

BRASIL. Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989. [Lei do Racismo]. Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. Brasília, DF: Presidência da República, 1989. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7716.htm. Acesso em: 9 set. 2023

CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser**. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CHARAUDEAU, Patrick. **A manipulação da verdade. Do triunfo da negação às sombras da pós-verdade**. São Paulo: Contexto, 2022.

CHARTIER, Roger. **Inscrever & Apagar**. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

COELHO, Fabio. **O PL 2630 pode impactar a internet que você conhece**. Blog do Google Brasil, 2023. Disponível em: <https://blog.google/intl/pt-br/novidades/iniciativas/PL2630/> Acesso em: 10 de set. de 2023

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e Mudança Social**. Coordenação, tradução, revisão técnica e prefácio: Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FAUSTINO, Deivison, LIPPOLD, Walter. **Colonialismo digital**. São Paulo: Boitempo, 2023.

DARNTON, Robert. **A questão dos livros: passado, presente e futuro**. Trad. Daniel Pellizzari. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 2017.
- DELEUZE, Gilles. **Post-scriptum sobre as sociedades de controle**. In: *Conversações: 1972-1990*. Tradução de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992. p. 219-226.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Qu'est-ce que la philosophie?** Op. cit., p. 104.
- DRUCKER, Peter. **Além da Revolução da Informação**. Disponível em: http://www.strategia.com.br/Arquivos/Al%E9m_da_revolu%E7%E3o_da_informa%E7%E3o.pdf. Acesso em 14.abr.2020.
- GIGLIO, Ernesto M. **O Comportamento do consumidor**. São Paulo: Thomson Learning, 2005.
- EDUCAÇÃO. **O que são big techs?** 2023. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/o-que-sao-big-techs.htm>. Acesso em 17/09/2023.
- EVANGELISTA, Rafael. **Singularidade: de humanos feitos simples máquinas em rede**. *ComCiência*, n. 131, p. 0-0, 2011.
- FALLIS, D. The Epistemic Threat of Deepfakes. *Philosophy & Technology*, 1-21, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s13347-020-00419-2>. Acesso em 02 de outubro de 2023.
- FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de Consumo e Pós-Modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1991.
- FERRARI, Pollyana. **Como sair das bolhas**. São Paulo: Educ, 2018.
- FERRARI, Pollyana. **Fluido, fluxo: reflexões sobre imagens voláteis, gênero, pós-verdade, fake news e consumo neste tempo de espirais fluidas** [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.
- FERRARI, Pollyana. **Panorama da educação midiática em tempos de fake news: os Recursos Educacionais Abertos como boas práticas de literacia**. *Questões Transversais – Revista de Epistemologias da Comunicação*, ISSN: 2318-6372. Vol. 8, nº 16, julho-dezembro/2020, Unisinos, RS.
- FERRARI, Pollyana. **Descolonizar pelo afeto**. São Paulo: Veríssima, 2023.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. [s.l.]. São Paulo: Leya, 2014.

HARARI, Yuval. **Homo Deus**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

HARARI, Yuval. **Sapiens – uma breve história da humanidade**. São Paulo: L&PM, 2015.

HARARI, Yuval. **O que aprendemos em um ano de pandemia**. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/607184-yuval-noah-harari-o-que-aprendemos-em-um-ano-de-pandemia>. Acesso: 23 out. 2021.

HUI, Yuk. **Modulation after Control**. *New Formations*, v. 84, n. 84–85, p. 74–91, 2015

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-RIO, 2010

HAN, Byung-Chul. **Infocracia: Digitalização e a crise da democracia**. Petrópolis, RJ, Vozes, 2022.

HAN, Byung-Chul. **O desaparecimento dos rituais – Uma topologia do presente**. 1ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

HAN, Byung-Chul. **A expulsão do outro: sociedade, percepção e comunicação hoje**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

HOOKS, Bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. São Paulo: Elefante, 2021.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade**. São Paulo, Editora Martins Fontes, 2013.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

IBM. **O que é inteligência artificial?** 2020. Disponível em: <https://www.ibm.com/bpr/cloud/learn/what-is-artificial-intelligence>. Acesso: 10/08/2023.

JOHNSON, Steven. **Emergência: a dinâmica de rede em formigas, cérebros, cidades e softwares**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003

KAKUTANI, Michiko. **A morte da verdade**. Rio de Janeiro, Ed. Intrínseca, 2018.

- KERCKHOVE, Derrick De. **A pele da cultura**. São Paulo: Editora Annablume, 2009.
- KITTLER, Friedrich A. **Gramofone, Filme, Typewriter**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2019.
- KOK, Glória. **O sertão Itinerante. Expedições da Capitania de São Paulo do século XVII**. São Paulo: Editora Hucitec: Fapesp, 2004, p.18.
- LACERDA, Marcelo. **Como o PL 2630 pode piorar a sua internet**. Blog do Google Brasil, 2023. Disponível em: <<https://blog.google/intl/pt-br/novidades/iniciativas/como-o-pl-2630-pode-piorar-a-sua-internet/>> Acesso em: 10 de set. de 2023.
- LATOURE, Bruno. **Cogitamus: seis cartas sobre as humanidades científicas**. São Paulo: Editora 34, 2016.
- LATOURE, Bruno. **Imaginar gestos que barrem o retorno da produção pré-crise**. 2020. Disponível em: http://www.bruno-latour.fr/sites/default/_les/downloads/P-202-AOC-03-20-PORTUGAIS_2.pdf. Acesso em: 27 abr. 2023.
- LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2010.
- MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A Árvore do Conhecimento**. São Paulo: Palas Athena, 2001.
- MACHADO, Roberto. **Foucault, a Filosofia e a Literatura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- MACHADO, Arlindo. **A ilusão especular**. São Paulo: Perspectiva, 1984.
- MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Cia das Letras, 1997.
- MANOVITCH, Lev. **The language of new media**. Cambridge: The MIT Press, 2001.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações, comunicação, cultura e hegemonia**. Trad. Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- MILLS, Charles W. **Ignorância branca**. Tradução de Breno Ricardo Guimarães Santos. Griot: Revista de Filosofia, Amargosa/Bahia, v.17, n.1, p.413-438, jun.2018. Texto

original: MILLS, Charles W. 'White Ignorance'. In: SULLIVAN, S.; TUANA, N. (eds.). *Race and Epistemologies of Ignorance*. Albany, NY: SUNY Press, p. 11–38, 2007.

MURRAY, Janet. **Hamlet on the Holodeck**. São Paulo: Editora Itáu Cultural, 2003.

MCLUHAN, Marshall. **Understanding Media: The Extensions of Man**. New York: McGraw-Hill, 1964.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MORIN, Edgar. **Ensinar a viver. Manifesto para mudar a educação**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

NEGRI, Antonio e HARDT, Michael. **Multidão: Guerra e democracia na era do Império**. Rio de Janeiro: Record, 2005

NOGUERA, Renato. **O conceito de drible e o drible do conceito: analogias entre a história do negro no futebol brasileiro e do epistemicídio na filosofia**. Revista Z Cultural, Rio de Janeiro, ano 8, n. 2, 2012. Disponível em: <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/o-conceito-de-drible-e-o-drible-do-conceito-analogias-entre-a-historia-do-negro-no-futebol-brasileiro-e-do-epistemicidio-na-filosofia/> Acessado em 09 de out. de 2023.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso. Princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2007.

PARISER, Eli. **O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

PRADO Jr., Bento; ALONSO MUÑOZ, Alberto (Trad.). *O que é a Filosofia?* São Paulo: Editora 34, 1992, p. 141.

PRANDINI, Paola. *Conexão Atlântica: branquitude, colonialidades e educomunicação na África do Sul, no Brasil e em Moçambique*. Belo Horizonte: Letramento, 2024.

RECUERO, Raquel. **#FraudenasUrnas: estratégias discursivas de desinformação no Twitter nas eleições 2018**. Rev. Bras. Linguíst. Apl., v. 20, n. 3, p. 383-406, 2020.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/vKnghPRMJxbypBVRLYN3YTB/?format=pdf&lang=pt>

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

RENÓ, D. & Flores, J. **Periodismo transmedia**. Madrid: Fragua editorial, 2012.

SCOLARI, Carlos. (2009). **Transmedia storytelling: Implicit consumers, narrative worlds, adn branding y contemporaru media production**. *International Journal of Communication*, 3: 586-606, 2009.

STATCOUNTER GLOBAL STATS. **The free, online visitor stats tool**, 2023. Search Engine Market Share Brazil. Disponível em: <<https://gs.statcounter.com/search-engine-market-share/all/brazil>> Acesso em: 22 de set. de 2023.

SAYAD, Alexandre Le Voci. **Inteligência Artificial e Pensamento Crítico**. São Paulo: Instituto Palavra Aberta, 2023.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano. Da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo, Paulus, 2003.

SANTAELLA, Lucia. **As irmãs siamesas fake news e pós-verdade expandidas nas deepfakes**. TECCOGS – Revista Digital de Tecnologias Cognitivas, n. 23, jan./jun. 2021, p. 15-24.

SANTAELLA, Lucia. **O dilema da inteligência artificial**. Cult. setembro de 2023. Disponível em: <https://www.cultloja.com.br/produto/cult-297-setembro-2023/>. Acesso em 17/09/2023.

SANTAELLA, Lucia. **Neo-Humano**. São Paulo: Ed. Paulus, 2022.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu, 2023.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, quilombos: modos e significações**. Brasília, DF: INCTI, 2015.

SANTOS, Milton. **Por uma Outra Globalização: do pensamento único à consciência universal**. São Paulo: Record, 2007.

SARTRE, Jean-Paul. **Colonialismo e Neocolonialismo** (Situações, V). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968.

SEGURADO, Rosemary; PENTEADO, Claudio; SILVEIRA, Sergio Amadeu da. (org.). **Ativismo digital hoje: política e cultura na era das redes**. São Paulo: Hedra, 2021.

SILVA, Tarcízio. **Racismo algorítmico: inteligência artificial e discriminação nas redes digitais**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2022. E-book.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Branquitude: diálogos sobre racismo e antirracismo**. São Paulo: Fósforo, 2023.

TYNES, Brendesha M. et al. **From racial microaggressions to hate crimes: a model of online racism based on the lived experiences of adolescents of color**. In: TORINO, Gina C. et al. (ed.). *Microaggression theory: influence and implications*. Hoboken, NJ: John Wiley & Sons, 2019. p. 194-212.

TORTELLA, Tiago. **Ministro da Justiça irá apurar prática abusiva após Google se manifestar contra PL das fake news**. CNN Brasil. São Paulo, 1º de maio de 2023. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/ministerio-da-justica-ira-aporar-pratica-abusiva-apos-google-se-manifestar-contr-pl-das-fake-news/>> Acesso em: 12 de set. de 2023.

ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância**. [s.l.]: Editora Intrínseca, 2021.

SOBRE A AUTORA



Filha única de um casal de classe média. Cheguei à universidade no final da década de 1980. Desde os 17 anos vivo em São Paulo, vindo de Piracicaba. Nestes 30 anos de jornalismo e 24 de docência e pesquisas sobre a mídia digital e sua relação com o humano, reli recentemente o último parágrafo do meu mestrado (2002) na USP. “Hoje, me vejo relendo Cem anos de solidão e me descubro sem culpa por não acordar e correr para frente do micro; sinto vontade de deixar o celular desligado; acho que chat nenhum substitui um banho quente e um beijo do ser amado.

Enfim, ando refletindo sobre a terra. Afinal, alguém tem que plantar arroz, enquanto outros navegam pela Web”. Livre Docente em Comunicação e Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), doutora e mestre em Comunicação Social pela Universidade de São Paulo (USP), professora do Departamento de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias da Inteligência e Design Digital (TIDD), ambos da (PUC-SP). Autora de 11 livros sobre comunicação digital, entre eles, Descolonizar pelo afeto, Como sair das bolhas, Jornalismo Digital e A força da mídia social.

PROJETOS DE PESQUISA

Projetos desenvolvidos via grupo de pesquisa Comunidata/CNPq (<https://www.pucsp.br/comunidata>). O grupo Comunidata, fundado em 2015, e coordenado por mim, reúne pesquisadores multidisciplinares e interdisciplinares que investigam os impactos da tecnologia em áreas como o jornalismo, a educação, a fotografia, o cinema, o design e as mídias digitais.

Nosso campo de pesquisa parte da tecnologia, de sua influência e da comunicação que estabelece com a sociedade e, por este motivo, nossos pesquisadores são estimulados a lançarem seus olhares para as mudanças comportamentais aceleradas e desencadeadas pela sociedade da informação e seus fluxos incessantes e a aprofundarem seus estudos aos inúmeros meandros e situações que circundam os ambientes e o ser humano a partir da tecnologia e dos impactos que causa em nosso dia a dia.

Em 2016, lançamos nosso primeiro livro, *Comunicação digital na era da participação* (Editora Fi) em formato e-book. Com prefácio de Lúcia Santaella, nossa obra foi composta por artigos que traziam discussões que abordavam desde a hipermídia ganhando corpo social, o jornalismo em base de dados, a curadoria de conteúdo e o futuro das marcas, passando pela transformação da linguagem de vídeo para o Youtube, a leitura de telas, até o choque de gerações, o empreendedorismo digital e os financiamentos coletivos.

DESCENDENTES DE ELIZA (PESQUISA ATUAL)

A pesquisa atual do grupo Comunidata, envolvendo 18 pesquisadores entre doutores, mestres e professores da PUC-SP e convidados das universidades federais da Bahia (UFBA) e do Recôncavo da Bahia traz no título [Descendentes de Eliza] um termo cunhado pela pesquisadora norte-americana Janet Murray, no livro *Hamlet on the Holodeck* (Ed. Itaú Cultural, 2003), quando diz que todas as IAs que vieram depois da psicoterapeuta Eliza, desenvolvida em 1966, pelo matemático Joseph Weizenbaum, pesquisador do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), são seus filhos. Desde fevereiro de 2023 o grupo vem discutindo os desdobramentos e desafios do uso da Inteligência Artificial generativa no trabalho, na escola, no design, no combate à desinformação, nas artes, entre outras áreas que sofrerão impacto.



A Editora Fi é especializada na editoração, publicação e divulgação de produção e pesquisa científica/acadêmica das ciências humanas, distribuída exclusivamente sob acesso aberto, com parceria das mais diversas instituições de ensino superior no Brasil e exterior, assim como monografias, dissertações, teses, tal como coletâneas de grupos de pesquisa e anais de eventos.

Conheça nosso catálogo e siga as nossas páginas nas principais redes sociais para acompanhar novos lançamentos e eventos.



www.editorafi.org
contato@editorafi.org

Corporações que dominam os mercados da tecnologia da informação (big techs) favorecem a lógica que produz colonialidade, desigualdade e desinformação. Para o historiador Brendan Mackie, da Universidade da Califórnia, em Berkeley, as big techs se utilizam das mesmas estratégias de colonização da Cia das Índias. O livro promove questionamentos sobre o colonialismo digital vigente, em pleno século XXI, alimentado, muitas vezes, pela lucrativa indústria da desinformação, onde os discursos de ódio envolvendo raça, gênero e divisões geopolíticas, entre o Norte e o Sul Global, ganham destaque na mídia e nas telas, priorizando o discurso do opressor.



editora *fi*.org

